

CRIS SOARES

Do fim ^{ao} começo

*Algumas histórias só
começam depois de
um final*





COPYRIGHT © 2018 – CRIS SOARES

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação, ou quaisquer outros, sem autorização prévia, por escrito, da editora.
Esta é uma obra de ficção.

Produção Editorial: **Skull Editora**

Capa: **Murillo Magalhães**

Revisão: **Amanda Bonatti**

Diagramação: **Denilia Carneiro**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha catalográfica feita pela Editora.)

SOARES, CRIS.

DO FIM AO COMEÇO | 1ª Ed

São Paulo – SP, 2018

ISBN: 978-85-53037-01-8

1- Literatura Brasileira. 2 – Romance

EDITORIA

SKULL

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer forma

Avenida Julio Bueno, 3330

Vila Constança

São Paulo – SP

CEP: 02258-000 — Tel: (11)95885-3264

www.editoraskull.com.br.

Cris Soares

Do fim ao Começo

Algumas histórias só começam depois de um final

1º Edição 2018

Sumário

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

Capítulo 30

Dedicatória

Àquelas pessoas que não se permitiram amargurar e endurecer, mesmo com todas as feridas causadas pelas tentativas fracassadas de encontrar o amor. A todas as pessoas que não desistiram de amar ao próximo, e, principalmente a si mesmos: essa história é para vocês.

(E princesas) Encantados existem, sonhos tornam-se reais, e a felicidade sempre esteve ao alcance das suas mãos, basta agarrá-la.

Capítulo 01

O para sempre também tem prazo de validade

Eu acordo e, antes mesmo de abrir os olhos, tato toda a cama procurando meu celular. Daí lembro que não preciso. Não vai ter nenhuma mensagem de bom dia, pelo menos não dela.

Abro os olhos com dificuldade, já que eles estão tão inchados. Eles trabalharam duro expulsando minhas lágrimas. Acho que estou desidratada. Toda água do meu corpo deve ter sido expelida através dos meus olhos durante a noite de ontem.

O quarto está inundado de luz, o sol entra e invade tudo, não deixando sequer uma única sombra, a não ser a escuridão em que meu coração se encontra agora, pelo menos o que sobrou dele.

É engraçado o poder que uma mensagem de texto pode ter na sua vida. Acordei esperando por uma mensagem de texto que me faria sorrir, como todas as manhãs, mas ontem, foi uma dessas que partiu meu coração em *zilhões* de pedacinhos de insignificância.

Anteontem eu tinha uma namorada. Estávamos juntas há quase cinco anos. Hoje, não tenho mais. Há duas semanas ela disse que me amava e que seríamos para sempre, estávamos completando quatro anos e oito meses de namoro, mas o “para sempre” dela venceu ontem. Duas semanas foram o suficiente pra que ela percebesse que não me amava mais. A melhor parte foi ela dizer que:

Faz um tempo que não é mais a mesma coisa e não dá pra continuar com isso.

Eu não insisti que ela pensasse melhor, não supliquei por uma chance, nem mesmo pedi para que ela fosse menos covarde e terminasse nossa relação de uma maneira digna, olhando nos meus olhos e não através de uma mensagem de texto. Foi precisamente neste momento que caiu a ficha do quanto ela é indiferente ao amor e ao respeito que eu tenho por ela, pela relação que construímos. Quer dizer, que eu construí. E assim acabou um relacionamento de quatro anos e oito meses e... catorze dias.

Levanto da cama e paro diante do enorme espelho. Olho para mim mesma, mas não sou capaz de reconhecer quem me olha de volta. Essa no reflexo não se parece em nada comigo. Estou uma confusão de inchaço e vermelhidão. Parece até que tive uma reação alérgica. Na verdade, acho que foi isso mesmo: estou com alergia à decepções amorosas.

Saio da frente do espelho por não aguentar mais me ver e não me reconhecer. É melhor tomar um banho. Ainda é muito cedo pra eu ir trabalhar, mas não quero ficar em casa sozinha. Então, como diz minha mãe, vou "cuidar da vida".

Depois do banho, tento encarar a mim mesma de novo. O inchaço ainda está aqui, mas a vermelhidão amenizou e agora não passa de um leve tom de rosa. Sinto-me perdida dentro de mim mesma, porém, sei que sou capaz de me encontrar novamente. Visto o uniforme do trabalho — que não permitiria manter a autoestima nem mesmo da Gisele Bündchen, imagina levantar a minha — e desço pra tomar café.

Sento à mesa e olho para o café da manhã que minha mãe deixou pronto antes de sair para trabalhar: cuscuz e café com leite. Coloco um pouco de café e leite na xícara e não consigo evitar olhar para o pote de Nescau em cima da mesa. Não vou mais precisar comprar Nescau, agora posso comprar Toddy se eu quiser, eu tomo qualquer um, ela que só gostava de Nescau.

Obrigo-me a comer. Não insisti mais depois da terceira colherada e de quase devolver o que já tinha engolido.

Vou trabalhar chorando. Choro por todo o caminho até o trabalho. Choro de casa até o ponto de ônibus. Choro durante os cinquenta minutos do trajeto de onde eu moro até o ponto de parada em que desço e choro também durante os quatro quarteirões que preciso caminhar, após descer do ônibus até o prédio em que trabalho.

Rompimentos são sempre dolorosos. Acho que este está sendo pior porque eu realmente acreditei que agora daria certo, que havia encontrado a pessoa certa, que a procura havia chegado ao fim e eu poderia ser feliz.

Sim, sou dessas. Acredito que preciso encontrar a minha alma gêmea para ser feliz plenamente e esse é meu terceiro grande fracasso. Já estou em desespero porque a idade não me permite esperar tanto assim.

(Abre parênteses...

Conheci a Clarissa quando ainda era casada. Não, eu não traí meu ex-marido com ela. E, sim, eu o deixei por ela. Não que ela tenha sido uma "destruidora de lares", já que não tem como destruir algo que já nem existe mais, e, para ser totalmente honesta, meu casamento não existia há muito tempo. Eu estava deprimida, Claudio e eu só brigávamos e eu não estava feliz. Então, ela apareceu.

Eu trabalhava em uma loja de departamentos e era época de fim de

ano, com aquele furdunço de gente, barulho, crianças chorando e homens estressados porque as mulheres ainda não haviam decidido o que comprar. Eu estava em pé fechando o caixa de uma funcionária que tinha saído para o almoço, quando a vi.

A bateria de caixas ficava em frente às escadas rolantes e ela estava no meio de umas dez garotas que haviam sido contratadas para o quadro extra de natal. Eu nem sei ao certo se eram dez, estou chutando. Poderiam ser vinte, quinze, sete ou três, não importa. O que importa, é que eu não vi mais nada.

De repente não havia mais choro, ou homens apressando suas mulheres pra evitarem o trânsito que estaria caótico dali a pouco. Olhei para ela diretamente e juro que meu coração deu um puxão no meu peito. Ela estava linda. Usava o uniforme da loja, calça preta, blusa da mesma cor, de mangas curtas, o cabelo estava preso em uma trança lateral e ela estava sorrindo. Quando ela se aproximou, nossos olhos se encontraram e meu estômago se contorceu de um jeito que nunca conseguiria explicar.

Você já viu um show de dança do ventre? Sabe aquela coisa que as dançarinas fazem com a barriga que ela se move em ondas? Era basicamente essa a sensação, eu acho.

Ela chegou perto de mim ainda sorrindo e continuava com os olhos colados nos meus. O sorriso dela é lindo, com um pequeno espaço entre os dois dentes da frente, tipo o Bob Esponja, mas não tão separados quanto os dele. Ela tem os olhos mais lindos que já vi. Olhos castanhos, grandes, redondos e expressivos.

— Oi, boa tarde! Eu sou a Clarissa, você deve ser a líder de caixa, não é? — perguntou ela.

— Sim! Meu nome é Dayana, muito prazer — respondi sorrindo.

Sorrimos e assentimos uma para a outra e, então, não deu mais pra não notar o barulho. Foi como se alguém tivesse teclado o botão mute do controle remoto quando eu a vi e, agora, tivessem teclado novamente e todo o barulho tivesse voltado à vida.

Eu olhei para todas as meninas que haviam descido com ela, cumprimentei todas, me apresentei, perguntei seus nomes, fui encaixando cada uma em um dos caixas disponíveis e segui com a rotina que conhecia tão bem, mas agora com um clima totalmente novo no ar.

A loja de departamentos na qual trabalhei já não faz mais parte da minha vida e das poucas coisas que ela me trouxe, perdi a única que

apostava ser para sempre.

...Fecha parênteses)

Capítulo 02

Primeiro dia após o fim

Quando eu cheguei em frente à porta giratória do prédio em que trabalho, desejei que ao girar para dentro, toda aquela angústia no meu peito se dissipasse. Então, respirei o mais fundo que consegui, fechei os olhos e entrei. Acho que não respirei fundo o suficiente ou não desejei com tanto afinco, porque aquela angústia que amanheceu no meu peito continuava lá, sem ceder um único milímetro para fora de mim.

Eu trabalho como recepcionista em um Edifício Empresarial e tenho uma das minhas melhores amigas como colega de trabalho. Isso é uma dádiva e ao mesmo tempo uma maldição. Estou com medo de olhar pra ela e desmoronar porque tudo que eu mais queria era conversar, chorar e ter um colo para me confortar.

Caminho em direção à recepção, suplicando com os olhos que ela não me pergunte como estou, não preciso de muito mais do que isso pra cair aqui e agora. Graças a Deus ela entende. A Elisa sempre entende.

Claro que ela já sabia de tudo, contei a ela logo após a Clarissa foder com meu coração.

— Então, você vai mesmo à festa de Halloween na casa da Melissa?

A Elisa é a minha amiga séria. Ela é casada há quase um ano, casamento do qual fui uma das madrinhas, claro. Ela é bem diferente da Mel, que também é casada.

Elisa é mais do tipo livros, séries e *gordices* com o marido, do que festas de Halloween ou o que quer que seja envolvendo música alta, bebidas e uma noite acordada.

— Ainda não sei. Ela me intimou a ir e eu sei que vai ser bom para espairecer e tal, mas eu realmente não sei se estou no clima para festa.

— Você ainda tem algumas semanas para entrar no clima. Acho que vai ser bom para você. Mal não fará, isso é certo.

— Estou pensando a respeito. Talvez o que eu precise é ligar o botão de foda-se pelo menos uma vez na vida! É, acho que eu vou! Tomar um porre daqueles e dançar a noite toda até meus músculos ficarem moídos, doloridos, até esquecer de mim mesma.

— Não se esqueça de si mesma. Ligue o foda-se se quiser, que se dane! Mantenha a droga do foda-se ligado e quebre o botão para não ter como desligar, se for o que tiver vontade, mas nunca mais se esqueça de si

mesma. Você já fez isso por tempo demais. Agora você precisa lembrar.

Meus pensamentos começam a vaguear por lugares que eu não quero que eles sigam e meus olhos se enchem de água, eu disparo para o banheiro, fico lá apenas deixando que as lágrimas caiam e desejando que minhas lembranças possam sair de mim junto com elas.

Depois de alguns minutos volto para a recepção.

— Eu estava falando para lembrar-se de si mesma e não daquela vaca! *Ops*, da Clarissa. Ela não vale a pena, você sabe. E não volte mais para aquele banheiro para chorar por ela, senão te dou uma surra para você chorar com uma razão justa.

Eu sorrio, porque sei que ela seria mesmo capaz disso.

— Sim senhora — falo enquanto faço sinal de continência para ela.

— Ótimo. Além do mais, estou com fome e sua sessão de *sofrência* está atrasando meu almoço — diz pegando sua bolsa e saindo em direção à copa para almoçar.

A Elisa voltou do almoço e eu saí logo depois. O dia seguia como todos os dias. As mesmas pessoas apressadas e estressadas, indo e vindo.

Eu estava totalmente no automático. Tudo que mais queria era que o tempo voasse para que eu pudesse voltar para minha cama, me afogar nos meus lençóis e dormir até que essa maldita dor fosse embora. Porém, as horas andavam a passos de uma lesma com deficiência física e visual de quem roubaram a bengala, enquanto eu continuava numa confusa mistura de dor, raiva, descontentamento e arrependimento.

Não fazia ideia de como reverteria essa situação. Aquela idiota tomava todo o espaço do meu cérebro, do meu coração e do meu ar. Lembranças dos olhos dela, enormes e lindos, olhando pra mim desconfiados quando estávamos em público, do sorriso perfeito, apesar do “defeito”, me atormentavam a cada vez que eu piscava os olhos, como flashes de desejos que eu nunca mais poderia sonhar.

Eu me pego várias vezes ao dia sentindo o cheiro dela e isso está quase me colocando numa camisa de força. Acordo do meu devaneio com a ameaça de linchamento que a Elisa me fez ao ir embora.

— Estou falando sério! Se você chegar aqui amanhã de cara inchada por mais uma noite de lágrimas eu vou te espancar até você descobrir o que é dor de verdade. Até amanhã — diz caminhando em direção à saída.

— Eu também amo você, viu? — digo em voz alta para as costas dela.

— Ainda bem que não preciso falar. Você sabe, sou aquariana, não falo esse tipo de coisa. Sinta-se avisada — responde sem se virar para me olhar.

Ela se foi e me deixou com mais quatro horas para duelar sozinha com minhas lembranças estúpidas que só me fazem chorar. Algumas batalhas eu venci, outras não, então, o resto do dia intercalo entre sorrisos forçados e escapadas para chorar no banheiro.

Capítulo 03

O Cupido do Halloween

Caramba! Essas últimas semanas passaram voando — penso ao abrir os olhos pela manhã. O engraçado é que senti cada dia dessa semana se arrastar, totalmente ciente de cada segundo que passava. Eu não conseguia parar de pensar ou questionar o que havia acontecido para a Clarissa ter feito o que fez.

Eu estava cada dia mais insuportável. Não conseguia parar de falar sobre isso. Minhas amigas já estavam quase perdendo a paciência e sabia que tinha que parar, mas era mais forte do que eu... Eu só queria dar sentido a tudo isso.

Viro-me na cama e vejo a mochila que já está preparada para o fim de semana. Hoje é a festa de Halloween na casa da Melissa e vou direto para lá assim que acabar o expediente no trabalho.

Passei essas duas semanas tentando encontrar uma desculpa boa o suficiente para furar com ela, mas não encontrei nenhuma que fosse boa o bastante. De qualquer forma, ela não engoliria mesmo que fosse a melhor desculpa de todos os tempos e a verdade é que eu preciso me distrair.

Estou nervosa e com medo. É estranho passar a de repente ter uma vida da qual a Clarissa não faça mais parte. Minha vida esteve entrelaçada com a dela por tanto tempo, que desatar esses laços é mais difícil do que eu esperava, apesar de ela já ter cortado a fita que nos unia.

Engulo o nó que se forma na minha garganta e o choro que começa a querer gritar para fora de mim. Faço meu ritual de todas as manhãs e vou trabalhar tentando lembrar que não preciso que ela esteja comigo.

As horas resolvem que hoje é um bom dia para fazerem *cooper* e correm mais rápido do que o *Bolt*. Quanto mais se aproxima o fim do expediente, mais nervosa eu fico. Não sei por que tanto nervosismo, mas não consigo evitar. Penso várias vezes em desistir, mas aguento firme.

Bom, chegou a hora — penso enquanto pego minha mochila. Vamos descobrir o que essa noite reserva para mim.

Quando estou no táxi a caminho da casa da Melissa, sinto-me tão nervosa que minha barriga chega a doer, mas nem tenho tempo para repensar minha decisão de ir para essa festa, porque o taxista estaciona.

Chegamos.

Eu saio do carro e encontro um homem esperando por mim em frente

ao portão da casa da Melissa e logo o reconhecimento das fotos que ela me mostrou: é o Pedro, marido dela. Ele é alto, tem os cabelos claros — mas não é loiro — e tem um porte físico digno para minha amiga.

— Oi, Dayana — cumprimenta-me ele, estendendo a mão para mim e dando dois beijinhos em cada lado do meu rosto —, muito prazer, sou o Pedro.

— Oi, o prazer é meu.

— A Mel está lá em cima com as meninas se arrumando. — Ele fala caminhando e eu o sigo, entrando na casa. — Pode subir — conclui ele, apontando para as escadas que levam ao andar de cima da casa.

— Valeu — agradeço com uma tentativa de sorriso. Caramba, eu estou mesmo nervosa.

Subo as escadas e sigo por um corredor onde há uma porta no fim. Pelo barulho de vozes femininas, deve ser lá que as meninas estão. Paro na porta e tomo uma longa respiração antes de bater.

Não consigo parar de pensar no quanto eu amava me arrumar para sair com a Clarissa. A gente sempre se arrumava juntas. Brigávamos pelo espelho, por causa da roupa que escolhíamos, pela demora que eu sempre fazia para me maquiar. Respiro mais uma vez e, de olhos fechados, tento com todas as minhas forças expulsá-la dos meus pensamentos, então, bato na porta. A voz da Melissa grita lá de dentro dizendo que posso entrar, então giro a maçaneta.

Quando eu entro, ela imediatamente começa a gritar e corre na minha direção. Ela me abraça pulando, me obrigando a pular com ela para não cair.

— Tão feliz que você veio, cabeçuda! — fala ainda agarrada a mim. — Deixa eu te apresentar as meninas. Essa é a Carla... — Olho na direção da garota que a Mel apontou, sorrio e ela retribui com um sorriso enorme que me faz sentir bem-vinda. — A Carla é a namorada do André, então fique longe. — Apesar da ameaça, sua voz soa divertida.

— Para com isso, Mel! A Dayana vai pensar que sou uma psicopata. Não liga pra ela, Dayana. Não sou nenhum monstro possessivo. — Ela me lança outro sorriso acolhedor, diminuindo meu nervosismo.

— Que seja! — responde mexendo as mãos no ar. — Continuando, essa ali quase dormindo é a Ana.

— Ei! Não estou quase dormindo! Só estou cansada. Você sabe que horas tive que acordar hoje, por acaso?

— Drama — Mel brinca revirando os olhos. — A propósito, a Ana

não namora ninguém, mas é melhor não se engraçar com o Mateus — cochicha, mas não baixo o suficiente para que apenas eu ouça.

— Não enche Mel! — Ana joga um travesseiro em direção a Mel, que se esquivava e ele bate em cheio no meu rosto. — Ah, meu Deus! Desculpa! Era pra ter acertado a Mel...

— Está tudo bem — tranquilizo-a com uma gargalhada escapando da minha garganta e todas nós começamos a rir alto. Começo a relaxar.

Conheci a Mel e as gêmeas Izy e Lara, no Clube do Livro em que comecei a frequentar recentemente. A Melissa é três anos mais nova do que eu e cem vezes mais doida. Sabe aquelas pessoas que se esquecem de usar o filtro entre o cérebro e a boca de vez em quando? Pois é. Ela esquece sempre.

— Espera um minuto que vou buscar tua fantasia — Mel pede ainda com o riso na voz. Não demora e ela volta com a roupa que vou usar. Hoje serei a *Arlequina*. — Day, tu vai causar com essa roupa. Eu me superei! Diz aí se não ficou perfeita — diz, me entregando a roupa. Eu pego a blusa branca de mangas 3/4 com a frase *Daddy's Lil Monster* escrita no peito, observo os buracos na blusa como se ela tivesse anos de uso, e o short é metade azul e a outra vermelha. Fico impressionada no quanto ficou idêntico ao da personagem do Esquadrão Suicida.

— *Eita*, Mel, caramba! Ficou igualzinho — digo impressionada. — Mas esse short não está meio curto demais?

— Mulher, tu viu o tamanho do short que ela usa no filme? Eu fui até boazinha. Devia era cortar mais um pouquinho. Acho que vou buscar a tesoura — diz com um olhar diabólico e eu imediatamente aperto a roupa contra o peito protegendo-a das garras dela. — Cuida, vai se arrumar! Estou brincando, não vou tentar deixar tua bunda de fora. Ai ai... Uma bunda dessa e fica com frescura. Fosse minha eu exibia mesmo. Meu Deus! Tu precisa relaxar, amiga! Usar o que a genética te deu; e ela foi bem generosa contigo no quesito bunda. Você deveria aproveitar.

— Prefiro manter minha bunda longe dos holofotes por hora, obrigada — digo indo em direção ao banheiro.

— *Bessssta* — ouço-a gritar depois que fecho a porta —, tu precisa de uma noite de sexo do bom, Day. Juro que você vai se sentir melhor. Deveria pegar o Alex. Ele está quase nu mesmo com aquilo que ele diz ser a fantasia de um cupido — ouço-a falar e rir alto. — Facilitaria muito as coisas.

— Esquece Mel. Não estou pronta para sexo casual.

— Tu já fez sexo casual alguma vez na tua vida?

— Não — admito feliz que temos uma porta que impossibilita que ela veja minha cara envergonhada.

— Day!!! — Ela grita. — Tu tem 30 anos mesmo? Mulher, vai foder! Sexo é bom, vai te fazer bem!

Eu apenas finjo que não ouvi e termino meu banho, me visto ainda no banheiro e quando saio, recebo dois polegares para cima das meninas em sinal de aprovação para o meu visual.

A blusa se agarra ao meu corpo, mas de maneira confortável e o short fica justo no meu quadril apesar de um pouco folgado na cintura.

Começo a me maquiar e toda a animação das meninas me faz bem, apesar de não diminuir a minha ansiedade. Quando já estamos todas prontas, o Pedro chama a Melissa e diz para descermos, já que estão todos lá embaixo esperando por nós.

A Mel havia me contado sobre o grupo de amigos dela e do quanto eu amaria conhecê-los.

É engraçado que algumas pessoas têm a impressão errada de quem gosta de livros, acreditando que ela viva no “mundo da lua”, acabe por se excluir do mundo, mas foi por causa dos livros que conheci as melhores pessoas da minha vida.

— Pronta para se divertir? — Mel me pergunta como uma promessa.

Eu apenas assinto com uma onda de adrenalina começando a se formar no meu peito e sigo as meninas para o andar de baixo.

Não costumo ser tímida, mas estou apreensiva. Tudo isso é novo para mim: essas pessoas, a situação... estar sem a Clarissa ao meu lado. Preciso de uma bebida.

Vou em direção ao freezer de bebidas e pego uma *Beats*. Quando eu me viro, meu olhar trava em um cara dançando próximo ao fundo da sala.

O ambiente está totalmente decorado com teias de aranha, abóboras e morcegos. Apesar de não ter muita luz, a iluminação igualmente escura como nas casas noturnas, não tem como não notar o quanto ele é bonito. Eu acho que estou encarando, então me viro, mas logo depois estou olhando novamente.

Ele é alto, muito alto. Seus ombros são largos, seu peitoral de tirar o fôlego e ele sabe o material que tem, porque a fantasia dele nada mais é do que um pedaço de tecido amarrado abaixo do umbigo. Como acessório, ele tem um arco e flechas feitos de isopor, que ele segura como se fosse uma espada.

Caramba, acho que ele está olhando para mim também... Ele está? Não — concluo meus pensamentos terminando minha bebida.

A noite continua como se nunca fosse amanhecer, mas de um jeito bom. Eu sinto cada batida da música em cada nervo do meu corpo e, por alguns momentos, me sinto livre de todo o peso que senti no peito nas últimas semanas.

Eu danço, danço e esqueço completamente de tudo. Até a Clarissa voltar a se esgueirar para dentro da minha cabeça atormentando meus pensamentos. Quando dou por mim, estou recostada numa parede sentindo o peso da ausência dela ao meu lado.

Ela deveria estar aqui comigo — penso. Não, eu nunca estaria aqui se estivéssemos juntas, porque eles são meus amigos e com a Clarissa era sempre com os amigos dela. Eram sempre as escolhas dela.

Eu deixei minha vida de lado para viver pedaços da dela e estou infeliz por ter perdido as migalhas que ela me dava. Que imbecil eu sou. Será que eu não merecia mais?

Começo a divagar, sozinha com meus pensamentos, e nem percebo ele se aproximar.

— Já cansou? Não vai mais dançar? Pode parar não, viu? — Ele diz com um sorriso que ilumina seus olhos.

— Acho que parei. Estou cansada — digo esfregando o cotovelo em sinal de que ele está doendo. — Acho que a bebida está tendo efeito contrário, me trazendo lembranças de quem eu não deveria lembrar.

Ele me olha com um sorriso torto puxando o canto dos lábios. Puta merda, a boca dele é linda e muito beijável. Precisa dar uma aparada nesse cabelo urgente, ainda assim, ele é lindo.

— Essa noite não é sobre recordar lembranças passadas que te fazem mal. — Ele fala com os lábios próximos ao meu ouvido devido à música alta e meu corpo sente seu hálito quente como um convite para brincar.

— Não? — perco o fôlego com a proximidade do corpo dele do meu.

— Não. — Ele diz me olhando nos olhos e algo se contorce entre as minhas coxas. — E sobre o que é?

— É sobre começar a criar novas — responde e me puxa pela mão, nos juntando aos outros corpos suados dançando no meio da sala.

Ele me puxa contra si e começa a balançar no ritmo da música. Sinto o corpo quente dele colado no meu e, imediatamente, tomo consciência de cada músculo que faz parte daquela obra de arte.

Nós estamos dançando e é inegável do que meu corpo precisa. Ele está praticamente me suplicando para ser tocado.

Faz muito tempo desde que meu corpo foi tocado por um homem. Meu ex-marido foi o último e isso tem bons cinco anos.

Eu fecho os olhos e me permito aproveitar a sensação boa de ter esse cara apertado contra mim. A próxima coisa que percebo é que estou sendo pressionada contra uma parede.

Ele olha fixo pra mim, e sem nenhuma palavra, permissão ou mesmo um aviso prévio, ele esmaga minha boca com a dele. Ele me beija duro com as mãos nos meus quadris e eu quase choro por não ser capaz de estar ainda mais fundida ao corpo dele. É como se todo o meu corpo se acendesse, totalmente ciente do que esse cara seria capaz de proporcionar a ele.

Beijamo-nos como se não houvesse mais ninguém ao redor. Quando já estamos sem fôlego, eu me afasto um pouco tomando uma respiração profunda, que sai entrecortada devido ao tremor que os beijos dele deixaram em mim.

Sinto meu coração pulsar em lugares que não imaginei que ainda fosse possível. Há muito não sabia o que era desejar alguém. Eu amo a Clarissa, mas o desejo já não era mais como antes.

— Será que essa vai ser uma boa lembrança para guardar? — Ele pergunta com a testa colada na minha.

— Acho que saber seu nome também deveria ser — digo lembrando que nem ao menos sei o nome dele.

— Alex. — Ele responde, enquanto leva suas mãos para um passeio pelas minhas costas sem tirar aquele sorriso *molhador* de calcinhas dos lábios.

— Muito prazer Alex. Sou a Dayana.

— Eu sei. — Ele mal termina a frase e estamos nos fundindo à parede novamente.

(Abre parênteses...

Descobrir-se apaixonada por alguém do mesmo sexo, quando você foi hétero a vida inteira, poderia ser bem complexo para qualquer pessoa normal, mas não foi o menor problema para mim.

Não digo que não fiquei confusa, ou que eu não tenha tentado acreditar ser apenas amizade, no começo. Contudo, eu não lutei contra meus

sentimentos quando assumi que eu a via como algo a mais.

Tudo aconteceu de uma forma tão natural que não teve mesmo como contestar, achar que era errado ou anormal.

Eu sempre acreditei que ser humano se apaixona por ser humano, e ponto. Acontece que desde que comecei minha vida amorosa, sempre havia me apaixonado por homens, até conhecer a Clarissa.

Nós começamos uma amizade intensa logo de cara e tudo foi acontecendo de maneira rápida e profunda, quando nos demos conta, já estávamos apaixonadas uma pela outra.

Lembro-me do dia em que tomei coragem de falar sobre meus sentimentos com ela. Nós conversávamos todas as noites, durante horas, ao telefone, muitas vezes até o dia amanhecer.

Meu ex-marido trabalhava a madrugada inteira e eu me sentia muito sozinha, a Clarissa era minha companhia. Em uma dessas conversas, eu entrei no assunto.

— Escuta, é... Você já ficou com meninas? — fechei os olhos e os mantive apertados enquanto aguardava a resposta.

— Por que você está me perguntando isso? Você acha que eu gosto de meninas?

— Na verdade sim, eu acho. Você gosta?

— Eu nunca fiquei com uma menina antes, nunca nenhuma me atraiu o suficiente para eu ter coragem, mas com você eu ficaria.

Quando meus ouvidos captaram aquelas palavras, meu coração bateu mais forte do que a bateria das escolas de samba do Rio e São Paulo juntas. Meu estômago estava embrulhado e eu sentia cada nervo do meu corpo tremer de tão forte que meu coração bombeava o sangue pelo meu corpo.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Talvez ela estivesse com tanto medo quanto eu. Depois de me recompor, em parte, a voz voltou à minha garganta.

— Eu também me sinto atraída por você — confessei.

Eu sabia que o que eu estava sentindo era bem mais do que interesse. Já estava apaixonada. Ela chegou e me tomou inteira preenchendo todos os buracos que meu casamento fracassado me deixava. Ela me mantinha segura dos horrores que eu passava com o Cláudio. Ela me trazia de volta das sombras onde ele me jogava. Apaixonar-me por ela foi tão fácil quanto

respirar.

Depois que nós confessamos nossos sentimentos, foi questão de dias para eu estar separada do Cláudio e namorando ela. Tudo era muito novo para nós duas.

A gente traçou um caminho de descobertas a cada dia que passava e eu estava totalmente fascinada com tudo que estava descobrindo. Sensações, desejos, sentimentos.

Era a primeira vez em muitos anos que eu sentia como se alguém me amasse de verdade, que fui tratada com respeito e carinho e tudo que eu mais queria era agarrar aquela sensação de paz causada por ela.

Meu coração se enchia de luz quando eu pensava nela. Hoje nele há apenas trevas.

Acho que todo clichê surgiu por ser uma verdade. ‘Todo começo são flores’ com certeza é.

Algumas vezes, quando deixa de ser ‘flores’, é porque o amor simplesmente chegou ao fim. A gente é que tenta continuar ‘regando’ mesmo depois que as flores já apodreceram.

...Fecha parênteses)

Capítulo 04

Quem disse que ressaca é ruim?

Sou acordada devido às dez toneladas que estão sendo mantidas pressionadas contra a minha cabeça. Não, ninguém está tentando me matar. Talvez eu mesma tenha tentado o suicídio na noite de ontem ou, no mínimo, tenha desejado entrar em coma alcoólico depois da quantidade de álcool que consumi.

Já é de manhã, mas não faço a menor ideia das horas. Estou deitada em um colchão com um homem igualmente deitado ao meu lado, com braços enormes jogados por cima de mim.

Forço meu cérebro a trabalhar, apesar da dor de cabeça do caralho que estou sentindo, e o obrigo a me dar informações sobre a noite de ontem.

Eu nunca fui uma pessoa dada à noitadas e, sendo assim, sou realmente fraca para bebidas alcoólicas.

Começo a ficar nervosa quando lembranças das mãos desse menino ao meu lado começam a disparar no meu cérebro. É, menino, tendo em vista que eu me lembro dele contar que tem apenas 21 anos. Meu Deus! Isso me torna uma pedófila? Arregalo os olhos levantando um pouco o edredom para dar uma conferida nos meus trajes. Estou vestida! Suspiro aliviada e começo a rir da minha estupidez. Ele já é maior de idade, retardada!

Já faz bons dez minutos que estou acordada aqui olhando para o teto branco do quarto. Dou uma olhada em volta o máximo que consigo sem me mexer para não acordar o Alex, que está usando meu corpo como encosto para seus braços e pernas, concluo ser o quarto da Mel e, de repente, começo a entrar em pânico.

Eu não sei como é essa coisa de curtir por uma noite e nem mesmo aconteceu algo de mais além de uma mão boba aqui, uma puxada ali, uma *encoxada* acolá... Mas ainda assim, isso é mais do que eu me permitiria normalmente.

Eu sei, é patético. Uma mulher de trinta anos agindo como uma adolescente de quinze por ter dado uns *amassos* no gostosão do baile, mas é isso aí, muito prazer, essa patética sou eu.

Resolvo parar de pensar em como vai ser quando ele acordar e tento escorregar para fora dos braços do cupido quase de menor. Eu consigo sair depois de certo esforço enquanto ele permanece dormindo feito um urso hibernando, inclusive no ronco. Penso eu que, um animal daquele tamanho,

se roncar, o som deva ser algo tipo o que o Alex está fazendo agora.

Após mais de uma hora no banheiro, sendo que cerca de quarenta minutos foram gastos apenas para desembaraçar meus cabelos, me olho no espelho e, apesar da cara inchada de ressaca, de não ser capaz de abrir os olhos, devido à dor de cabeça, sinto-me bem, mas decido não sorrir, porque prefiro evitar movimentos bruscos em qualquer músculo que possa estar próximo à minha cabeça.

Minha dor de cabeça está realmente forte pra cacete.

— Nunca mais eu bebo! — digo ao meu reflexo no espelho do banheiro antes de sair.

Assim que saio do banheiro, percebo que o Alex acordou e já saiu. Uma parte de mim fica feliz de não ter que lidar com a coisa do ‘e aí, como fica? Vamos fazer isso novamente?’ e a outra fica meio chateada porque, afinal, ele poderia ao menos ter me esperado para desejar um bom dia ou pedir meu telefone.

Estou arrumando minhas coisas quando escuto a voz da Mel.

— Ele tem pegada? Tu deu pra ele, né? Por favor, me diz que você saiu dessa abstinência de piroca de cinco anos!

— Bom dia, Mel! Eu dormi muito bem, sim, obrigada por perguntar. E você? — falo em tom sarcástico.

A Mel me olha apertando os olhos e sinto que não é pelos mesmos motivos pelos quais eu quase não abro os meus.

— Tu não fez nada! Eu não acredito, Dayana! Mulher... O cara estava aqui visivelmente afim e você também, não negue. — Ela aponta um dedo acusador na minha direção. — Eu bem vi vocês praticamente se comendo feitos dois canibais sedentos por carne, bem ali no corredor! Conta, Day, o que deu errado?

— Nada deu errado e tudo deu muito certo. Nós ficamos e foi legal. Não houve esse lance de canibal aí, não. Não sei quem você viu nesse corredor da perversão a que você se refere, mas eu não estava envolvida — falo me sentando na ponta da enorme cama dela. O Pedro já saiu para trabalhar e estamos apenas nós duas no quarto agora. — Mel, sério, você sabe que me permiti muito além do que me permitiria em um estado não alcoólico e não estou arrependida, ao contrário. Foi ótimo me sentir viva e ter a Clarissa arrancada dos meus pensamentos à custa de beijos e *encoxadas*... Mas foi apenas isso.

— Cara, você não gosta de sexo. Sério. Tu não deve gostar. Dayana,

você precisa parar de agir como se fosse uma menina de contos de fadas esperando o príncipe no cavalo-branco e começar a viver! Eu não estou dizendo que você deva sair por aí dando sua preciosa a qualquer um que esteja disposto, mas caramba... Como você aguenta essa seca?

— Eu não vou entrar nessa de sexo casual, Mel. Não fiz isso nem quando estava com o psicológico estável, vou começar justo agora que ele está abalado? Eu acabaria me apegando. E já pensou? Eu, apaixonada por um menino de 21 anos? Não tenho estrutura para um relacionamento assim. Sou insegura demais para ter que lidar com o medo dele me trocar por alguma ‘novinha’.

— Quem está falando de relacionamento, Dayana!? — Ela diz claramente perdendo a paciência. — Eu estou falando de sexo, foder, dar uma... Você acabou de sair de uma roubada de quase cinco anos e já pensa em entrar noutra? Sério amiga, tira um tempo para curtir e vai viver! Você precisa de um tempo sozinha, e de umas fodas bem dadas no meio tempo.

— Mel, existem pessoas e pessoas. Eu sou assim. Prefiro fazer amor e não sexo — explico-me com um sorriso amarelo. — Deixa eu ir com calma, no meu tempo, que vai dar certo. Eu vou ficar bem.

Pelo menos estou me esforçando para acreditar nisso.

— Eu só não quero te ver daquele jeito de novo, destruída daquela maneira. Eu sei que sou meio doidinha, mas só quero ajudar, e uma foda bem dada em um momento como esse que você está passando não faria mal algum. — Ela fala enquanto me puxa e apoia minha cabeça contra o colo dela, afagando meus cabelos. — Tudo fica melhor depois de um orgasmo. — Ela completa com ar filosófico e imediatamente começamos a rir. E eu me sinto bem por ter acordado sem que a Clarissa fosse a primeira lembrança do meu dia.

Capítulo 05

Amigos e livros são alívios para a alma

— Eu não sou uma puritana!! — afirmo para as minhas amigas enquanto caminhamos em direção à praça de alimentação do shopping.

Acabamos de sair do Clube do Livro e estamos indo comer alguma coisa.

Faz semanas desde a festa de Halloween, e meia hora que as meninas não param de me zoar por eu não ter feito sexo com o cupido quase de menor. Elas não cansam de falar sobre o assunto.

Nós somos um grupo barulhento e chamamos atenção por onde passamos. Apesar de nossas idades, continuamos sendo mulheres e dificilmente poderia haver silêncio se mais de uma estão juntas, principalmente se o assunto for a vida sexual de alguém.

Estamos em quatro: as gêmeas Izy e Lara, Mel e eu. Elisa não pôde vir hoje, ou seja, a preguiça venceu dessa vez.

Os dias de Clube são meus favoritos da vida e ultimamente têm sido minha válvula de escape.

Encontrar as meninas sempre me faz bem. Impossível ficar triste perto delas.

— Day, eu até agora não estou acreditando que você não fez sexo naquela festa! Escute a voz da experiência, você não deve entrar em nenhum relacionamento sério por um bom tempo. Você precisa de um P.A, ou dois, que é para não correr o risco de se apegar, e daí só relaxar e curtir — Mel aconselha-me quando já estamos sentadas comendo nossos lanches nada light e extremamente calóricos.

— *Aham* — faço um movimento com a cabeça pedindo para ela continuar.

— Você precisa ser mais desapegada, entende? Sexo é sexo, amiga! Preste atenção: encontre um cara gostoso, de preferência com um cérebro que funcione, porque ninguém merece dar pra um idiota, use-o para suas necessidades *orgásmicas*. Depois dê o número do seu telefone errado e não diga seu sobrenome, que é pra não correr o risco dele te achar no *Facebook*. Tenho certeza de que você vai se sentir revigorada instantaneamente.

— *Orgásmicas*? — pergunto rindo alto. — Essa palavra nem existe, Mel! — acuso e logo depois dou uma mordida enorme no meu hambúrguer gigante, suculento e cheio de molho.

— Claro que existe, ora. Eu não acabei de falar? Então existe. — Ela diz rindo também.

— Gente, sério, o lance do sexo casual não está em discussão. Eu não estou pronta para dar pra um cara que, na manhã seguinte, vai embora antes mesmo de eu estar acordada.

— Quem disse que é ele quem vai embora antes de você acordar? É você quem tem que ir, Day!

— Mel, esquece. Não vou entrar nessa de Pau Amigo, quero um Pau Namorado — choramingo fazendo beicinho.

— Então continue frustrada por ter que fazer justiça com as próprias mãos! — Mel fala me apontando um dedo acusatório com duplo sentido.

— Ei, qual o problema com masturbação aqui? — pergunta Izy, com ar ofendido.

Todas nos viramos para encarar a Izy. A Izy e a Lara são gêmeas idênticas. Elas são como aquelas bonequinhas de porcelana com ar quase angelical, mas a Izy consegue ser ainda mais. Ela tem um ar de inocência tão grande que é impossível imaginar ela fazendo tal coisa, mesmo que ela já passe dos vinte anos.

— Espera — começa Mel quase se engasgando com o pedaço do *Stacker Triplo* que ela está comendo —, tu se masturba, Izy?

— E daí? — diz ela, as bochechas assumindo um tom tão vermelho quanto tomates maduros. — Eu sou virgem, não santa. E a propósito, estamos discutindo a vida sexual da Day, e não o que eu faço com meus dedos. Podemos voltar o foco para ela, por favor?

— Ai, meu Deus, amiga! É por isso que você demora tanto no banho? — Mel pergunta rindo tão alto que é impossível não gargalhar junto, mesmo eu querendo ser solidária ao fato da Izy ter virado o alvo da falta de filtro da Mel.

— Pessoal, estou tentando comer! Vocês poderiam parar de falar sobre os hábitos libertinos da minha irmã, por favor?

Izy lança um olhar de agradecimento para Lara, que revira os olhos.

— Vocês crianças são terríveis! Deixa as meninas serem felizes, Mel! Se elas estão satisfeitas, quem julga? — questiona Lara.

— Ah não gente, nada contra uma siririca, desde que tenha um homem bem hot apreciando o show. *Há-há...* — sugere Mel, sugando o resto do suco com o canudo e fazendo barulho.

Agora que o foco não estava em mim, me vi observando as minhas amigas conversarem e pude rir com elas, sentindo-me parte daquele círculo de parceria e camaradagem. É engraçado quando você percebe que não tinha uma vida que era sua realmente.

Eu tinha uma vida, mas eu não vivia, eu deixava em *stand by*, esperando as coordenadas da vida de outra pessoa. Não existiam ‘meus amigos’, eram sempre ‘os amigos da Clarissa’.

Quando o fim chegou para nós, foi como se eu fosse sozinha no

mundo, com exceção da Elisa e da minha mãe, é claro. Só depois que a Clarissa me deixou foi que pude me permitir ter, de verdade, amigos que fossem meus, na minha vida. De repente, começo a perceber que toda “tragédia” pode, sim, trazer coisas boas. Essas meninas na minha frente foram as melhores.

— Day! Acorda! — ouço a Mel quase gritando, abanando as mãos no meu rosto. — Tu já estava pensando naquela *demônia*?

— Mais ou menos — assumo com um meio sorriso. — Na verdade, estava pensando em como minha vida está melhor depois que ela se foi e vocês chegaram — concluo com um sorriso grande nos lábios.

— *Ownt* — dizem as três juntas e me abraçam.

— Agora, vamos embora, que meu marido já deve estar com saudades da sua esposa linda e sexy — Mel anuncia que chegou a hora de nos despedirmos e irmos para casa, cada uma para um lado diferente da cidade.

Faz mais de um mês que a Clarissa rompeu comigo. Eu achei que não aguentaria, mas continuei respirando. Eu sei que é estranho eu falar e sentir como se ela tivesse morrido, mas ela morreu para mim, de certa forma. Eu ainda estou de luto. Ainda dói lembrar dela e perceber que não a tenho mais me dando as direções de para onde eu devo ir. Eu ainda não me encontrei, mas, pelo menos, não me sinto mais tão perdida.

(Abre parênteses...

Estou voltando para casa depois de mais um dia de trabalho. Pela janela vejo uma mulher sentada na calçada agarrada a uma espécie de cachimbo improvisado, como se o ar que ela respirasse fosse faltar caso ela o perdesse. Ela tem a pele queimada pelo sol e seus cabelos provavelmente não sabem o que é shampoo há um bom tempo. Suas roupas estão sujas e rasgadas e em seus pés existe algo que eu não chamaria exatamente de um calçado.

Eu não sei o que levou aquela mulher a se permitir continuar tão dependente assim de algo que a deixa daquela forma. Eu não posso imaginar que qualquer pessoa poderia se sentir bem naquela vida, mas aquela mulher não consegue largar o que faz mal a ela. Ela depende daquilo para se sentir viva e vai acabar morrendo pela mesma dependência.

Eu comecei a refletir sobre a dependência daquela desconhecida e cheguei à conclusão de que a Clarissa era meu cachimbo e o “amor” dela

por mim era minha droga. Eu estava infeliz com a vida que levava, mas eu não conseguia largar. Eu passava meus dias choramingando por migalhas de atenção e fazendo peripécias para manter a Clarissa comigo e convencê-la de que eu valia a pena.

A cada dia que passava, ela demonstrava cada vez mais que seus sentimentos por mim não eram recíprocos. Porém, sempre existiam as promessas de amor eterno e pedidos de compreensão.

Meus pensamentos viajam para uma das muitas vezes em que mendiguei para dar uma “tragada”.

— Mow, eu amo você. Poxa, por que você não consegue acreditar? Eu não preciso estar com você a cada segundo dos meus dias só porque nós temos um relacionamento. — Ela fala ao telefone com a voz visivelmente alterada pela raiva por estarmos falando sobre isso novamente.

— Eu não estou te pedindo para passar cada segundo do seu dia comigo! Mas não nos vemos têm quase três semanas, Mow. Você está estranha, fica me dando gelo e eu não faço ideia do que eu fiz de errado! Você não fala mais comigo nem mesmo pelo Whatsapp. Você não sente minha falta?

Eu sabia que estava perdendo aquela guerra, mas eu não me cansava de lutar por ela. Minha vida estava de cabeça para baixo e com zero de perspectivas em relação ao nosso relacionamento, mas eu me recusava a desistir.

Já estávamos juntas há tanto tempo e eu já havia passado por tantas coisas, aberto mão de tantas outras para permitir que ela simplesmente fosse embora depois de tudo que prometemos uma à outra. E quando estávamos juntas, tudo fazia tanto sentido.

Quando a Clarissa se aproximava de mim, meu mundo inteiro se transformava. Era como se eu tivesse apenas metade de um pulmão para filtrar o ar que eu respirava e a presença dela fosse o mesmo que uma máscara de oxigênio que facilitava minha respiração.

— Day — ouço-a soltar um suspiro como se tentasse se acalmar —, eu estou realmente atolada com as coisas da faculdade. Tenho vários trabalhos para entregar, não fui bem em algumas provas. Eu sei que estou ausente, mas eu tenho uma vida além de você. Você sabe que não posso assumir para o mundo o que nós somos e tem minha família, meus amigos, eu estou ausente pra eles também, mas é claro que sinto a sua falta. — Ela explica com uma voz tão doce, mas que não impede o sabor amargo que elas

deixam através dos meus ouvidos. — Me desculpa. Próximo fim de semana eu vou à sua casa. Vamos ficar bem juntinhas e namorar muito!

Quando ouvi aquelas promessas, meu coração que estava comprimido dentro do peito, inflou como se fosse um pulmão se enchendo de ar devido uma respiração profunda.

Bastava qualquer promessa vazia para eu esquecer qualquer mágoa que tenha sido causada por ela. Naquele dia, ignorei a sensação de insignificância resultante de quase três semanas de indiferenças, o fato de ela assumir que tem uma vida além de mim e, ainda, o tapa na cara que foi perceber que ela continuava sentindo vergonha do nosso relacionamento.

— Você vai mesmo vir no fim de semana? Promete? — Ainda sou capaz de sentir a dor daquela súplica.

— Eu vou fazer de tudo para ir. — Ela responde e, apesar de saber que ela não virá, me permiti acreditar que ela realmente faria de tudo para estar comigo.

Lembro-me de ter dito que a amava antes de desligarmos o telefone e de ter ouvido sua voz soar como aquelas mensagens eletrônicas automáticas ao dizer que também me amava.

Inspiro o máximo de ar que consigo e vou liberando-o vagarosamente, tentando manter o controle das minhas emoções. Estou tão cansada de chorar.

Minhas lembranças decidiram migrar para quando começamos a namorar. Lembro-me que por muitas vezes, Clarissa acordava antes das cinco só para ter um tempinho para nos vermos antes do trabalho. Nós nos falávamos ao telefone todos os dias, mesmo naqueles em que nos víamos. Era como se uma não conseguisse viver longe da outra nem mesmo por algumas horas. Os olhos dela se acendiam como tochas quando me viam, mas depois de um tempo eles quase não produziam meras faíscas.

Hoje, a Clarissa deve continuar conseguindo dormir na paz do seu quarto, com seus dois travesseiros para evitar a dor nas costas de que ela reclamava tanto, enquanto eu ainda tenho inúmeras noites de insônia, nas quais me pergunto o porquê de eu ainda sentir tanta falta dela. Por quê?

Ela me procurava quando precisava e tirava de mim tudo aquilo que desejasse, até o que eu não deveria entregar. Ela foi egoísta tantas vezes.

Ela já me deixou quando eu mais precisava e depois voltou como se sua felicidade dependesse de mim, e eu a aceitei de volta.

Ela era mesmo minha droga, e eu estava disposta a suportar a

destruição que a abstinência dela me causava, desde que eu tivesse a esperança de uma próxima dose. Ela foi e voltou muitas vezes. Vezes demais. Ela me permitia desmoronar e depois voltava com mais um trago.

Aquela tocha apagou, mas eu consegui manter a faísca acesa por mais alguns anos até ela decidir que não era mais o suficiente. O problema é que só agora eu vejo isso e, apesar de saber que ela não vai mais voltar, e de enxergar o quanto nosso relacionamento me fazia mais mal do que bem, é impossível não sentir falta de me drogar.

Estou em processo de desintoxicação agora. A cada dia em que um viciado consegue manter-se limpo é uma vitória. Eu estou limpa há quarenta dias.

...Fecha parênteses)

Capítulo 06

Que tal uma faxina?

São 18h53min e estou chorando há, aproximadamente, cinquenta minutos. Eu trabalho de segunda à sexta, das 10h40min às 20h, sendo que, à partir das 18h, eu apenas cumpro tabela, vamos dizer assim. O fluxo de pessoas aqui no Edifício é praticamente zero nesse período, então eu aproveito essas duas horas para fazer qualquer coisa que eu goste para o tempo passar. Geralmente, leio ou só fico de bobeira navegando na internet, assistindo vídeos bobos no *YouTube*.

Hoje resolvi que seria uma boa ideia fazer uma “limpeza” no meu *Facebook*, que quer dizer: excluir todos os registros da minha vida com a Clarissa. Eu achei mesmo que aguentaria o tranco, mas não deu muito certo. Não precisei de muito mais que duas fotografias para desmoronar.

Ler os apelidos carinhosos com os quais ela comentava meus posts, mesmo que eles fossem mantidos mais pelo costume do que pelo carinho, e olhar para nossos sorrisos largos em vários momentos dos últimos quatro anos e oito meses, realmente foram demais para mim.

Eu deveria ter parado logo após meus olhos começarem a marejar, mas sabe quando você tem uma ferida cicatrizando e tem aquelas ‘casquinhas’? Daí você percebe que tem uma ‘pontinha’ se soltando e começa a puxar e quando se dá conta, a ferida começa a sangrar e a doer, mas ainda assim você não consegue parar de puxar? Pois é, estou sangrando há quase uma hora e mesmo assim não consigo parar.

Eu não me importo se estou no meu local de trabalho, eu choro como se não existisse nada no mundo capaz de me confortar. Choro sentindo o vazio que ela deixou dentro de mim, como se ela tivesse levado parte da minha alma com ela.

A Clarissa me enchia com tantas expectativas, planos e promessas. Ela pedia paciência, compreensão, me pedia para confiar nela, e olha só no que deu.

Sentada em frente ao computador, meus dedos doem devido ao movimento repetitivo para excluir as fotografias. Eu tento não ler os comentários dela, mas meus olhos me traem toda maldita vez.

O meu maior erro foi ter acreditado somente nas palavras e ter ignorado suas atitudes. Hoje, eu sei que são nas atitudes que a verdade se comprova.

Eu estou um caos e nem um pouco preocupada com quem possa me ver assim. Eu só gostaria de entender o porquê dela ter feito isso, ter me deixado voar tão alto apenas para depois me jogar lá de cima sem ao menos a chance de eu colocar o paraquedas.

Os questionamentos só aumentam a cada fotografia que vejo e a cada post apaixonado que apenas ela e eu entendíamos. Sou tomada por uma sede incontrollável por respostas, por uma explicação, já que eu não exigi nenhuma quando ela me mandou aquela mensagem de texto terminando comigo. Eu não penso, apenas pego meu celular e ligo para ela.

O telefone toca e meu coração está batendo tão rápido que nem o sinto direito. Ela atende quando eu já achava que iria cair na caixa postal.

— Oi, Dayana. — Ela me chama pelo nome e eu sinto uma pontada no peito. O que mais doeu não foi a falta que o apelido fez, foi a frieza com a qual ela falou meu nome.

— A gente precisa conversar. — Eu começo a falar me esforçando ao máximo para que minha voz não saia trêmula, mas eu estou tremendo dos pés à cabeça como se estivesse no Polo Norte, sem uma única peça de roupa para me proteger do frio.

— E sobre o que precisamos conversar? — Mais frio do que o Polo Norte é a indiferença com que ela fala cada palavra que direciona à mim.

Eu realmente não esperava que ela me tratasse assim. Eu não estava esperando que ela ficasse emocionada ao falar comigo depois desse tempo sem contato. Não esperava que ela me pedisse perdão e que quisesse voltar, mas jamais imaginei tanta indiferença.

Eu fico completamente muda. É como se ela tivesse acabado de socar meu estômago tão forte que todo meu ar fosse sugado para fora de mim e logo depois ela tapasse meu nariz e minha boca e não me permitisse mais tomar fôlego.

Depois de alguns segundos ou talvez minutos, ela quebra o silêncio.

— Escuta, preciso ir — diz ela com a voz impaciente. — Eu realmente sinto muito, sei que não deve ser fácil para você, mas você precisa seguir em frente. Não ligue mais pra mim. Não me procure...

— Por que você está fazendo isso? — inquiri assim que encontro minha voz. — Por que além de me esfaquear você ainda gira a faca? O que eu fiz? Eu não entendo... Você disse que me amava; me pediu para confiar em você! E então de repente você não me ama mais? Você me trata como se eu fosse uma garota com quem você ficou na noite passada e não gostou? —

solução tanto que nem sei se consigo formular frases inteiras que sejam compreensíveis — Eu sinto sua falta — confesso e logo depois é como se uma avalanche de confissões começasse. — Eu não estou suportando. Eu achei que estivesse, mas não estou. Eu me sinto vazia, me sinto sozinha... porque por mais que você não fosse tão presente, eu sabia que poderia esperar você, que você viria uma hora ou outra e ficaríamos juntas e tudo faria sentido... Desculpa se eu fiz algo errado, eu sei que te pressionei para ter mais tempo pra gente quando você estava tão atolada com a faculdade... Eu vou ser mais compreensiva! — falei parecendo uma viciada sem dinheiro e desesperada porque o traficante não queria me dar mais.

— Dayana, eu realmente preciso ir. Sinto muito por você estar sofrendo. Sinto muito por eu ter demorado tanto para falar a verdade... Eu fiz com que nós duas perdêssemos tempo e agora estou correndo atrás do tempo que perdi. Você deveria fazer o mesmo. Não me ligue mais, estou falando sério. Eu não vou atender.

Então ela desliga. Eu queria ter me controlado. Juro que me amaldiçoei por cada palavra saída da minha boca e por cada lágrima expelida pelos meus olhos, mas eu não pude conter as palavras que saíram antes que meu cérebro pudesse raciocinar.

Eu ainda estava chorando quando saí do Edifício para ir pra casa e chorei o resto da noite inteira até adormecer, pensando no quanto eu fui idiota.

Quando acordo na manhã seguinte, minha cabeça dói assim como todo o resto do meu corpo. Estou moída, como se tivesse levado uma surra e com vontade zero de ir trabalhar, mas sei que me sentirei ainda pior se passar o dia todo na cama. Vamos lá, cuidar da vida — penso, e me levanto para tomar um banho. Estou tomando café quando meu telefone toca.

— Oi, Mel, bom dia. — Minha voz não está nada animada e eu coloquei esforço máximo para que ela não soasse tão deprimente quanto me sinto.

— Que voz é essa? — Ela pergunta com a voz cheia de desconfiança.

— Eu liguei para a Clarissa ontem — confesso de uma vez, porque sei que não vai adiantar tentar esconder isso dela e não estou com pique para brincar de esconde-esconde.

— Puta que pariu, Dayana! Por que você fez isso? Você não tem amor próprio não? Você merece uma surra! E eu vou ter prazer em te dar uma quando a gente se encontrar, o que vai ser logo, já que você vai vir pra

cá no sábado.

— Concordo sobre a surra. Ela foi uma imbecil completa, mas eu fui ainda mais por ter ido atrás. — Tento ignorar a vontade de me estapear ao me lembrar do que fiz.

— E quando foi que ela deixou de ser imbecil? E quando é mesmo que tu vai largar de ser trouxa? Sempre soube que ela era uma imbecil completa, mas francamente Day, eu pensei que você sentisse mais amor próprio. Alguém que sabe amar com tanta intensidade outra pessoa deveria saber amar melhor a si mesma. Se ame, Dayana! Meu Deus! Quero nem saber o que vocês conversaram... Nem perder meu tempo falando de coisas que não valem a pena.

— Certo, e aonde eu vou mesmo no sábado? — aceito mais do que satisfeita por não ter que relatar minha tolice de ontem.

— *Simmm*, já ia me esquecendo do motivo de eu ter ligado. Sábado vamos comemorar o aniversário do John, Jay e André. E você vai vir para comemorar com a gente. O Alex vai estar aqui, inclusive.

— Hum... Espera, André é o namorado da Carla, certo?

— Isso, e o Jay é irmão do John.

— Eu nunca vi esse Jay e mal me lembro dos outros dois, Mel! Não sei se vou ficar bem indo comemorar o aniversário de três pessoas que eu sequer conheço.

— Você teria conhecido se tivesse soltado a língua do Alex ao menos por alguns minutos naquele dia — Mel gargalha quando fala e eu não consigo evitar sorrir mesmo ainda estando destruída por ontem. — Enfim, eles não são completos desconhecidos, com exceção do Jay, que não foi à nossa festa de Halloween, mas ele é muito gente boa, assim como todos os nossos amigos.

— Não sei não, Mel...

— Ai, Day, para de frescura! Vai ser divertido, eu prometo! *Vaaamooss*. — Ela choraminga.

— Tá bom, eu vou — rendo-me por saber que quando estou ao lado dos meus amigos, a dor sempre fica mais suportável.

— *Êbaaa!* — diz ela com a voz extremamente animada, até demais, eu noto, e minha sobrancelha levanta imediatamente indicando que realmente tenho motivos para desconfiar de tanta empolgação. — Vou deixar você cuidar da vida agora, como sua mãe fala.

— Caramba, tenho mesmo que ir ou vou me atrasar — digo me

despedindo e desligo o telefone.

Capítulo 07

O poder do Universo e seu humor negro

Nem acredito que hoje já é sexta — penso enquanto me espreguiço na cama e meus olhos quase saltam das órbitas quando verifico a hora no celular.

Definitivamente vou me atrasar para o trabalho!

Vários palavrões começam a se formar na minha mente. Posso senti-los beliscando minha língua, doidos para se libertarem, mas eu os engulo e volto a aprisioná-los.

Respiro fundo lembrando-me dos conselhos da Lara sobre minhas reclamações contra o Universo, embora eu tenha certeza de que tenho motivos para reclamar.

Eu não vou enlouquecer! Qualquer pessoa se atrasa, qual o problema afinal? Relaxa, digo para mim mesma.

Cantarolando, tomo um banho, me arrumo, tomo café da manhã e saio para ir trabalhar.

Caminho apressada, mas sem correr, até o ponto de ônibus, entoo um mantra de que o ônibus não irá demorar e fico feliz ao vê-lo se aproximando logo após eu chegar ao ponto. Minha alegria dura até eu entrar no ônibus.

Mas que merda! — grito mentalmente ao olhar minha sapatilha que ficou pra trás. Ela já estava bem velha e eu sabia que mais cedo ou mais tarde ela iria me deixar na mão, ou melhor, no pé. Enfim, eu estava mesmo precisando de uma nova. Está tudo bem!

Passei na catraca e vi uma cadeira vazia, ao lado da janela! Comecei a sentir que o destino estava me recompensando por eu ser tão forte e positiva.

Ao me sentar, coloco os pés para baixo da cadeira para esconder que eu estava descalça e, assim que eles tocam o chão, sinto algo pastoso se espalhar por eles e entrar por entre meus dedos e imediatamente um cheiro horrível se espalha por todo o interior do coletivo.

Isso não pode estar acontecendo. Não! Recuso-me a acreditar nisso! É claro que não pode ser... Como? Será possível que alguém faria isso dentro de um ônibus?

Começo a suar frio. As pessoas levam suas mãos aos narizes e eu enfio a cara para fora da janela evitando olhar para qualquer pessoa, mas eu preciso ter certeza.

Ainda tenho esperança de que não é o que eu estou pensando; pode

ser que alguém tenha soltado um pum e eu apenas tenha pisado em... Massinha de modelar? Sim! Pode ser que uma criança tenha deixado cair uma grande quantidade de massinha de modelar e ela rolou para debaixo da cadeira e eu pisei em cima dela bem na hora que algum mal educado soltou um pum!

Olho para baixo. É cocô! Como alguém caga no chão de um ônibus coletivo, meu Pai Amado? É impossível! Bom, não né? Já que acabei de atolar meus pés descalços! Já chega desse lance de "positividade", pensamento positivo o Caralho! Mas que Merda! E agora? O que eu faço?

Sinto as pessoas me olhando com nojo sem nunca tirarem a mão do nariz. Fico me perguntando se esses idiotas acham que eu me borrei toda.

Tento manter uma cara de 'paisagem' como se nada estivesse acontecendo, mas a vontade que eu tenho é de sair cagando as pernas de todo mundo até que meus pés estejam limpos!

Não me importa se eles não têm culpa, eu também não tenho e estou com os pés atolados na merda mesmo assim!

Quando chega o ponto em que desço, saio arrastando os pés no chão do ônibus de propósito, desejando que cada um deles tenha a companhia agradável do mau cheiro do cocô que já impregnou no meu nariz.

Quando conto para Elisa tudo pelo que passei, ela ri tão alto que provavelmente, mesmo as pessoas que trabalham na cobertura do edifício conseguiram ouvir. É mesmo muito engraçado quando a desgraça é alheia.

Eu sempre achei que o universo não vai muito com a minha cara. Sou aquele tipo de pessoa cuja vida parece ser uma eterna 'pegadinha do malandro' e por muitas vezes me vi procurando a câmera escondida ou o cara do programa Domingo Legal dizendo "Calma Dayana, foi tudo uma grande brincadeira. Você acaba de participar do Telegrama Legal". Mas a verdade é a de que eu sou uma pessoa azarada mesmo.

— Qual a probabilidade de alguém fazer cocô debaixo da cadeira de um ônibus e de você pisar nele justo no dia em que perde a sapatilha? — Elisa me pergunta enquanto enxuga as lágrimas causadas pelo riso.

— Acho que quase nenhuma para qualquer pessoa no mundo, mas estamos falando de mim, afinal de contas — respondo puxando minha cadeira e desabando nela. — Sério, o universo adora tirar uma com a minha cara!

— Que é isso, Day! Ele apenas tem senso de humor. — Ela quase não consegue concluir a frase de tanto que está rindo.

— Um humor muito negro esse o do universo, viu? Ele poderia me dar uma folga.

— Eu achei muito engraçado. Nunca ri tanto na vida... Se bem que aquela história que você me contou de quando era criança também foi muito boa.

Ela volta a rir com a lembrança e eu aposto que a barriga dela já deve estar doendo.

— É engraçado porque não foi você que teve que correr atrás de quatro frangos congelados rolando ladeira abaixo. E eu só tinha 12 anos — censuro-a e jogo uma bolinha de papel nela.

— Ok. Deve ter sido bem embaraçoso, mas admita, é hilário!

— Hum — olho para ela de cara feia.

— Certo. E aí, ansiosa para a festa na Mel amanhã? — Elisa pergunta tentando mudar de assunto e se recompondo. — Nervosa porque o tal do cupido vai estar lá?

— Um pouco — admito.

— Vocês não se falaram desde o Halloween?

— Não.

— Mas você tá afim de ficar com ele de novo?

— Não sei... Acho que não.

— Hum. — Ela diz me olhando com aquele olhar de mãe que sabe quando o filho está escondendo algo.

A Elisa é cinco anos mais nova do que eu na idade cronológica e vinte anos mais velha em idade mental. Ela sempre tem esse ar de ‘mãe’ em relação a mim, e ela me conhece como se fosse mesmo.

— Estou falando sério, não acho que a gente vá ficar novamente.

— Tá certo. — Ela encerra o assunto com uma cara de ‘me engana que eu gosto.’

O dia passa animado por ser uma sexta-feira. Geralmente as pessoas estão melhor humoradas visando o fim de semana que se aproxima.

A Elisa já foi embora, mas antes me fez prometer contar tudo sobre a festa nas primeiras horas da manhã de domingo. Ela está certa de que terei uma história quente para contar, mas acho que ela vai se decepcionar.

O dia seguinte amanhece com um sol lindo no céu. Tive uma noite tranquila de sono apesar da ansiedade devido a festa de logo mais à noite.

Fico de bobeira sozinha, já que a mãe foi trabalhar, e aproveito a sensação boa de apenas preguiçar na cama, comer *gordices* e ler o livro novo

da *Colleen Hoover*, minha autora favorita, até a hora de começar a me arrumar para a festa.

Passei a semana pensando no que usar hoje, mas acabei decidindo por um short preto bem justo de cintura alta, uma blusa de renda creme com detalhes pretos e uma sapatilha azul marinho. Olho-me no espelho de corpo inteiro e assumo que gosto do que vejo.

Eu não sou nenhuma modelo, mas não sou de ‘se jogar fora’, eu acho. Minha estatura é mediana, 1,67cm e peso 60kg, que eu adoraria que fossem 53kg, mas amo muito comer pra chegar a isso. Meus cabelos são loiros e agora estão um pouco abaixo dos ombros, apesar de sempre terem sido longos. Eu o cortei em um acesso de fúria. A Clarissa adorava meu cabelo longo.

Então, com a maquiagem certa, roupas que escondam aquelas gordurinhas estúpidas, e um salto, até que fico bonitinha.

Quando estou chegando à casa da Mel, é o Alex quem encontro me esperando. Ele não está quase nu dessa vez, não sei se me sinto triste ou aliviada. Ele usa uma blusa de botão de mangas curtas e uma calça preta justa que se prende em torno das coxas torneadas. Seus cabelos escuros estão mais curtos. Vejo que eu tinha razão quanto ao fato de que ele precisava de um corte. Ele está ainda mais bonito. Eu nem percebi que estava secando aquele menino de cima a baixo até ser despertada do meu transe pela voz dele.

— Você não vai entrar? — Ele fala abrindo ainda mais o portão para que eu entre e sorri, mas o sorriso dele não alcança seus olhos.

— Claro — respondo com as bochechas queimando.

Quando chego à sala, o pessoal já está totalmente em clima de festa. A música está alta e vejo vários corpos suados dançando e bebendo. Eu vejo alguns rostos conhecidos, mas o fato é que essas pessoas são apenas isso, conhecidos, e isso ainda me deixa um pouco desconfortável. Me viro e o Alex não está mais próximo a mim.

Faço uma pequena varredura pelo ambiente em busca da Mel ou das gêmeas, mas antes de encontrar qualquer uma delas, vejo o Alex com os braços em volta de uma morena cujo ouvido recebe as palavras que ele cochicha. Ele me pega olhando e retribui o olhar de um jeito estranho que não consigo decifrar e logo depois volta a sua atenção para o pescoço da morena. Eles estão em um clima de flerte e assistir aquela cena causa um pequeno incômodo ao meu estômago, mas eu ignoro.

Ainda estou procurando as meninas quando de nada surge um cara

bem na minha frente. Ele para tão próximo que preciso dar um leve passo para trás para que eu possa recuperar uma parte do meu espaço pessoal.

— Ei — diz ele reivindicando os poucos centímetros de distância que eu havia conquistado. — Eu sou um dos aniversariantes e você ainda não me desejou feliz aniversário.

Putá merda. Eu estava pouco a vontade com a ideia de estar celebrando o nascimento de pessoas que eu sequer conheço, e agora queria muito ser um avestruz.

— É... Oi. Desculpa... *Anh...* Feliz Aniversário! — Eu dou um sorriso envergonhado e meio que posso ter gaguejado. Ele me olha bem direto nos olhos, mas eu sinto como se não houvesse uma única parte do meu corpo, coberta ou descoberta, que tenha passado despercebido por ele.

— Então você é a famosa Dayana. — Isso soa mais como uma constatação do que uma pergunta.

— Famosa? — pergunto. — Por quê?

Estamos parados próximos a uma mesa com um bolo decorado com naipes de cartas e três palitinhos, cada um com a inicial de cada aniversariante. Ele passa o dedo indicador ao redor do bolo e depois lambe a cobertura. Ele tem os olhos vidrados como os de um menino fazendo travessuras. Ele me olha com um sorriso de orelha a orelha e eu nunca vi alguém que transbordasse tanta vitalidade e jovialidade e intensidade tudo ao mesmo tempo.

— E o aniversariante pode ganhar um abraço de feliz aniversário? — Ele não responde minha pergunta e abre os braços convidando meu corpo a descansar dentro deles.

— Claro.

Eu me aproximo um pouco mais até que nossos corpos estão juntos e envoltos um no outro; é uma sensação tão boa. Eu não sei por que, eu só fico ali dentro sentindo o coração dele batendo contra o meu e aquilo me conforta.

Quando ele me solta e se afasta um pouquinho, é como se um elástico entre nós fosse esticado, mas ainda nos mantivesse presos. Ele não quer sair de perto de mim da mesma maneira que não quero que ele vá.

— Prazer em te conhecer, Dayana. — Ele diz com um sorriso moleque. — Meu nome é Jeremy, caso você esteja se perguntando, mas todos me chamam de Jay.

— O prazer é todo meu. — Eu digo e realmente sinto prazer em

conhecê-lo.

— Preciso ir. Minha namorada mora logo aqui do lado, mas não quer vir sozinha, então tenho que ir lá buscá-la.

Depois que eu processo aquela informação, não tão rápido para que eu possa tentar disfarçar, a decepção irrompe no meu corpo e feições.

— Ah... Até daqui a pouco então.

— Até. — Ele diz enquanto caminha sem dar as costas pra mim ou tirar os olhos dos meus e eu sinto aquele elástico esticando e se rompendo.

Eu ainda estou aturdida tentando entender o que acabou de acontecer quando a Mel se aproxima.

— *Eeiii*. — Ela grita e me abraça me entregando uma Ice. — Aquele conversando com você agora, era o Jay?

— Sim. Ele veio me cobrar o abraço de aniversariante que eu ainda não havia dado a ele — respondo dando um longo gole na minha bebida. — Quase morro de vergonha porque não sabia que ele era um dos aniversariantes.

— Ele te cobrou um abraço? — Mel pergunta com um sorriso de satisfação.

— E ainda me chamou de famosa... Por que ele me chamaria assim, hein Melissa? — questiono-a desconfiada, minha sobrancelha esquerda levantada para que ela saiba que eu sei que aprontou alguma, ou planeja aprontar.

— E como eu vou saber? — Ela responde levando uma mão ao peito como se estivesse ofendida com minhas desconfianças, mas com um olhar tão malicioso que não seria capaz de enganar um cego sem censo de direção.

— Nem vem, Mel! Ele não foi buscar a namorada dele? — Eu digo como se isso bastasse para ela tirar qualquer ideia maluca que estivesse passando pela cabeça dela. — E não era o Alex o seu pretendente a me dar uma noite de "Sexo quente do bom"?

— *Ahh*, o Alex é um *bananão*. Você precisa de um homem, e não de um menino num corpo de homem. Apesar de que o menino com certeza tem um pênis de homem.

— Você é doida — atesto e sorrio pra ela.

— Acredite em mim, os loucos são as pessoas mais sãs. Eles não se importam com o que pensam deles. E a propósito, a namorada do Jay é uma vaca. Disputa acirrada entre a Clarissa e ela para a medalha de ouro das vadias sem coração.

— Sério? — pergunto com um sentimento de pesar pelo Jay.

— Seríssimo. — Ela diz e me puxa pela mão. — Mas agora vamos dançar. Depois te atualizo da tragédia amorosa que é a vida do Jay.

Quando nos viramos para ir ao meio da sala, nossos olhos param no casal de mãos dadas que acaba de entrar. Ela é linda. Tem a pele branca e lisa como a de um bebê e o rosto afilado e delicado bem diferente do meu arredondado e meio *bochechudinho*. Os olhos dela são verdes, enquanto os meus são castanho-claros, e além dela ter a vantagem do brilho da juventude, ela deve ser pelo menos 10 ou 12 anos mais nova do que eu. E a desgraçada é magra.

Apesar de eu ter dado uma conferida na minha oponente — espera, por que pensei nela como oponente? — foi no cara ao lado dela que meus olhos passearam muito lentamente.

O Jay é um cara bonito, mas a beleza dele é mais natural. Ele tem aquela coisa que faz com que todos tomem consciência da presença dele sem que ele realmente precise se esforçar para chamar a atenção. Ele não é musculoso como o Alex, nem tão alto quanto ele ou mesmo tem um sorriso *molhador* de calcinhas, mas ele é puro magnetismo e eu me sinto totalmente atraída por ele.

— Acho melhor você parar de secar ele agora, amiga. — Mel alerta e me gira puxando-me para dançar com ela.

Quando a festa acaba eu estou exausta de brigar comigo mesma para manter meus olhos longe do Jay, enquanto ele não pareceu nem um pouco interessado em brigar contra a atração que claramente existia entre nós, já que ele não tirava os olhos de mim.

É claro que ele tinha que ser comprometido, não é, universo?

Capítulo 08

Algo de errado não está certo

Depois de sábado, não consegui parar de pensar no Jay. Não sei o que está acontecendo, mas não consigo evitar a onda de curiosidade que ele me desperta. Eu não sei nada sobre ele, mas eu queria muito saber. Não consigo parar de sentir aquela corrente que pareceu passar entre a gente e nos puxar em direção um ao outro durante toda aquela noite.

As lembranças dos olhos dele em mim e das reações que eles me causavam parecem querer fazer morada na minha cabeça.

O Jay não me tocou mais em nenhum momento depois que a namorada chegou, nem mesmo trocamos duas palavras, e foi como se tivéssemos passado a noite inteira nos conhecendo. Nossos corpos pareceram conversar a noite toda e ambos conseguíamos ouvir claramente o que eles pediam.

Meu Deus! Eu não deveria estar pensando nele. Calma, eu só estou curiosa... É só isso. Tento me convencer.

— Boa tarde... — Ouço alguém falar com um tom de voz irritado.

— Boa tarde — cumprimento o senhor de cabelos grisalho, bem-vestido, que está parado na minha frente. — Em que posso ajudar? — dou-lhe meu melhor sorriso tentando desarmar qualquer intenção que ele tenha de descontar o que quer que o tenha estressado em mim.

— Tenho uma reunião com o Sr. Ricardo Moreira, no 17º andar — diz ele com uma cara impaciente.

— Tudo bem. É a primeira vez que o Senhor nos visita?

— Sim, e estou com pressa, se não se importa.

— Preciso de um documento de identificação, por favor.

— Quer o número do meu IPTU, também? — diz ele com ar de quem vai me matar se eu o fizer perder mais tempo.

— Apenas o documento, por favor.

— Só aqui mesmo nesse país! Se fosse um ladrão não teria problemas para entrar. Se o Presidente vier aqui também vai precisar apresentar documento?

— Desculpe, normas do Edifício — dou-lhe um sorriso ainda mais reluzente e ele bufa revirando os olhos, cada vez mais estressado.

— Eu estou atrasado e você está me atrasando ainda mais! — esbraveja me entregando a carteira de motorista e começa a resmungar sobre

burocracia.

E então faço questão de digitar muito lentamente os dados no sistema, ‘errando’ uma letra ou outra, precisando apagar e digitar novamente algumas vezes para enfim concluir o cadastro.

— Obrigada — agradeço sem tirar meu sorriso do rosto entregando-lhe o crachá de acesso à torre.

Acho que se ele fosse um vulcão estaria em erupção agora. Quando a porta do elevador se fecha com o homem quase enfartando de raiva dentro, a Elisa olha pra mim e começa a rir.

— O que foi isso? — Ela pergunta guardando a bolsa e sentando de frente para o seu computador. — Você gosta mesmo de irritar essas pessoas, hein?

— O que eu fiz? — pergunto com ar de inocência. — Eu não tive culpa da manhã ruim que ele teve para que desconte em mim.

— Sei como é. Mas me conta! — Elisa me pergunta cobrando os detalhes que não foram ditos nas mensagens que trocamos no domingo. — O que aconteceu na festa de sábado?

— Eu já te disse, não aconteceu nada de extraordinário — respondo sem saber por que não contei à ela sobre como me senti em relação ao Jay. — Eu dancei, bebi, não beijei ninguém e ainda assim me diverti.

— Mas você não me contou o motivo de não ter ficado com o Alex. — Ela questiona me estudando, procurando alguma ponta de... Tristeza? Decepção? — É que você pareceu ter gostado tanto de ficar com ele. Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada aconteceu. Quer dizer, uma morena aconteceu, mas honestamente não me afetou em nada. Pode tirar esse ar de preocupação aí do seu rosto. — Eu digo e dou-lhe um sorriso para que ela veja que estou bem de verdade.

— Hum. — Ela fala ainda me estudando. — E por que ele estava atrás de uma morena quando tinha uma loira como você por perto? — questiona como quem diz ‘Esse cara é louco?’.

— Vai ver ele prefere as morenas — brinco. — Eu realmente não fiquei preocupada por ele não querer dar *repeat* na nossa música. Não daria certo de qualquer maneira, então não tinha por que darmos continuidade.

— Você tem razão. Melhor não dar *repeat* e deixar no *random*... Deixar o Mp3 da vida decidir quais músicas tocar — diz ela quase sem concluir suas filosofias de araque e tendo um ataque de risos.

— Nossa, Elisa, essa foi mesmo muito ruim — rio alto e sinto-a relaxar por constatar que realmente estou bem.

— Eu sei — diz ela ainda sorrindo.

O clima está agradável apesar do aperto no peito que ainda sinto por causa da minha recaída. A verdade é que essa vontade de saber mais sobre o Jay ganhou um espaço considerável na minha cabeça e meio que meus pensamentos travaram uma disputa acirrada entre ele e a Clarissa.

Eu não consigo parar de pensar no que a Mel falou sobre o relacionamento dele com a namorada, que nem me interessei em saber o nome, mas que segundo a Mel, é uma vadia sem coração, assim como a Clarissa.

O Jay não me parece o tipo de cara que mereça uma vadia desalmada, na verdade ninguém merece... Talvez a Clarissa mereça, mas isso não vem ao caso agora. Eu preciso saber mais. Faço uma nota mental de ligar para a Mel assim que eu chegar em casa.

Os cinquenta minutos do trajeto do trabalho pra casa foram o suficiente para eu me convencer de que era melhor deixar quieto. Meus pensamentos são conflitantes: quero saber mais, mas, ao mesmo tempo não quero... Faz sentido isso?

Eu estava decidida a saber mais sobre o Jay; caramba! Eu passei esses últimos dois dias lembrando cada detalhe dele. Dos cabelos escuros arrumadinhos, das sobrancelhas grossas e expressivas, daqueles olhos castanhos e travessos que não pararam de olhar pra mim e de me atrair como um ímã atraindo uma moeda... Mas eu não posso esquecer que ele não está disponível.

Algo me diz que quanto mais eu souber dele, mais vou querer descobrir, e chegaria um momento que só saber não iria ser suficiente. Eu iria querer chegar mais perto e isso seria a maior roubada em que eu poderia entrar.

Chega de burradas, Dayana! Deito de lado na minha cama e coloco um montinho de lençol debaixo da minha bochecha tentando apagar todas as perguntas que faziam parte do interrogatório que eu planejava fazer a Mel.

Só queria me sentir realmente segura quanto a minha decisão. Eu sei que preciso esquecer aquela atração que nós sentimos, por mais inegável que ela fosse, mas o histórico entre meu cérebro e o meu coração não é dos melhores. Eles nunca se entendem. Bom, é isso aí. Guerra à vista.

Capítulo 09

Então, temos um trato

Estou deitada na minha cama, são quase duas da manhã e eu não consigo dormir. Estou lutando freneticamente contra essa vontade de me aproximar do Jay. Isso é estúpido e ridículo, eu sei. Nos vimos uma única vez. Trocamos três palavras, partilhamos um abraço e infinitas trocas de olhares, mas foi apenas isso.

Eu não sei por que ele vive voltando à minha cabeça. Eu só sinto essa necessidade de ter mais dele. Acho que estou ficando louca.

Viro-me e reviro-me na cama procurando meu sono que tirou a noite para fugir de mim. Tento ler alguma coisa, mas minha mente não consegue se manter nem mesmo em um único parágrafo que seja, então desisto.

Eu mantenho a tv ligada apesar de não fazer a menor ideia do que está passando. Fecho meus olhos e vejo a forma como ele me olhava enquanto eu dançava, das mãos dele me mantendo apertada contra seu corpo, da forma como meu coração pareceu reconhecer o dele... Mas aí me forço mais uma vez a lembrar-me que ele tem alguém. Reviro-me mais uma vez na cama e empurro o edredom para fora de mim, bufando minha frustração.

Fecho os olhos bem apertados e imagens deles juntos invadem minha cabeça. Ela o abraçando por trás, mantendo-o preso contra ela, as mãos cruzadas sobre o peito dele. Ele agitado, como se quisesse sair. Parecia um cachorrinho querendo se soltar para brincar, mas o dono mantinha-o preso à coleira.

Meu Deus, Jay! Sai da minha cabeça e me deixa dormir — quase grito de frustração. Então noto que a tela do meu celular se acendeu. Pego o telefone e vejo uma notificação de mensagem no *Whatsapp* de um número desconhecido e com a foto do perfil oculta. Abro a mensagem.

Desconhecido: Tá acordada?

Sinto meu coração acelerar, mas logo ele se acalma porque não teria como ser o Jay. Nem sequer trocamos telefone. Eu fico na dúvida se respondo ou não, mas que se dane! Estou sem sono mesmo. Sem pensar muito a respeito, digito uma resposta.

Dayana: Quem é vc e como conseguiu meu número?

Alguns segundos depois recebo a resposta.

Desconhecido: Não tá meio tarde pra vc ainda estar acordada?

Dayana: Estou com insônia e vc não me respondeu.

Desconhecido: Insônia é mesmo uma droga. Eu mesmo passo por isso todas as noites. Tem dias que quando consigo dormir o sol já nasceu.

Dayana: É... Insônia é um tédio e eu sinto muito se vc sofre desse problema, mas eu realmente não tenho hábito de conversar com estranhos de madrugada, então se vc não me disser seu nome, vou bloquear seu número.

Desconhecido: Eu tinha certeza de que vc era uma pessoa que valia a pena conhecer assim que coloquei os olhos em você, sabia? Era como se eu fosse o Wolverine e você a filha linda e sexy do Magneto. Vc me manteve preso a noite toda.

Eu solto o fôlego que havia prendido quando comecei a ler essa mensagem e me sento na cama sentindo meu coração bater inacreditavelmente ainda mais rápido do que eu pensei que pudesse.

Dayana: Jay??

Logo depois recebo um *emoticon* piscando para mim.

Dayana: Deixa eu adivinhar, Mel?

Eu aperto enviar e nem preciso da resposta para saber que foi ela quem deu meu número para ele.

Jay: Sim. Mas não mate nossa amiga. Fui eu que pedi seu telefone pra ela >.<

Dayana: Vou pensar no caso dela...

Jay: há-há-há tadinha da Mel. Ela não teve escolha... Sou muito persuasivo ;)

Dayana: Ah é? Persuasivo. Sei...

Jay: Sim. Então, quando eu te pedir algo, nem adianta negar...

Dayana: Desculpa Sr. Persuasão, mas eu só faço o que eu realmente quero e não tem lábia que me influencie se eu não quiser algo, então seu poder não funcionará comigo u.u

Jay: Blasfêmia :O Duvidando dos meus poderes *persuasísticos* de persuadir x.x

Dayana: há-há-há melhor não pagar pra ver. Vc vai se sentir frustrado :P

Eu sei que não deveria me deixar fluir no que quer que esteja acontecendo. Meus instintos gritam me mandando me afastar enquanto há tempo, mas meu coração não tem uma audição muito boa e minha razão não gritou alto o suficiente.

Jay: Ainda sem sono? Minha insônia chama-se desemprego :(Qual o nome da sua?

Penso um pouco a respeito. Eu não posso dizer para ele que ele foi parte dos motivos das minhas últimas noites mal dormidas, então conto sobre a que me castigou nos últimos meses.

Dayana: Ex-namorada.

Jay: Peguei uma conversa ou outra da Mel ao telefone com você. Término difícil?

Dayana: O pior possível. Quatro anos e oito meses acabados por mensagem de texto.

Jay: Ela merece uma surra. Sorte dela que não bato em mulher ;)

Dayana: Você foi a primeira pessoa que não se assustou com o fato de eu ter namorado uma garota.

Jay: E por que eu me assustaria? Cada um ama quem quer... Na verdade não, ama quem o coração quer, quem sou eu pra julgar?

Dayana: É que sempre tive relacionamentos heterossexuais até

conhecer ela. Algumas pessoas entendem ainda menos por isso, eu acho.

Jay: E daí? A bissexualidade é a evolução humana \o/ Eu queria ser bi, mas espada só a minha mesmo x.x

Dayana: há-há-há-há-há

Horas se passam e ainda estamos trocando mensagens. O céu começa a ficar claro anunciando que o sol logo irá subir, mas nós estamos totalmente alheios ao fato de que eu preciso trabalhar daqui a pouco.

Conversar com ele é tão fácil, tão... Bom. Jay me faz gargalhar. Ele dá leveza aos problemas que eu tenho, ele me deixa tão à vontade que só foi preciso essa madrugada para que eu contasse até meus medos e desejos mais profundos. Ele despiria minha alma se tentasse.

Jay: Nada do sono?

Quando levanto os olhos para o canto direito do celular, noto que já são 07h43min e daqui a pouco preciso ir trabalhar.

Dayana: Agora não vai adiantar mesmo se eu tivesse. Saio para trabalhar daqui a pouco.

Jay: Eu não tenho que trabalhar mais tarde :|

Dayana: Quanto tempo sem trabalho?

Jay: Há quase um ano :(

Dayana: Emprego tá realmente difícil :(
Mas não desanima, vai aparecer algo bacana pra vc ;)

Jay: Espero que sim. Depender dos outros é complicado. E aí bate aquele velho complexo de inferioridade e a *bad* bate *hard*.

O clima de repente fica pesado e eu realmente sinto muito que ele esteja passando por isso.

Dayana: Mas não se desespere. Vc acaba de ganhar uma agente e ainda esse mês vc estará empregado :D

Jay: Ganhei foi? E quem é? ^^

Dayana: Eu \o/ não sou o *Chapolin Colorado*, mas vc não contava com minha astúcia:-*

Jay: Mas eu não tenho como pagar por seus serviços... A não ser que vc aceite favores sexuais ;)

Dayana: Engraçadinho u.u Eu achei vc um ótimo analista hoje. Nunca me senti tão à vontade para falar sobre coisas que sequer havia contado para minhas amigas mais íntimas... Que tal vc ser meu analista?

Jay: *Humm*. Então vc será minha agente de empregos e em troca serei seu *psicodoido*... Acho uma troca justa.

Dayana: Então fechou :) Ganhei um psicólogo e vc ganhará um emprego ;D

Jay: *Psicodoido* _-_-

Dayana: *Okay, psicodoido*, tenho que tomar banho agora.

Jay: Vc tinha que dizer isso mesmo?? O.o

Dayana: Mas eu preciso... Já com saudades? <3

Jay: Na verdade, imaginando o que não devo. Acho que vou tomar um banho também.

Eu deveria fazê-lo parar. Deveria cortar esse clima de flerte que estava explícito em boa parte das mensagens que trocamos hoje. Porque foi isso que fizemos, não foi? Estamos flertando?

Ele tem uma namorada. É isso que meu cérebro grita a todo vapor, mas como eu já disse, meu coração é meio surdo e é sempre ele quem está no comando.

Decido ignorar os alertas e me convenço de que consigo manter tudo sob controle. É só não me deixar afetar, penso, não deve ser tão difícil assim. Eu já tive amigos homens antes e eu nem tenho certeza se ele está mesmo flertando, pode ser apenas o jeito dele brincalhão...

Dayana: Tenho que ir, Doutor Jay. Melhor me soltar ou me atraso :S

Jay: Tá bom, mas eu volto;) Nossa próxima consulta já está marcada. Mas espera eu entrar em contato, tá? A Sol não acredita em amizade entre homem e mulher. Ela pode pensar besteira se souber que somos amigos. Somos amigos, certo?

Dayana: Claro. Indo nessa. Xero.

Jay: Bom trabalho. ^_^

Então eu estava certa. Não teve flerte... Ele só quer ser meu amigo, e esse se torna meu mantra atual para tentar me convencer.

Capítulo 10

Consultório aberto após a meia-noite

Depois de uma noite inteira acordada, era de se esperar que eu estivesse com a aparência de um zumbi, mas não é bem assim que me sinto e quando me olho no espelho, definitivamente não é assim que me pareço.

Já estou no trabalho e sinto-me totalmente desperta. Meus olhos estão com um brilho renovado e eu sinto o ar em volta mais leve do que em muito tempo. É até estranha essa sensação. Apesar de o meu coração continuar machucado, e ainda que as feridas causadas pela Clarissa não tenham cicatrizado, não sinto mais como se meu coração moribundo estivesse arquejando em uma cama de pregos. Ele esteve lá por tanto tempo e agora até parece que descansa em uma almofada fofinha e quentinha.

Meu dia está sendo tão fácil. Sinto-me tão bem que nem o ser humano mais estressado e arrogante do planeta conseguiria me tirar do sério.

— Que cara é essa, Day? — Elisa me olha de forma estranha como se ela estivesse vendo uma anomalia na frente dela e não eu. — Você fumou maconha?

Imediatamente começo a rir. Não sei por que apenas isso pareceu ser a coisa mais engraçada do mundo e eu estou rindo tanto que minha barriga dói.

Minhas gargalhadas se tornam cada vez mais altas e de repente todos em volta começam a me olhar estranho também, e quer saber? Eu não ligo! Fazia tempo que eu não me sentia assim, e eu quero aproveitar e gargalhar o quanto eu sentir vontade.

Elisa continuar a olhar pra mim parecendo estar em estado de choque.

— Meu Deus, Day! Você fumou, não fumou?

Eu tento recuperar a postura e olho pra ela ainda com os lampejos do meu ataque de risos nos lábios.

— Claro que não, Lisa! Eu só me sinto bem hoje, posso? — falo enquanto começo a separar as correspondências das empresas do Edifício que o carteiro acaba de entregar. — E a propósito, você sabe o quanto eu odeio cigarros. O que te deu pra pensar que eu iria fumar maconha?

— Sei lá... Você sempre chega reclamando do calor e do sol e do ônibus que sempre é lotado e dos pombos que estão por toda a parte.

— Cagando na minha cabeça — interrompo-a.

— Isso, ou qualquer coisa do tipo, e hoje não houve resmungos,

apenas você com esse sorriso que parece colado na cara... Espera, você fez sexo??

Ela me olha com os olhos arregalados e eu me forço para não recommear a gargalhar.

— Não, Elisa. Eu não fiz sexo e nem fumei maconha ou usei qualquer substância ilícita. Só estou me sentindo bem hoje. O sol não estava tão quente quando eu vinha e havia um lugar para eu sentar quando entrei no ônibus, então acho que só estou tendo um bom dia. Nada demais.

Elisa me fita parecendo não acreditar em mim.

— Aconteceu alguma coisa, Dayana. Eu te conheço e você não me engana. Mas oh — fala apontando dois dedos para os próprios olhos em seguida apontando-os em minha direção —, estou de olho em você, viu? Nem tente me esconder o que quer que esteja acontecendo.

Eu não sei por que não falo de uma vez que estou me sentindo mais leve apenas por ter passado uma madrugada trocando mensagens com um cara que só vi uma vez na vida. Isso é infantil demais e eu não tenho mais idade pra essas bobices adolescentes, mas me sinto como uma menina de quinze anos.

— Certo. Continue olhando e vai perceber que minha vida continua a mesma, sem nenhuma mudança drástica ou considerável — dou uma piscadinha pra ela e volto a protocolar a pilha de correspondências.

Quando já estou na minha cama, me sinto cada vez mais ansiosa esperando que o Jay me mande alguma mensagem. Nós não combinamos nada, ele não disse se nos falaríamos hoje novamente.

Sinto-me tentada a enviar uma mensagem qualquer pra ele e então me obrigo a tirar a ideia da cabeça. Ele pediu para eu esperar ele falar comigo primeiro.

Já passa da meia-noite e meus olhos começam a pesar, mas eu não quero dormir. E se ele mandar mensagens e eu estiver dormindo? Estou quase cochilando quando ouço o alerta do *Whatsapp* do meu celular.

Jay: Boa noite, Sra. Dayana. Sou Jay, seu *psicodoido*. Estou aqui para ouvi-la e compreendê-la. Você pode me falar qualquer coisa, pode confiar em mim. Tudo que for falado aqui permanecerá aqui. Você pensou em mim hoje, tanto quanto eu em você?

Eu sorrio e sinto algo estranho na barriga como se eu a sentisse se encolher e contorcer por dentro. Imagino-o impostando a voz em tom sério quando leio a mensagem e isso alarga ainda mais o meu sorriso.

Dayana: Boa noite, Dr. Jay. Agradeço por abrir o consultório tão tarde apenas para me atender. Creio que o Sr. terá que ser mais específico em relação ao quanto pensou em mim para que eu saiba se chegou perto do quanto pensei em você. Asseguro-lhe que pensei bastante. Muito. Tenho um problema?

Jay: Nesse caso, não sei como te ajudar, estamos ambos ferrados porque você não saiu da minha cabeça. Em momento algum, desde que te vi naquela noite.

Dayana: Estou imaginando coisas, ou essa consulta está tomando ares de flerte?

Jay: Desculpa. Sou um péssimo profissional, mas a culpa é da paciente. Quem mandou ser tão sensual assim?

Dayana: Então vc me acha sensual, é? Não acho que seja apropriado que meu *psicodoido* tenha esses tipos de percepções sobre sua paciente u.u

Jay: Eu teria que ser cego para não notar.

Dayana: Jay, o que está acontecendo? Vc tem alguém, certo?

Jay: Sim. Eu não sei... Mas eu sinto essa coisa que te mantém impressa nos meus pensamentos. Eu não sei explicar... Eu só quero chegar mais perto.

Dayana: *Okay*... Acho que entendo o que vc quer dizer. Também me sinto assim. O que faremos?

Jay: Podemos continuar com nosso trato? Falei sério quando disse que vc poderia conversar sobre qualquer coisa comigo... Olha, eu sei que não posso ter vc de verdade, mas que mal pode haver em trocar mensagens?

Lá estava meu cérebro enviando todos os alertas vermelhos possíveis

e eu os ignorando completamente. A verdade é que eu preciso de mais. Ele me causa essa sensação boa que não sentia há muito tempo e eu não quero jogar ela fora.

Eu posso fazer isso, certo? Se ficarmos apenas nas mensagens de texto, que mal poderá fazer? Não é como se estivéssemos fazendo sexo, nem nada.

Antes que eu tenha a chance de pensar direito, envio outra mensagem pra ele.

Dayana: Se passarmos dos meus limites, se eu notar que estou me apegando ou houver o menor sinal de que isso pode acabar mal, a gente para. *Okay?*

Como se isso realmente pudesse acabar de outra forma que não mal.

Jay: *Nude* está acima dos limites? ;)

Dayana: Definitivamente u.u

Jay: Não me julgue por tentar; mas me conta o que aflige seu coração?

Ele perguntou, então contei tudo à ele. O quanto me sentia ridícula por todos me fazerem de trouxa; sobre meus fracassos amorosos e a forma como esse último pareceu ser pior. Desembuchei cada uma das minhas frustrações causadas pelo meu famoso ‘dedo podre’.

Jay: Então antes da Clarissa vc era casada?

Dayana: Sim. Por sete anos, e menos de duas semanas após o fim do casamento eu comecei a namorar a Clarissa. Não sou do tipo que sabe ficar sozinha. Odeio a solidão. Estou meio que surtando no momento, sendo franca.

Jay: Dana, eu sei que esse relacionamento acabou com vc. Sei que hoje seu coração tá arruinado e que vc até pode tá desesperada pra encontrar alguém que o conserte, mas vc precisa se curar sozinha primeiro. Seu coração deve estar inteiro pra conseguir acomodar um novo amor. Não cometa o mesmo erro duas vezes. Se deixe sentir o luto do termino até o fim. Eu sei

que não é fácil. Entendo que vc queira dar alívio para a dor que sente, mas forçar alguém a entrar no seu coração, quando o último ‘morador’ deixou tudo tão destruído e revirado, não vai ser bom pra vc e nem pra eles. Estou incluindo o cara ‘novo’ na equação.

O Jay sempre parece sabe o que dizer. Ele escolhe as palavras certas para me fazer sentir melhor. Meus amigos sempre tentavam ‘levantar minha moral’, mas eu já estava cansada dos velhos clichês de “Você merece coisa melhor...” “Ela que perdeu e não você...” “Você vai encontrar alguém que te valorize...” O Jay não usava clichês ou frases prontas. Ele parecia me ouvir e entender cada palavra e pontuação que eu dava no que eu falava. E ele tem um senso de humor incrível.

Jay é do tipo que, caso ele acabe atolado em alguma merda que tenha feito, ele apenas cuida em ‘se limpar’ e tenta tirar o máximo de aprendizado possível da mancada pra não cair mais no mesmo erro.

Dayana: Acho que vc tem razão. Talvez meu coração ainda não esteja mesmo pronto pra se entregar para outra pessoa.

Jay: Claro que eu tenho razão! Não cheguei a comentar que eu sempre tenho? ^^ Mas eu imagino que deva ser difícil ficar assim... sozinha sem ninguém... tipo, existem necessidades que precisam ser supridas...

Dayana: Minhas necessidades estão *super* sob controle. Eu as controlo com as pontas dos dedos há-há-há.

Jay: Ai, *Pai Odin*! Por que vc fica falando essas coisas com duplo sentido? Vc não faz ideia das imagens que estão passando pela minha cabeça agora. x.x

Dayana: há-há-há-há acho que faço sim... Não me culpe, foi vc quem começou.

☺

Jay: Isso é desumano! Uma mulher como vc tendo que sujar as mãos desse jeito.

Dayana: Eu adoro sujar as mãos, apesar de não ser a mesma coisa. Sabe, tava pensando aqui... acho que sou praticamente virgem, levando em consideração que não tenho relações sexuais com homem há mais de cinco

anos.

Jay: Eu realmente não precisava dessa informação. Vc é uma quase virgem muito cruel, porque agora estou imaginando várias formas de tirar a virgindade de uma quase não virgem x.x

Dayana: Então eu não posso falar sobre qualquer coisa com meu *psicodoido*? Achei que vc também atuasse na área de frustrações sexuais. ☹️

Eu sei. Estamos indo longe demais. Eu não deveria continuar caminhando na direção sexual que ele insinuou. Parece que estou numa fase meio Mel, sem filtro no momento... e foda-se, eu estou mexendo com ele e estou amando isso.

Jay: acredite em mim, eu adoraria atuar ativamente nessa área, te curar de cada uma das suas frustrações sexuais e eu garanto que eu trabalharia muito duro e incansavelmente.

Sinto um ponto entre minhas pernas latejar e aperto minhas coxas uma contra a outra.

Dayana: Acho que estou muito sensível pra ouvir certas coisas. Só em ler a palavra duro vindo de vc, algo latejou aqui embaixo.

Jay: Talvez vc me deixe sensível demais. Só em saber que o meu duro fez o seu latejar, já me deixou maluco.

Dayana: Melhor deletarmos palavras como 'duro' e 'latejar' do nosso vocabulário enquanto tivermos conversando.

Jay: É. Ou as mensagens de texto não serão mais suficientes e teremos um problema enorme pra resolver.

Dayana: Enorme quanto?

Jay: Dayana...

Dayana: *Okay*. Desculpe. Parei. Melhor irmos dormir. Boa noite, Dr. Jay.

Jay: Boa noite, Dana.

Ainda pegando fogo, tentada a usar meus dedos a fim de apagar a dor que sinto naquele certo ponto entre minhas coxas que não para de pulsar, recebo uma última mensagem do Jay.

Jay: Só pra constar, é enorme muito.

(Abre parênteses...

De quanto tempo um coração ferido precisa pra se curar? Quanto tempo até que ele esteja pronto pra arriscar se ferir novamente? Porque o risco sempre existe, não é? Provavelmente o Jay está certo quando fala que preciso deixar meu coração se recuperar da surra que levou pra poder entregá-lo novamente. Eu nunca consegui fazer isso.

Quando olho pra trás, percebo o quão errado meus relacionamentos começaram. Eu nunca dei o espaço que meu coração precisava para se curar e sempre fui mestre em me apaixonar por pessoas especialistas em despedaçar corações.

Eu passei a vida inteira desesperada para encontrar alguém que pudesse me salvar. Acho que esse é meu grande problema afinal. Esperar sempre ser salva ao invés de lutar pra me salvar eu mesma. Naquela época parecia a coisa certa a fazer, ou a mais fácil. É difícil explicar... Mas parece que vivo num círculo vicioso.

Comecei a namorar aos dezessete anos com um garoto lindo, de dezenove anos. Meu namoro ia muito bem e eu gostava dele, mas depois que eu enfim cedi e perdi minha virgindade, ele mudou. Ele ficou grosso, gritava comigo e achava que tinha direitos sobre mim.

Minha família ainda parecia viver naquela época onde uma mulher que rompe o hímen sem ser casada é o mesmo que romper a honra. Eu continuava naquele relacionamento por achar que tinha obrigação e aí o Claudio apareceu como um príncipe no cavalo branco para me salvar daquele ogro do mal.

Olha aí eu me apegando a alguém esperando ser salva.

O Claudio era o perfeito cavalheiro, gentil, compreensivo, carinhoso. Ele cuidava tão bem de mim e conquistou todos da minha família tão rápido que em seis meses estávamos noivos. Nos casamos apenas um mês depois. Ele não se mostrou quem era assim de uma vez... A farsa foi sendo desvendada aos poucos.

Ele começou me usando para descontar os estresses do trabalho.

Quando algo o aborrecia, ele precisava me aborrecer para se sentir melhor. Se ele se sentia inferior a qualquer coisa, ele tinha que se mostrar superior a mim de alguma forma. No começo eram coisas sutis, bobas, e eu não dava importância, mas deveria.

Quando a gente ia sair pra algum lugar eu nunca poderia estar mais ‘bonita’ do que ele. Sério. Ele sempre me analisava e se ele achasse que eu estava mais bem-vestida do que ele, eu tinha que me trocar. Se a maquiagem me deixava mais bonita, eu tinha que tirar; e, claro, eu não podia usar calçados de salto que o tornasse mais baixo do que eu.

Eu andava com ele sempre procurando olhar para frente ou de cabeça baixa, porque se eu olhasse para o lado, ele dizia que eu estava ‘procurando macho’ e uma briga começava. Eu não tinha amigos, não visitava meus parentes, não participava de confraternizações com a família... Nada. E ainda assim ele via motivos para me acusar de ser uma ‘puta para quem ele fez o favor de casar’.

Eu vivia numa espécie de Síndrome de Estocolmo e meu ex-marido era meu carcereiro. As coisas só se tornavam cada vez piores e eu não percebia o quanto estava me afundando. O Claudio me sugava de todas as formas que conseguia.

Sabe, hoje quando me pego pensando nas coisas pelas quais me submetia, eu penso ‘Nossa! Como eu pude viver assim por sete anos?!’ Mas na época, quando eu estava lá no olho do furacão, eu acreditava que não tinha escolha e que o Claudio era a única pessoa que me amava de verdade. Eu sei, parece doideira eu ter acreditado que a única pessoa que me amava era justamente a que mais me feria. Não subestime o poder que um homem inseguro e covarde pode ter sobre uma menina insegura e com declínio para baixa autoestima.

O desgraçado sabia bem como fazer uma lavagem cerebral, pode acreditar. Ele nunca encostou um único dedo em mim, mas me deixou com mais hematomas emocionais do que eu seria capaz de contar. Eu estava tão exausta e a Clarissa apareceu como uma dose de morfina para aliviar minhas dores e acabou causando dependência. Eu aceitei de bom grado.

Círculo vicioso. Um namorado idiota trocado por um marido abusivo trocado por uma namorada mentirosa e fria. O que será que vem agora?

..Fecha parênteses)

Capítulo 11

Cuidado, areia movediça

Estou no computador do trabalho pesquisando vagas de emprego para o Jay quando lembro-me do Talles. Ele e eu trabalhamos juntos na loja de departamentos em que conheci a Clarissa e nos tornamos amigos desde então.

Hoje não somos tão próximos, mas nos falamos de vez em quando e sempre que vou ao shopping, passo na loja para vê-lo e matar as saudades.

Ele é um cara incrível. Hoje em dia ele é supervisor na mesma loja em que trabalhávamos juntos e logo tenho a ideia de ligar para ele e perguntar se por acaso eles não estão contratando.

— Diz estranha. — Sinto a saudade apertar ao ouvir o apelido e percebo que já tem algum tempo desde que nos falamos pela última vez. — Resolveu se lembrar de mim, sapatão? — Ele me repreende antes mesmo que eu diga qualquer coisa.

— Faz um tempinho, né? Como você tá? Arrumou algum boy magia pra amansar teu fogo, ou continua uma bicha sem-vergonha que dá pra qualquer um que tenha pau?

Desde que nos conhecemos, desenvolvemos uma empatia mútua um pelo outro e usar palavras que teoricamente seriam ofensivas sempre foi nosso jeito favorito de demonstrar o quanto a gente se gosta.

Acontece que a ofensa não está na palavra e sim na maldade que é expelida com ela. Entre a gente só existe carinho e cumplicidade.

— Ai, amiga, eu bem que tento me aquietar, mas você sabe, ainda não encontrei o amor. A culpa não é minha. Mas e você? Como tá? Soube que você e a Clarissa não estão mais juntas... Graças a Deus! Desculpa, mas já não era sem tempo, você tá bem? Sei o quanto você a amava, mesmo que ela fosse uma cadela.

— Na verdade eu não quero falar sobre isso, se você não se importa. Liguei pra falar sobre outra coisa.

— Hum. Diga aí, flor do meu jardim, o que você manda?

— Queria saber se a loja está contratando no momento, é para um amigo meu. Ele é *super* gente boa e tá desempregado há algum tempo.

— Olha só que coincidência! Tenho umas entrevistas marcadas para hoje, Day! Pede pra ele me procurar aqui na loja que eu encaixo ele. A seleção começa às 16hs, se ele for bem nas entrevistas, o emprego será dele.

— Tenho certeza de que será! Você vai gostar muito dele.

— Hum... Sinto uma certa empolgação no ar, ou é impressão minha?

— Impressão sua — digo com um sorriso na voz. — Ele é apenas um amigo que estou tentando ajudar.

— *Arram*. Pois eu preciso voltar ao trabalho agora. Pede pra ele vir que veremos o que podemos fazer. Saudades de você ingrata! Só me liga para pedir favores!

— Calúnias! — digo e começo a rir. — Também estou com saudades. Vamos combinar de sair qualquer dia desses.

— Certo. A gente se fala. Até mais, Madre Tereza. — Ele diz rindo.

— Até, Gatinho.

Assim que desligo o telefone, envio uma mensagem para o Jay.

Dayana: Entrevista de emprego na loja Estilo Casa e Moda, do Shopping. Esteja lá às 16hs e leve um currículo. Procure o Talles quando chegar lá.

Eu digito o texto mais impessoal que consigo por medo de que ele possa está próximo da namorada e acabar gerando problemas pra ele. Percebo o quanto me sinto mal com isso, mas envio a sensação ruim bem para o fundo do peito e faço de conta que isso não me incomoda. Alguns segundos depois ele responde.

Jay: *Okay* ;) Acho que subestimei o trabalho da minha agente. Duas semanas e já tenho uma entrevista? Nem sei como agradecer.

Dayana: Ainda não comprei aquele livro novo que vai ser adaptado para o cinema :D

Jay: Que mercenária :O Nem fui aprovado na entrevista e vc já quer me extorquir!

Dayana: Imagina! Foi apenas um comentário inocente ^^

Jay: *Hurrum*. Sei. Mas vou indo. Preciso resolver umas coisas antes de ir para a entrevista. Mais uma vez, obrigado. Mais tarde te conto como foi, tá? Bj :*

Dayana: *Okay* ☺ Boa sorte! *Xero* :*

Estou olhando para o celular com uma cara de boba alegre quando percebo que a Elisa está me encarando.

— O que foi? — Eu falo guardando o celular.

— Tem alguém espreitando para dentro do teu coração, ou essa cara de apaixonada é apenas por você gostar muito do seu celular?

Eu ainda não contei nada a ninguém sobre as mensagens que troco com o Jay. Eu não sei por que me sinto como se estivesse fazendo algo de errado, algo de que devesse me envergonhar. Nossas mensagens não são totalmente inocentes, mas também não é como se ele traísse a namorada dele... é? Fico olhando pra Elisa, que me fita com aquele olhar de mãe e acabo contando tudo sobre as duas últimas semanas.

— Lisa, eu sei que ele é comprometido, e não estou apaixonada por ele nem nada. Ele é só um amigo e me sinto bem ao conversar com ele. Ele me faz sentir como se eu não fosse o lixo desprezível que eu acreditei ser depois que a Clarissa rompeu comigo.

— Eu acredito que você não esteja apaixonada, mas você ainda tá muito vulnerável pra conseguir manter as coisas claras sobre seus sentimentos, entende? Você pode confundir sua carência com outras coisas...

— Eu sei, Lisa. Não precisa se preocupar. — Tento tranquilizá-la com um sorriso que nada esconde minhas incertezas. — Sei que ele e eu só podemos ser amigos e, garanto, não o vejo como mais do que isso. — Minha voz sai tão hesitante que nem eu acredito em mim mesma.

— Só toma cuidado, Day. Assegure-se de que o chão é sólido antes de pôr os pés. Algumas vezes o chão parece firme, mas na verdade é areia movediça.

Mesmo depois que eu cheguei em casa, as palavras da Elisa continuam martelando na minha cabeça.

Estou esquentando um prato de espaguete que minha mãe deixou na geladeira pra eu jantar e refletindo sobre tudo isso, tentando entender o que quer que tenha para ser entendido.

Eu sei que não tem nada de mais acontecendo entre o Jay e eu, não no sentido ‘romântico’. Nós apenas conversamos bobagens algumas vezes, outras, falamos sobre coisas mais sérias... Certo, uma vez ou outra as conversas ganham um contexto sexual.

Eu estou ciente de que ele tem uma namorada e que a ama, ou que no mínimo goste bastante. Ele não fala muito nela, talvez porque quando conversamos, é como se ela realmente não existisse.

Ele me trata com carinho, consegue compreender até minhas loucuras mais desconexas e até as *melindrices* mais incoerentes — acho que essa palavra não existe. É impossível ficar desanimada ou deixar-se entristecer com ele por perto, mesmo que o por perto seja apenas através das mensagens de texto que trocamos.

Chega de quebrar a cabeça com isso. Melhor eu comer ou vou ter que colocar meu jantar para esquentar novamente.

Depois de comer meio prato de espaguete, o que foi bastante já que minha mãe encheu o maior prato que temos no armário, e de ouvir as broncas e discursos dela sobre o quão caro está a comida, e sobre a quantidade de pessoas que existem no mundo passando fome, para que eu desperdice metade do meu jantar, subo para o meu quarto e me jogo na cama sentindo a preguiça que uma barriga cheia de comida sempre me causa.

Acordo assustada após ter caído no sono, ainda com o uniforme do trabalho. Verifico a hora no celular e dou um suspiro de alívio ao observar que ainda é cedo e que não tenho nenhuma mensagem perdida do Jay.

Depois de um banho e de colocar uma camisola fresquinha e gostosa, deito na minha cama sentindo o familiar bater ansioso do meu coração à espera das mensagens do Jay. Não demora muito e sinto meu sorriso se esticar ao som do alerta de mensagem do celular.

Jay: *Conseguiiiii* :D Começo daqui a três dias! Só o tempo de organizar a documentação necessária e fazer os exames médicos, mas sou um homem empregado \o/

Dayana: Parabéns :D Mas eu já sabia que vc tiraria essa entrevista de letra ^.^

Sinto uma alegria imensa inflando meu peito e um sorriso ainda maior se abrir na minha boca, até ler a próxima mensagem que ele me envia.

Jay: Mas ei, só queria mesmo te contar que deu tudo certo. Não vou poder conversar com vc hoje... A Sol está aqui em casa... Ela vai dormir aqui.

Fecho os olhos e respiro fundo ao sentir meu coração apertar e uma sensação ruim invadir meu estômago.

Dayana: Claro. Vcs têm muito o que comemorar hoje, né? Divirta-se e parabéns pelo emprego.

Jay: Eu não sabia que ela viria pra cá hoje. Foi meio que surpresa... Vou sentir tua falta. Boa noite, Dana.

Dayana: Boa noite, Jay.

Uma onda de tristeza começa a infiltrar-se dentro de mim junto com os pensamentos e conclusões das quais eu andei tentando ignorar. Acho que estou sentindo mais do que admitia e sonhando com muito mais do que deveria.

É... talvez eu já esteja meio atolada até os tornozelos na areia movediça.

Dizem que em uma situação como essa, o melhor é manter a calma, não se afobar e tentar sair devagar sem fazer movimentos bruscos ou a tendência é ir sendo engolida cada vez mais. Difícil. Tudo em que penso agora é tentar correr para o mais longe que posso.

Capítulo 12

Coração machucado. Coração confuso

Estou deitada na cama preguiçando e tentando colocar um pouco de juízo no meu coração estúpido. Ele não pode ser tão idiota assim a ponto de ter se apegado a uma ideia que jamais seria viável.

O Jay e eu... Até parece. Nós temos uma sintonia extraordinária e criamos um lance meio esquisito, eu sei.

A nossa troca de mensagens noturnas acabaram sendo uma espécie de refúgio para ambos, eu acho. É o lugar e o momento onde podemos falar sobre qualquer coisa, onde nos sentimos seguros e livres de quaisquer amarras de ‘pudor’ ou ‘moralidade’.

As madrugadas tornaram-se nosso mundo paralelo onde não existia namorada ou ex-namorada, onde éramos quem quiséssemos ser, quem realmente somos, e apesar de saber que tudo aquilo era um ‘faz de conta’, a cada manhã eu amanhecia mais leve.

Eu sei que acabei passando dos limites que eu havia imposto para mim mesma. Ele não precisou de nenhum esforço para penetrar minhas defesas, elas sequer existiam em se tratando dele.

Ele me deixou inteiramente vulnerável desde aquele primeiro encontro que tivemos. Eu só não sei quando exatamente ele roubou todas as minhas armas, se foi no momento em que senti os olhos dele em mim ou quando nos abraçamos e meu coração foi capaz de reconhecer o dele.

Perco-me tão fundo nos meus pensamentos que quase esqueço minhas obrigações. Levanto de uma vez da cama, rápido o suficiente para sentir uma leve tontura.

Sinto o mundo girar por alguns milésimos de segundos e não sei se foi devido à velocidade com a qual me pus de pé ou se foi a infinidade de pensamentos rondando minha cabeça.

Chego ao trabalho atrasada, mas não absurdamente. A Elisa me encara desde a hora em que me avistou na entrada da recepção até o momento em que me acomodei na minha mesa.

— Bom dia — cumprimento-a com uma fenda que se abre nos meus lábios tentando se parecer com um sorriso.

— Bom dia. — Ela responde. — O que houve? — pergunta com um olhar apreensivo.

— Nada, por quê? — Faço minha melhor cara de desinteresse.

— Nada? E desde quando nada te deixa com essa cara de cachorrinho que caiu da mudança?

— Não estou com cara de cachorro!

— *Arram*, desembucha de uma vez, Day! Você sabe que não vou te deixar em paz até você falar. Vamos poupar nosso tempo. Fala. — Ela me encara, seus braços cruzados sob o peito.

Respiro fundo e mantenho meus olhos fechados por alguns segundos e então dou voz a todos os conflitos que pairaram sobre a minha cabeça mais cedo e ela escuta pacientemente.

Quando termino, ela olha pra mim e balança a cabeça como se não acreditasse.

— Deixa eu ver se entendi, você tá com essa cara de cachorro que perdeu o dono porque o seu amigo — ela dá ênfase à palavra amigo, frisando bem cada sílaba — não pôde virar a noite trocando descrições sexuais que ambos queriam fazer um com o outro?

— Nossas conversas não são apenas com contexto sexual, viu? Conversamos sobre muitas coisas.

— Hum. Mas e o tal do cupido lá, o quase de menor? Achei que vocês se falavam... Por que não conversar sobre essas muitas coisas com ele? Ele ao menos está disponível. — É impossível não notar a censura na voz dela e me sinto mal.

— O Alex é DEZ anos mais novo do que eu, Lisa! E ainda assim, estou bem sozinha. Não existe nada entre o Jay e eu.

— Sei. — Ela fala nada convencida. — Day, me responde uma coisa, por que mesmo o Jay não pôde falar contigo ontem?

— Eu já te disse. — Não respondo de imediato porque conheço a Elisa e sei onde ela quer chegar. Eu já cheguei nesse mesmo lugar sozinha, hoje pela manhã.

— Apenas responda, por favor.

— Porque a namorada dele estava com ele — respondo sem olhar pra ela.

— Exatamente! Ele tem uma NAMORADA, Day! — Ela praticamente soletra. — É comum os namorados estarem juntos e as namoradas fazerem surpresas para os namorados! Você não estava enganada na história. Claro que ele não iria deixar de passar a noite com ela pra ir pra terra da magia sexual com você! Com ela é de verdade. Day... — Vejo uma pontinha de decepção nos olhos dela, mas também um sentimento de pesar, e

então sua expressão fica mais gentil, como se ela falasse com uma criança. — Diminui os devaneios, amiga! Por favor, põe esses pés no chão! Ele não tá disponível e seu coração ainda não tá também, você sabe disso.

Abro a boca tentando dizer algo, qualquer coisa que seja, uma réplica para todas as verdades que eu ouvi, mas nada que valha a pena me vem à cabeça, porque na verdade não tenho o que dizer. Então a recepção é invadida por vários empresários engravatados. E eu agradeço o corte repentino na conversa.

Levamos alguns minutos até que todos fossem atendidos e direcionados para as empresas para qual vieram, e assim que o último recebe o crachá de acesso, olho para minha amiga.

— Eu sei que ele tem um compromisso, e sei que meu coração ainda não está curado o suficiente para receber alguém. Talvez eu apenas queira aproveitar a sensação boa de tê-lo por perto, nem que seja através de um aplicativo de celular. Olha, não fazemos nada de mais. Não é como se nos encontrássemos às escondidas... Não sou o chifre de ninguém, Lisa.

— Se é pela sensação, qual o problema de fazer isso com um que não seja comprometido e de uma maneira menos virtual? Não quero ver você saindo de uma fria e entrando em outra. Talvez seja melhor vocês serem amigos como amigos devem ser... Se afasta um pouco, sei lá... Se você não consegue mesmo ficar totalmente sozinha, um quase de menor vai causar menos estragos do que alguém que tem que esperar a madrugada pra poder falar contigo.

Sinto a saudade apertar só em pensar perder meu *psicodoido*, mas sinto que a Elisa está certa. Vou acabar moendo o que restou do meu coração com um moedor de carne se eu continuar fingindo que posso manter meus sentimentos pelo Jay sob controle. Nem para cupido quase de menor e nem para *psicodoido*, preciso ficar apenas comigo mesma... Eu só não sei se sou capaz disso.

— Você tem razão. Eu havia avisado a ele que eu não iria ultrapassar meus limites e que se eu notasse que estava me apegando, de uma forma além da amizade, eu iria frear.

— Então é isso — conclui Elisa com um olhar de compreensão. — Pisa no freio, mas não se esqueça de desligar e sair do carro. Estar nele pode te levar à tentação de acelerar novamente.

O grupo de empresários que entrou mais cedo foi nosso único pico alto de movimento. O resto do dia foi tão parado que eu quase poderia

segurar o tédio com as mãos e meus sentimentos frustrados tornavam tudo ainda pior.

Estou arrumando minhas coisas para ir embora quando meu celular toca. Abro um sorriso quando vejo a foto do Talles sorrindo pra mim todo *divoso*.

— Diz, *viado*! O que tem de bom pra mim?

O Talles é daqueles homossexuais que fazem a nação feminina gritar em coro “Meu Deus, que desperdício!” Ele é alto e tem um corpo torneado, apesar de não ser nenhum fisiculturista. A pele dele é de um marrom claro e os cabelos são escuros mantidos meticulosamente penteados no estilo ‘estou assanhado porque acabei de foder’.

— Oi *sapatoninha*. — Ele me cumprimenta com uma voz melodiosa. — Estou próximo ao prédio em que você trabalha e pensei em dar uma passada e te arrastar pra aquela cafeteria simpática que tem logo aí na esquina. Vamos?

— *Simm*! — aceito de imediato sem nem precisar pensar a respeito. — Estou mesmo querendo desanuviar os pensamentos e nada melhor do que cafeína no sangue e a companhia do meu amigo lindo e gostoso posando de meu homem.

— há-há-há. — Ele ri. — Lindo, gostoso e Gay, não se esqueça.

— Estraga prazeres — digo rindo também. — Escuta, estou saindo agora, onde você tá?

Estou de costas pegando minha bolsa e quando me viro ele já está parado em frente ao balcão da recepção. Desligo o telefone e sorrio pra ele.

— Quem foi o irresponsável que te autorizou a entrar? O segurança já não tinha fechado tudo? — brinco enquanto apago as luzes e me dirijo a ele, abraçando-o apertado.

— Ah, eu expliquei que queria fazer uma surpresa pra você e ele abriu a porta pra eu entrar. Muito simpático esse segurança a propósito. Casado?

— E hétero, sua bicha sem-vergonha! — falo e dou uma tapinha no peito dele e ele estende o braço pra mim.

— Vamos tomar esse café que estou cheio de novidades pra contar e, claro, saber.

Quando chegamos à Cafeteria, ambos inalamos bem fundo para nos embriagar com o cheiro delicioso de café e depois nos acomodamos em uma mesinha que ficava em um canto, próxima a uma janela de vidro que dava pra

rua.

O ambiente era aconchegante e a iluminação era mantida na medida certa, nem tão baixa nem tão incandescente, o que tornava o lugar ainda mais agradável. Me repreendi mentalmente por nunca ter parado aqui antes.

— Então, quais as boas novas? — pergunto logo após a garçonete nos entregar os cardápios.

— Fui promovido a Gerente Regional — diz ele com um sorriso de orgulho.

— Ah, meu Deus, Talles! Que coisa maravilhosa! Você merece, amigo. Nossa! Gerente Regional, hein? Vai ter que viver viajando entre os Estados da nossa Região... Que triste, né? — digo fazendo biquinho, fingindo tristeza.

— Pois é... Imagina a quantidade de boy escândalo que vou conhecer, flor! Eu posso até pensar em ter um fixo em cada Capital do Nordeste. — Ele fala em tom de brincadeira, mas duvido que ele esteja mesmo brincando.

— Você deveria era aquietar teu facho, isso sim! Tem que se apaixonar e viver um relacionamento de verdade, não esses casos de uma noite, vazios.

— Vazios nada! Você que deveria aprender comigo. Eu gosto é de variedade, Day. O mesmo pau todo dia cansa.

Não conversamos muito sobre mim, ele teve a bondade de não tocar no nome da Clarissa e ambos fazemos de conta que ela nunca existiu na minha vida.

Já estamos conversando há cerca de uma hora e meia e eu já perdi as contas de quantas vezes ele me fez rir alto. Sinto-me feliz por ele ter me convidado pra sair hoje.

— Mas e aí, cadê os boys? Tem dado essa *pepeca* ou vai deixar acumulando poeira?

— Que horror, Talles! Não quero falar sobre isso com você não!

— Ah, meu Deus! Aposto que tá na seca... Amiga, vou arrumar um boy/girl pra tu dar uma. A propósito, tu ainda quer boy, ou agora é só girl?

— Por enquanto não deveria querer nenhum dos gêneros, mas você me conhece. E, se for de aparecer alguém, não vou me prender ao detalhe do sexo da pessoa, desde que ele/a valha a pena. E sobre me arrumar uma foda casual — falo baixando um pouco o tom de voz — entra na fila — concluo enquanto me delicio com mais uma garfada na torta de maçã que estava

comendo.

— Fila? Tá bem assim? Não te reconheço... Quem é você?

— Fila de amigos que querem me arrumar uma foda casual, Talles — respondo revirando os olhos.

— Ah... Estão fazendo campanha, é? Já pode me adicionar nessa comitiva aí! — Ele fala e começa a rir com um olhar conspiratório.

— Sim, tenho umas amigas que estão empenhadas em me convencer de que preciso de sexo casual, mas elas ainda não obtiveram sucesso.

— Já quero conhecê-las. Uma voz a mais nessa campanha com certeza trará alguns resultados.

— Uma vida onde você e minhas amigas se juntam pra conspirar contra mim? Sério que eu mereço isso? — falo com falsa indignação.

— Sim. Você merece que seus amigos se unam a favor de uma boa causa.

— Por que todo mundo acha que minha vida sexual é uma causa a ser pleiteada? — Procuo nossa garçonete com os olhos e sinalizo que queremos a conta quando ela olha pra mim.

— Porque ela é. — Ele responde dando uma tapinha na minha mão quando me vê tirando a carteira da bolsa. — Não se atreva! — Ele adverte. — Eu convidei, eu pago.

— Sim, senhor. — Eu aceito com um sorriso e dou uma piscadinha sensual pra ele.

— Você não esqueceu que eu sou Gay, né?

— Não, sua bicha desalmada — digo e começo a rir. — Estou apenas exercitando meu charme — brinco.

— Certo, mas não seria melhor fazer isso com um cara hétero? — pergunta e paga nossa conta.

— Enfim, temos que ir. Vai ficar tarde. — chamo.

— Sim, verdade. Vamos, te dou uma carona até em casa.

Quando chegamos na minha casa, dou um abraço nele e ele me faz prometer que vou apresentá-lo às meninas para que ele entre na comitiva ‘Arrume um P.A pra Dayana!’ e ainda estou rindo quando fecho a porta atrás de mim ao entrar em casa.

Depois de um banho, desabo na minha cama e apenas deixo o cansaço se apossar de mim, mas antes de deixar o sono vencer, pego o celular que havia deixado no silencioso e vejo uma mensagem do Jay.

Jay: Ela vai ficar aqui em casa nos próximos três dias por causa do Natal :/ O consultório terá de permanecer fechado por enquanto... Saudades de vc. Boa noite, Dana. Durma bem.

— É claro que ela vai — falo em tom baixo pra mim mesma e deixo o celular cair ao lado do meu travesseiro.

De repente sinto o pesar das datas comemorativas que se aproxima. Eu nunca gostei muito desse período festivo, sempre me bate uma tristeza que eu não sei bem explicar, e esse vai ser o primeiro ano que vou passar sozinha.

— Ei, coração! — chamo continuando a conversa comigo mesma. — Pode parar de se apertar aí dentro do meu peito, viu? Você sempre soube que o Jay tem uma namorada e é mais do que normal eles passarem a noite, ou melhor, as noites juntos, então pare de sentir ciúmes. Você não tem nenhum direito... E agora tenho ainda mais certeza de que devo manter as portas do Dr. Jay fechadas. Adeus Terra da Magia Sexual.

Capítulo 13

O Cupido quer virar Fênix

Não há nada mais tedioso do que um domingo pós-natal sem ninguém em casa, por isso resolvi sair. Minha ceia de natal resumida foi: pijama, cama e uma noite de lágrimas. Nunca me senti tão sozinha, apesar dos esforços da minha mãe de me fazer companhia.

Minha solidão requer outro tipo de afeto.

Estou na praça de alimentação do Shopping atracada com um *Cheeseburger* duplo, uma porção de batatas fritas e um copo *mega* de *milkshake* de Ovomaltine com *Nutella*, enquanto tenho uma conversa muito séria comigo mesma.

Poucos dias que não falo com o Jay e é estranho como em poucas semanas me apeguei tanto à rotina que criamos. É que parece que nos conhecemos há vidas, e não meses.

Nessas duas últimas noites, senti meus dedos formigarem ao olhar pro meu celular, mas resisti ao impulso de mandar qualquer mensagem pra ele.

Caramba... Acho que estou exagerando nisso. Fala sério, nos conhecemos há tão pouco tempo! Para com isso Day — grito mentalmente. Qual é? Vai dizer que está apaixonada? Porque você sabe que não está. Isso é você querendo um apoio e ele poderia muito bem ser sua bengala... Será? Eu continuo conversando comigo mesma, tentando entender os sentimentos que Jay causa em mim, até que noto meu celular se acender. Sinto o bater ansioso do meu coração e depois a calma quando vejo que a notificação do *Whatsapp* vem de outra pessoa.

Apesar de a mensagem não ser de nenhum dos meus contatos, reconheço o Alex da foto que sorri pra mim do perfil.

Alex: *Eita, gordinha!* Quanta comida :O

Apesar do apelido que deveria irritar qualquer mulher, eu não sinto nenhuma pontinha de desconforto por ele estar se referindo a mim dessa forma. Arrisco a dizer que até gostei de como o apelido ‘soou’. Mesmo sem ter ouvido a voz dele, pude sentir que o apelido foi carinhoso e não pejorativo.

Eu levanto a cabeça e faço um giro com o pescoço procurando por ele. Estou olhando para trás quando ouço a voz dele e o barulho da cadeira ao

meu lado sendo puxada.

— Posso sentar?

Alex se acomoda ao meu lado antes mesmo de terminar a pergunta. Ele está vestido de forma casual, bermuda jeans reta na altura dos joelhos e uma *t-shirt* de algodão de mangas curtas que se ajusta aos músculos e que me permite um vislumbre do que ele traz por baixo do tecido. Seus cabelos estão um pouco maiores do que da última vez que nos vimos, meio bagunçado como se ele não os tivesse penteado. Ele está gostoso pra caralho.

De repente meu *cheeseburger* duplo pareceu minguado na frente de tanta suculência.

— Você não acha que isso é comida demais? — Ele pergunta e rouba uma batatinha.

— Como você acha que eu mantenho todas essas gordurinhas?

Falo com falsa irritação por ele ter me chamado de gordinha e ele me responde com um sorriso tão genuíno que ilumina todo o semblante dele, apesar de não esconder em algo... triste? Bem lá no fundo dos seus olhos.

— Não que você seja realmente gordinha, mas estou bem curioso imaginando para onde vai tanta comida.

Alex ataca minhas batatinhas mais uma vez e eu dou um tapinha na mão dele quando ele tenta pegar mais.

— Ei! Vai comprar pra você!

Ele abre um sorriso, mas em seguida o rosto dele está sério como se não conseguisse mais disfarçar o incômodo que percebi em seus olhos há pouco. De repente o clima fica mais pesado.

— Por que a gente não se falou mais depois do Halloween?

— Não sei... — respondo pensativa. — Só nos vimos uma vez depois daquele dia e você estava... ocupado, eu acho — sorrio.

— Eu fiz algo de mal pra você?

Franzo o cenho após ouvir a pergunta como se o ato pudesse esclarecer o porquê do Alex me perguntar isso. Ele me olha com um olhar tão intenso que tenho medo de que ele possa estar lendo meus pensamentos.

— Oi?? — digo sem entender.

— Eu fiz algo que você não tenha gostado? Te ofendi, ou sei lá... Você tá chateada comigo por algum motivo?

Eu continuo sem entender nada. Não faço a menor ideia do que está acontecendo aqui. Realmente não mantivemos contato, talvez por ele ter saído do quarto naquele dia tão rápido quanto pôde, e o que ele queria que eu

fizesse? Fosse atrás dele? E no aniversário dos meninos não conversamos de fato e nem sei porquê. Acho que eu me ocupei muito tentando não olhar pro Jay naquele dia que acabei não prestando atenção em mais ninguém, além do mais, me lembro perfeitamente de ter visto o Alex com os braços em volta de uma morena.

— Não estou chateada com você. Por que eu estaria? — olho pra ele totalmente confusa.

— Não sei, me diz você. Você não falou mais comigo, então deduzi que estivesse chateada com alguma coisa.

— Você também não falou comigo, devo deduzir que você tá chateado comigo também?

— Talvez eu esteja meio puto, sim.

Opa... Calma, espera. Ele está mesmo dizendo que está chateado comigo?

— E o que foi mesmo que eu fiz?

Alex me olha de forma impaciente, inquieto com alguma coisa que não faço ideia do que seja. Ele parece travar uma batalha interna e eu estou realmente perdida sem saber qual a razão da briga ou quem está levando a melhor na disputa.

— Você tentou voltar com sua ex-namorada? — Ele pergunta me olhando nos olhos.

Fico ainda mais confusa do que pensei que estava. ,Onde raios ele está querendo chegar?

— É por isso que você tá chateado? — aperto os olhos em sua direção.

— Então você tentou mesmo. — Ele afirma e trava o maxilar.

Vejo a decepção transbordando através dos olhos dele e apesar do semblante dele indicar pesar, vejo a raiva se esgueirando para fora dele e o olhar endurecer me condenando. Odeio quem me julga.

— Qual o problema afinal? — pergunto com minhas armas em alerta.

— Qual o problema? Essa menina acabou contigo! Ela não teve o menor respeito ou consideração por você. Você vai atrás dela e me pergunta qual o problema? Qual o problema com você?

Noto que ele luta para manter-se calmo. Suas mãos estão fechadas em punhos, presas nas laterais do próprio corpo, um esforço físico para frear o que quer que ele ainda queira esbravejar.

Respiro fundo pra não tornar isso uma discussão, apesar de sentir

minha raiva crescer tanto quanto parece que a dele está sendo fermentada.

— Certo, não que você tenha alguma coisa a ver com isso, mas foram quase cinco anos de um relacionamento do qual eu investi e me abdiquei incondicionalmente, achei sim, que valeria uma última tentativa — falo com a voz calma tentando me explicar. — Não que ela pensasse o mesmo que eu, já que nem me deu atenção... E desde quando isso é da sua conta ou te importa?

Não consigo manter a irritação longe da minha voz quando pergunto.

Eu estou completamente desnorteada, mas isso em nada impede a fúria que vai se formando dentro de mim, prestes a entrar em ebulição.

Quem esse cara pensa que é afinal? A gente teve uma noite superdivertida, ele foi embora sem ao menos me dar um até logo; quando nos reencontramos ele mal sorriu pra mim e agora vem cobrar por eu não falar com ele e pagar de revoltado porque eu tive uma recaída e fui atrás da Clarissa? Esse menino é doido? O que ele acha que é meu pra pensar que tem o direito de me julgar? Estou quase arfando como se eu tivesse acabado de correr uma maratona e meu coração bate tão forte que sinto medo de que ele pule para fora do meu peito.

— Desde que você passou uma madrugada inteira chorando no meu peito por causa de uma pessoa que não merecia sequer uma lágrima sua. — Ele fala e todo ele é um misto de raiva, pesar e ternura. — Sim, tenho todo o direito de ficar puto por você ter ido atrás dela depois de tudo que me contou que ela fez.

Putá que pariu... Prendo a respiração e forço meu cérebro a voltar pra aquela noite em busca de alguma coisa que possa clarear minhas lembranças. Nada. Maldito álcool! Não me lembro de termos conversado, não sobre muita coisa além do básico, tipo nome e idade. Lembro-me de muitas coisas que fizemos, mas realmente não me lembro do quê, e se conversamos.

Alex continua olhando pra mim esperando mais explicações, mas honestamente? Eu não devo nada a ele! Não sei como ele soube disso, mas sinto a raiva crescendo a cada olhar de incredulidade que ele me oferece.

— E daí? Só porque me abri com você, isso não te dá o direito de me julgar! Você não me conhece. Não sabe nada sobre mim ou da minha vida. Eu bebi demais, devo ter falado milhões de bobagens e agradeço por você ter me ouvido, mas estou dispensando seus julgamentos sobre o que eu faço ou deixo de fazer.

— Pois me deixa conhecer você. — Seus olhos agora mais calmos,

apreciativos.

Eu olho pra ele e sorrio balançando a cabeça sem acreditar naquela situação.

— Fala sério, Alex. A gente ficou por uma noite, e estávamos bêbados, sem mencionar o fato de que você sequer falou comigo no dia seguinte.

— Eu sei — ele me corta —, mas sinto que conseguiria ler você mesmo que você estivesse de ponta cabeça e eu só... — vejo uma inquietação estranha envolver o Alex. Acho que nem ele sabe o que ele quer, sente ou precisa. Talvez ele esteja tão confuso quanto eu no momento. Noto o peito dele subir lá no alto e logo em seguida descer lentamente. — Só pra constar, eu não estava bêbado.

Ele mantém os olhos firmes em mim sem vacilar por um único segundo que seja e eu sinto um arrepio subindo por todo meu corpo.

— Olha só, Alex — começo tentando estabilizar minha respiração —, eu não sei o que você acha que sabe sobre mim, talvez você não estivesse bêbado, mas eu estava e muito. Não sei o que o álcool falou por mim, mas acredite foi ele e não eu.

Eu não sei por que, mas esse súbito interesse do Alex me deixa irritada, e sinto meu sangue borbulhar. Já tivemos nossa oportunidade e, ainda assim, não acho que um relacionamento entre a gente duraria muito tempo.

Eu não vou voltar a cometer o mesmo erro de ficar com alguém ‘só pra não estar sozinha.’

— Me dá a chance de te conhecer, então eu vou te provar que eu sou quem você estava procurando.

— Qual minha comida favorita?

— O quê?

— Você não sabe sequer algo tão simples sobre mim e acha que é você “quem eu estava procurando”? — Faço aspas imaginárias no ar repetindo as palavras dele, e ele ri. O idiota ri... Um sorriso torto lindo que me deixa tonta.

— Você não precisa de alguém que conheça seus hábitos e gostos alimentares, você precisa de alguém que dê sentido ao que existe dentro de você. Dayana, eu sei quem você é, do que você precisa e eu posso dar tudo isso pra você.

E é nesse momento, meus amigos, que eu não sei se devo ligar para o

manicômio mais próximo ou para a polícia, porque ou esse cara é realmente ruim das ideias ou ele é um *sociopata*.

— Espera um pouco, você tá dizendo que quer mesmo ficar comigo? Tipo, ficar pra valer? Um Relacionamento? Compromisso? — Doido. Com certeza ele é doido.

— Sim. — Ele diz sem pestanejar. — Sei que você não é totalmente indiferente a mim. Sei também que o Jay vem te rondando, mas ele não está disponível e eu estou.

Eu sinto todos os meus órgãos internos colidirem, tamanha confusão que me encontro agora.

— O que tem haver o Jay com essa conversa? Eu sei que ele não está disponível e não estou interessada nele e nem em você, aliás.

Enquanto falo com ele, meus olhos permanecem firmes nos dele, apesar da tentação que é dar uma conferida naquele peitoral magnífico.

— Dayana, qual é? Eu vi a forma como vocês se olharam por toda aquela noite. E conheço o babacão o suficiente para saber quando algo desperta o interesse dele.

Eu estreito os olhos na direção dele e logo depois faço a minha melhor cara de sarcasmo.

— Você conseguiu notar alguma coisa além da morena com a qual você estava enroscado?

Ele substitui a cara de decepção que há pouco tempo me encarava e estampa aquele sorriso torto no rosto.

— Isso é ciúme?

— Claro que não, lesado! Apenas um fato. Não tem como você ter notado nada de mais entre o Jay e eu, primeiro porque não houve nada e segundo porque sua atenção estava em outro lugar... Provavelmente no decote enorme da morena desconhecida.

Eu estou olhando para o lado e meus braços estão cruzados sob o peito, ao reparar nisso, imediatamente olho pra ele e tento relaxar meu corpo. Nem morta vou arriscar ser interpretada erroneamente e dar a ele a chance de confundir minha raiva com ciúmes.

— Você estava usando um short preto de cintura alta — fala com a voz baixa, grave —, colado o suficiente pra marcar o contorno do seu bumbum. — Ele chega um pouco mais perto de mim e eu prendo a respiração. — Quase me causou uma ereção só de olhar, devo ressaltar. — Eu engulo em seco. — Uma blusa de renda creme com alças pretas e uma fita

de cetim preta que marcava sua cintura fina, da qual lembro de ter conseguido enlaçar facilmente com apenas um dos meus braços. Seu cabelo estava solto e eu só conseguia pensar em como eu desejava ser aquelas pontinhas do seu cabelo loiro, que riscavam a curva dos seus ombros. Eu quis desesperadamente borrar aquele tom de vermelho da sua boca com a minha. Ela estava ainda mais tentadora.

Ele está tão próximo de mim que sinto a respiração dele aquecendo meus lábios e meu pulmão começa a queimar reclamando a falta do oxigênio que eu nem lembrava mais que o estava privando. Eu puxo uma pequena quantidade de ar porque não quero que ele perceba que está me afetando, o que é inútil, porque ele sabe.

— Você está invadindo meu espaço pessoal, sabia?

Eu falo tentando manter meu corpo sob meu comando, mas cada célula dele está em guerra tentando me jogar em cima do Alex agora.

Ele está tão próximo que penso que vai me beijar, mas ele não beija. Ele inclina o rosto para o lado e roça o nariz no meu pescoço, percorrendo o caminho até meu ouvido e diz com a voz não muito mais alta do que um sussurro.

— Eu sei — diz ele, e por alguns segundos pude jurar que senti sua respiração oscilar. — Eu tenho o péssimo hábito de invadir pra reivindicar o que me pertence. Não sou de pedir permissão sobre o que já é meu; e você é minha, só não percebeu ainda, mas não se preocupe, eu sou paciente e sei esperar.

Eu estou totalmente inerte e meu corpo inteiro parece entrar em combustão instantânea. Sinto todo o ar ser sugado para fora dos meus pulmões e aperto minhas coxas uma na outra para tentar acalmar o latejar entre elas quando ele se afasta um pouquinho e levanta lentamente indo embora sem olhar nenhuma única vez na minha direção.

Minha respiração está acelerada, minhas pernas cruzadas, apertadas uma contra a outra e, definitivamente, dolorosamente, eu preciso de um banho frio.

Capítulo 14

Está na hora de me dar alta

Faz séculos que estou procurando algo pra assistir na *Netflix* e nada me chama atenção. Acho que hoje nem Sam e Dean são capazes de me distrair daquele encontro louco de agora à tarde.

Dormir hoje está completamente fora de questão. Quem precisa de sono, não é? O destino parece não se importar muito com a qualidade do meu sono, porque é cada uma que me acontece...

Olho para o relógio e faço uma careta de descrença ao ver que não passa das 22hs e que ainda terei uma longa noite pela frente.

Eu desisto da *Netflix* e tento colocar meus pensamentos em ordem, mas não consigo entender nada do que eles me dizem. Eles se parecem com feirantes desesperados gritando na minha cabeça, e eu não sou capaz de entender o que eles estão tentando ‘vender’ pra mim.

Eu vou enlouquecer se não colocar tudo isso pra fora, por isso pego o celular e ligo pra Mel. Sei que a Elisa seria minha opção mais centrada, mas ela deve estar dormindo, já que costuma ir dormir mais cedo do que as galinhas.

— O que você quer? — Ela atende ao primeiro toque.

— Seu celular estava na sua mão, era?

— Diz mulher, o que foi? Porque deve ser algo, já que você não fala comigo há séculos!

— Nossa, Mel! Quanto drama! Boa noite pra você também e eu também estou com saudades, viu?

— Tá nada... Se estivesse me abandonaria menos. Agora desembucha. Você não me ligaria a essa hora só pra dizer que tá com saudades.

Então eu desembuchei. Contei tudo a ela. Desde a história com o Jay até o recente encontro com o Alex. Estranhamente ela não me interrompeu nenhuma única vez, o que é praticamente um milagre, e quando eu enfim terminei de contar tudo, me preparei para a reação dela.

Primeiro a raiva por eu ter ‘escondido’ minhas conversas com o Jay e depois as broncas por eu ainda não ter feito sexo com nenhum dos dois, ou talvez a sugestão de um ménage, vai saber? Estou preparada para tudo quando se trata de Melissa Silvestre.

— Mais de duas semanas que tu tem conversas quentes pelo *Whatsapp* com o Jay e só agora tu me conta? — diz com raiva. — Como

assim vocês passam a madrugada conversando e ainda não marcaram um encontro? Tu tem que tomar a frente Day, chama ele pra ir ao Motel, faz alguma coisa, deixa de ser mole! — Bronca número um. — Certo, o Jay tem namorada e você é muito santa pra ser o chifre daquele ser inanimado que ele chama de namorada, mas daí o Alex aparece cheio de amor pra dar e você não aproveita? Você tem sangue nas veias ou não? — Bronca dois. — Você tá é perdendo tempo... Ah se fosse eu... Pegaria os dois, talvez de uma vez só. — Ela diz e começa a rir já se esquecendo da raiva pela minha ‘omissão’ e aí temos a sugestão do ménage.

Exatamente como eu previa.

Eu me viro de lado na cama e conecto os fones de ouvido para eu ficar mais confortável.

— Sem chance de ménage! — censuro-a com um ar brincalhão. — E sem chances de eu fazer sexo com qualquer um dos dois. Você sabe minha opinião sobre sexo casual e nem começa com papo de que não sou mais uma criança, eu sei que não sou, mas minha maturidade nada tem a ver com isso. Sou uma moça velha de trinta anos que ainda quer seu príncipe encantado. Toda mulher merece encontrar o seu, não importa a idade que ela tenha.

— Ai, Deus! Escuta, Day, nada contra você ser uma moça velha e querer seu príncipe encantado, mas você não precisa ficar na mão enquanto ele não aparece! E como você sabe que não tá deixando teu príncipe ir embora? Ele poderia ser o Jay, ou o Alex; eu torço pelo Jay porque ninguém merece aquela Solinelda!

— Espera, quem? — pergunto já começando a rir.

— Solinelda! A namorada do Jay, Day!

— O nome dela é Solinelda? — rio alto. — Que nome estranho há-há-há, parece nome de velha, meu Deus, onde a mãe dela arrumou isso?

— Acho que é a junção dos nomes das avós, ou algo do tipo, você não sabia? — Ela também ri.

— Não! O Jay chama ela de Sol e eu achei que era de Solange, sei lá... Nossa, chega a dar dó há-há-há, imagina o *bullying* que ela deve ter sofrido na escola.

— Ela odeia esse nome e, claro, eu só a chamo assim, há-há-há.

— Claro que chama — confirmo imaginando o quanto a Solinelda deve sofrer por ser um desafeto da Mel. — Mas e aí? Falando sério, o que você acha desse rompante apaixonado psicótico do Alex?

— Amiga, falando honestamente, eu não sei. O Alex é meio

estranho... Eu nunca o vi indo atrás de nenhuma garota desde que recebeu um pé na bunda da última namorada dele. Ele ficou muito mal após o término.

— Eita... Parece que ninguém está imune de ter o traseiro chutado, não é?

— Sim. Ele se fechou um pouco pra esse lance de amor e caiu com tudo na solteirice deixando pencaas de meninas atrás das migalhas.

— Ai, que horror! E você ainda me encorajou a ficar com ele! — Eu falo com ar de descrença.

— Amiga, eu te encorajei e ainda encorajo a fazer sexo com ele, e não se apaixonar. Pra ter fila de meninas atrás dele querendo uma segunda rodada, ele só pode ter habilidades especiais.

— Dispensó, obrigada. Nem morta que eu seria mais uma pra cota de mendigas. Já mendiguei pela eternidade quando namorava a Clarissa.

— Quem tá lembrando da vaca aqui? Affe! E o Jay? Sem chance de arrancar ele das garras da megera?

— Mel, ele parece mesmo gostar dela. Não vou investir em algo fadado ao fracasso. Isso só vai me machucar ainda mais.

Conversar com a Melissa, mesmo ela não me dando os melhores conselhos, é uma forma bem eficiente de clarear minhas ideias. Ela joga todas as possibilidades insanas em cima de mim e eu encontro a razão em meio à falta de juízo.

— Deixa de ser medrosa! Eu sei que você tá doida pra ficar com ele! Na verdade, depois da forma como o Alex pareceu te afetar, acho que tu tá afim dos dois... Tem certeza de que o ménage não é uma possibilidade? — Ela pergunta em tom pensativo.

— Não, Melissa. Irrevogavelmente, não. Grande e em letras neon.

— Então meu conselho é ficar com os dois. Em dias separados, claro.

— Você não pode estar falando sério — digo e rio com a certeza de que sim, ela falou sério.

— É claro que estou falando sério! Você tá claramente confusa e só tem um jeito de descobrir o que você quer, e é ficando com os dois. Você sabe que eu estou certa.

Quase me arrependo de conversar sobre isso com a Mel. Ela talvez esteja sendo prática demais, ou não consegue perceber que eu não estou em condições de ‘ficar’ e ‘experimentar’ para decidir por quem eu realmente estou interessada, se é que eu estou mesmo sentindo algo que valha a pena investir por algum deles.

O Jay é minha calmaria, ele consegue acalmar meu coração agitado e mantê-lo aquecido, confortável. Ele é capaz de me confortar mesmo a quilômetros de distância, apenas com um aplicativo de mensagens nos unindo.

Agora o Alex, é um furacão, um vulcão em erupção que queima tudo pela frente e que eu sinto que não deixaria pedra sobre pedra... Mais uma vez chego à conclusão de que eu preciso ficar sozinha.

— Eu já decidi o que vou fazer.

— Vai ficar com os dois? — Ela pergunta com a voz esperançosa.

— Não. Vou ficar comigo mesma.

Espero ser forte o suficiente pra isso — penso.

Depois de ouvir o sermão e as ameaças da Mel sobre eu não choramingar ao me sentir sozinha, após decidir não investir em nenhum dos dois, ela desliga o telefone me desejando boa noite. Antes de desligar, ela disse que o importante é que eu esteja feliz, mesmo que ela não entenda qual o problema de eu ‘curtir’ a vida enquanto isso.

Passo alguns minutos olhando para o teto do quarto e me permito apenas respirar e processar as conclusões as quais cheguei. Quando pego o celular para desconectar o fone, vejo que tenho algumas mensagens perdidas do Jay e uma do Alex.

Jay: Oi

Jay: Vc já tá dormindo? :’(

Jay: Vim dar plantão por sua causa e vc não me esperou?

Jay: Estou com saudades... Senti minha falta?

Jay: Desculpa não ter falado nos últimos dias.

Jay: Okey. Estou sem sono, então... me chama se não estiver dormindo.

Será que ele está parecendo desesperado, ou sou eu que estou querendo que ele pareça? Abro a conversa com o Alex e leio a mensagem.

Alex: Não pense que vou desistir. Eu também estava com medo, mas agora não tenho mais. Boa noite, gordinha.

É impossível não me intrigar com a mensagem do Alex. Do que ele teria medo; e por que acha que eu estou?

Permaneço encarando a tela do celular, olhando intensamente a mensagem dele como se ela fosse se autodecodificar para que eu pudesse ver

algum sentido, mas claro que nada miraculoso aconteceu. Decido não responder a mensagem do Alex e abro a conversa com o Jay.

Dayana: Desculpa, eu estava ao telefone com a Mel e não vi suas mensagens. Não precisa se desculpar por estar com sua namorada, afinal vcs são namorados. Acho que chegou a hora de me dar alta. Lembra quando falei sobre meus limites? Pois é, eu já excedi ele faz tempo, e antes que eu possa ir a um caminho sem volta, onde no fim eu terei meu coração ainda mais destroçado do que o estado atual, vou dar a volta e seguir por outra estrada. Obrigada por ter sido meu *psicodoido* nas últimas semanas e me fazer sentir o quanto é bom ser ouvida e compreendida. Espero que vc possa ser feliz com quem quer que escolha passar a vida... Não sei qual é a história entre vc e a Solinelda, mas sinto que há algo errado... ou talvez eu quero que tenha, na esperança de que vc fique livre pra mim... Só pensa bem no que vc sente e no que há por vir. Não espere por melhoras e mudanças se elas não vierem mesmo depois do esforço para que elas venham. Não cometa o mesmo erro que eu. Enfim, desculpa o 'textão'. Estarei aqui se precisar, mas nossas consultas chegaram ao fim hoje.

Xero.

Sinto meu coração sendo prensado, quase tocando minhas costelas, enquanto digito a mensagem; e após clicar em enviar sinto como se todo o peso fosse tirado de cima dele.

Capítulo 15

Alguém precisa lutar as causas perdidas.

Acordo com os raios de sol aquecendo meu rosto e resmungo comigo mesma que preciso, pela graça de Deus, lembrar-me de comprar uma cortina pra minha janela. A Clarissa vivia brigando comigo porque eu ainda não havia comprado a bendita cortina. Ela dizia que não conseguia dormir até tarde no domingo porque o sol não deixava, e todos os sábados que ela dormia no meu quarto, pegava uma rede velha que eu não usava mais e prendia-a na janela com pregadores e um barbante. Uma gambiarra que eu nunca usava quando ela não estava comigo.

Estico meus braços e pernas e inclino-me de um lado para o outro da cama espreguiçando-me e logo depois tomo uma respiração profunda, deixando meus braços caírem na lateral do meu corpo. Sinto meus músculos relaxarem e meu coração bater em um ritmo saudoso. É a primeira vez que tenho uma lembrança da Clarissa sem que meu coração se quebre um pouquinho.

Ainda é muito cedo, tenho bastante tempo até precisar começar a me arrumar para o trabalho. Meus pensamentos vagueiam por coisas aleatórias e eu sinto como se estivesse tentando fugir do que realmente está me apreendendo e começo a ficar nervosa.

Eu não sei se quero verificar meu celular agora. Depois que mandei a mensagem para o Jay, deixei meu celular no silencioso e me forcei a dormir o mais rápido que consegui, esquecendo a ansiedade por uma resposta e a dúvida se eu teria alguma.

— Deixa de ser medrosa — brigo comigo mesma em voz baixa e apanho o celular. Mensagem entregue e visualizada. Nenhuma resposta. Certo, então tudo bem. Era isso mesmo o que eu queria, não é? Eu pus um fim nas nossas conversas, então o que eu estava esperando?

Estou tentando me convencer de que fiz a coisa certa, mas não posso evitar a onda de arrependimento que vai se esgueirando e arranhando meus pensamentos com garras afiadas, me fazendo duvidar se eu deveria mesmo ter enviado aquela mensagem.

Já estou com saudades das nossas ‘sessões’, da sensação boa com que eu acordava todas as manhãs após nossas fugas para o mundo particular ao qual íamos todas as madrugadas... Pois é, madrugadas. Só nos falávamos tarde da noite e, claro, quando ele estava sozinho. Quantas vezes eu senti

vontade de falar com o Jay no meio do dia, quando algo me acontecia e eu queria compartilhar com ele, mas precisava esperar até que ele estivesse ‘disponível’ pra me ouvir em um momento que não fosse ‘causar problemas’ pra ele?

Chega de mendigar. Mereço alguém por inteiro e não pela metade. Aquilo era faz de conta e eu preciso de algo real... Viver na ‘imaginação’ só se for nos livros.

Eu sou o tipo de pessoa que precisa de cafeína antes de começar o dia de fato, mas hoje decidi tomar uma xícara de Nescau. Eu continuei comprando a marca favorita de achocolatado da Clarissa, mesmo depois de não a ter mais aqui pra reclamar, caso eu comprasse outra marca. Pego a lata de Nescau e sorrio com a lembrança da cara emburrada dela quando era obrigada a tomar Toddy.

Quando saio para trabalhar, não consigo deixar de notar a sensação estranha que se acumula no meu peito. Hoje tudo tem me causado estalos de lembranças sobre a Clarissa, detalhes do dia-a-dia, da rotina. As saudades que antes machucavam, agora são apenas saudades; e o que torna estranho, é que não sinto falta dela e sim da rotina, eu acho.

Ao chegar ao trabalho, a Elisa logo de cara nota que há algo errado. Digo apenas que dei um fim à fantasia que estava vivendo com o Jay — só ainda não decidi se estou bem quanto a isso —, e a atualizo do encontro bizarro que tive com o Alex. Ela insiste, claro, em arrancar mais de mim sobre como estou me sentindo em relação a tudo isso — Jay e Alex —, e meus sentimentos que ainda não descobri o que querem. Não tenho muito a contar, simplesmente porque não sei o que dizer; não sei o que quero. Sei apenas que não quero mais estar sozinha, sei que quero alguém ao meu lado... Sim, isso eu sei.

— Você sabe que fez a coisa certa — Elisa afirma em tom firme. — O que você queria? Continuar "namorando" no mundo da imaginação com o Jay?

— É, acho que fiz a coisa certa sim. — Tento ter a mesma firmeza, mas minha voz está cheia de dúvidas.

— Qual é Day! Você estava se prendendo a uma possibilidade; e possibilidades não são coisas que devemos nos agarrar assim, cegamente. Não como única opção, ou como sua salvação, muito menos o único caminho, mas você sabe de tudo isso, o que me faz ficar confusa do porquê ainda não acredita que fez a coisa certa.

— Eu não consigo explicar, mas... E se eu dei o basta por medo? E se estou deixando passar a oportunidade de ter alguém que realmente valha a pena na minha vida?

E se eu conseguisse fazer ele se apaixonar por mim? Essa pergunta eu guardo apenas pra mim mesma.

— Se ele realmente fosse alguém que valesse a pena ele teria mais respeito pelo relacionamento dele. Eu sei que eles não estão bem. — Seu rosto mantém uma expressão carrancuda, mas ela logo suaviza suas feições quando me vê corrigindo minha postura, antes cabisbaixa. Eu a encaro, preparando-me para rebater o que quer que ela aponte, tentando acusar o menor declínio de caráter que seja do Jay. Ele não é esse tipo de homem. Eu sei. — Você já falou que ele parece se prender a um relacionamento ruim, e talvez você se identifique com ele, com esse lance de ele não conseguir sair desse poço em que se enfiou. Um poço onde você já esteve um dia, sem ter como escalar para fora dele sozinha... Mas Day, isso não é desculpa para o que vocês estão fazendo. A namorada dele, sendo uma vadia sem coração ou não, merece o respeito dele. Ele mantém um compromisso com ela, Day. Você entende isso, certo?

— Ele tem respeito por ela, sim! — digo tentando defendê-lo. — Ele nunca a traiu, nunca ficamos de fato.

— Você acha mesmo que ele a respeita? — Ela me encara, seus olhos inconformados. — Por que ele não fala com você quando está com ela?

Fico calada e abaixo a cabeça fitando minhas mãos que estão sobre o meu colo.

— Acho que você entendeu — conclui ela. — Estou indo almoçar.

Ela sai para o almoço e de repente me sinto mal. É, eu entendi. A Elisa sempre foi uma amiga daquelas que não impõe o ponto de vista de maneira que seja a verdade absoluta. Ela sempre deixa claro o que pensa, mas sempre me deixando segura de que ela continuará ao meu lado, não importado a merda que eu escolha fazer.

Depois que ela voltou do almoço, eu saí para almoçar. Enquanto meu almoço aquecia no micro-ondas, ouvi o alerta do *Whatsapp* tocar e quase perco meu coração pela boca. Apanho o celular e ativo a tela com ansiedade, mas logo reviro os olhos ao ver que a mensagem é do Alex. Ele já está me irritando sem que eu ao menos veja o que ele quer.

Alex: Já percebeu que me quer?

Aperto os olhos em direção à tela do celular e releio a mensagem sem acreditar no que ele pergunta.

Digito uma resposta:

Dayana: Já tomou seu remédio hoje?

Alex: Eu não estou doente, mas sua preocupação com minha saúde me deixa realmente comovido :’(

Que idiota! — penso, mas não resisto ao sorriso que brinca nos meus lábios.

Dayana: Vc sabe que te chamei de doido, certo?

Alex: Doida ficou vc pra se jogar em cima de mim ontem no shopping :O

Dayana: Só se fosse pra te espancar! Vc é irritante, e agora vejo que também é convencido :P

O micro-ondas dá sinal de que meu almoço já está aquecido e eu levanto para pegá-lo e coloco-o sobre a mesa.

Alex: Então vc curte sado? Interessante u.u

Dayana: Vc não faz ideia. Agora me deixa, que eu preciso almoçar, ou vou perder o horário do meu almoço.

Alex: Ok. Vou deixar vc comer... E não se preocupe com suas tendências sado, sou um homem de mente aberta;) Até mais gordinha.

— Por que só aparecem doidos na minha vida? — reflito olhando para o meu almoço. — Só você pra me fazer feliz — digo para o prato de lasanha quentinho a minha frente e dou uma garfada.

Quando volto do almoço, cheia e satisfeita, sinto-me melhor em comparação à maneira que me senti após a conversa com a Elisa mais cedo.

— Adivinha quem me mandou mensagem? — pergunto pra Elisa com um sorriso que não consigo evitar.

— Jay? — Ela arrisca com uma cara não muito amigável.

— Alex.

— E o que ele disse? E por que esse sorriso não sai da tua boca? — Ela questiona com um tom de ironia na voz.

Eu paro de sorrir e a encaro com o olhar desconfiado e armas em punho.

— Nada, apenas rindo do quanto ele é idiota!

— Aham. E o que o idiota disse?

— Ele me perguntou se eu já havia percebido que o quero, acredita? — falo com o sorriso voltando aos lábios.

— E você já percebeu? — Ela pergunta me olhando, aquele olhar de mãe me estudando.

— O quê? Que eu o quero? O Alex? Fala sério, Lisa! Ele é um menino que só tem vinte e um anos, convencido e totalmente insano. Ele me irrita, isso sim!

Eu sinto meu coração acelerar e uma leve trepidação invadir meu estômago e sinto raiva por ela sugerir que eu sinto algo — fora a raiva — pelo Alex.

— Ele só tem vinte e um anos, mas te afetou como um homem, pelo que você me contou. Ele é convencido e tem todo o direito, se ele for ao menos metade do que você me falou dele; e ser doido, muitas vezes é a melhor das qualidades. Pensa bem, Day. Mais cedo você disse que poderia estar com medo, e eu acho mesmo que você está, mas não é o Jay quem te amedronta. Já parou pra pensar no porquê de você ter medo justo do que está disponível?

Eu não dou uma resposta pra ela, até porque eu não tenho uma pra dar.

A Elisa sempre sabe quando parar de me pressionar, ela para justo quando atinge o ponto em que sabe que vou maquinar naquilo por horas e ela sabe que chegou ao ponto. Não tocamos mais no assunto e falamos apenas sobre rotinas de trabalho e as coisas aleatórias que vão acontecendo no decorrer do dia até a hora de ela ir embora.

As segundas-feiras sempre costumam passar lentamente, talvez por ser o pior dia da semana. Dou graças a Deus quando chega o fim do expediente.

Levanto acampamento e me preparo para ir pra casa. Quando chego do lado de fora do prédio, quase morro de susto ao ver a figura recostada em uma moto preta enorme, parada em frente ao prédio em que trabalho. Eu não

tenho conhecimento sobre motos, apenas sei que aquela é muito maior do que a da Clarissa. Ele está vestindo uma calça preta que, apesar de não ser justa, deixa visível o contorno das coxas torneadas e enormes, e uma *t-shirt* de malha de mangas longas que ele mantém puxadas um pouco acima dos cotovelos. Ele está jogado, de forma casual, com as mãos enfiadas nos bolsos da frente da calça, e os pés cruzados descansando preguiçosamente. Ele ainda não moveu um único músculo desde que me avistou atravessando a porta do Edifício, a não ser pelo famoso sorriso torto o qual ainda não decidi se amo ou odeio.

Sinto minhas pernas fraquejarem com aquela visão, mas não permito que ele note. Não mesmo. Caminho em sua direção, seus olhos estão fixados nos meus, assim como o sorriso torto dele parece colado aos seus lábios.

— Eu devo me preocupar por você saber onde eu trabalho? — digo em tom amigável e relaxado. Ele não vai ter o gosto de me afetar de nenhuma forma. — Anda me *stalkeando*, por acaso?

— Você sabe que não precisei *stalkear* você. Você mesma me contou onde trabalha. — Ele fala dando uma conferida em mim, me olhando dos pés à cabeça e sinto vontade de me bater por pensar que eu deveria estar melhor vestida.

— Acho que eu realmente parei com as bebidas alcoólicas. Eu falo demais quando estou bêbada, posso notar. O que você quer?

— Você. — Ele responde de imediato, me deixando totalmente hipnotizada por aqueles olhos negros e intensos. — Mas vou me contentar em apenas fazer a gentileza de te levar em casa.

Estamos parados próximos um ao outro, mas temos uma distância confortável entre nós. Ele continua recostado sobre a moto e suas mãos continuam dentro dos bolsos, apesar de eu não deixar de notar o quanto elas parecem inquietas por estarem presas. Penso no ônibus lotado e nas *encoxadas* desnecessárias que eu poderia evitar ao aceitar a carona do Alex... Tentador.

— Certo, acho que hoje é seu dia de sorte. Vou te dar o prazer de me levar em casa, mas nem pense em tirar casquinha no caminho e nem em recompensas ao chegarmos.

— Quem está sendo convencida agora? E é você quem vai precisar se agarrar a minha cintura pra não cair, então controle-se — fala me dando uma piscadinha que umedeceu minha calcinha, e me entrega um capacete preto com detalhes em vermelho enquanto se acomoda e liga aquela moto gigante.

— Você vem ou vai ficar parada aí apreciando a vista?

Percebo que realmente estou parada feito uma retardada olhando pra ele e subo em sua moto, depois coloco o capacete e prendo a fivela. Ele se vira e verifica se eu preendi corretamente e logo após se vira para a estrada.

— É melhor se segurar — diz com um sorriso na voz, sem olhar para trás.

— Aposto que você está sonhando com isso. — Eu o alfineto, mas segundos depois estou grudada nele e mantenho um aperto firme em sua cintura, não por ele ser irresistível, mas porque ele corre mais do que eu achei que fosse possível.

Levamos menos da metade do tempo que eu levaria de ônibus para chegarmos na minha casa; e confesso que sim, eu posso ter tirado um ou dois pedacinhos de ‘proveito’ da proximidade que estávamos. Foi fácil direcioná-lo até a minha casa, apesar do barulho alto do vento, devido a velocidade em que corríamos.

— Então, vai me convidar pra entrar? — Ele pergunta me ajudando a desfivelar o capacete e tirando-o da minha cabeça.

— Lembra do que eu falei? Nada de recompensas — digo dando-lhe uma piscadinha e giro nos calcanhares, caminhando em direção à minha porta. — Obrigada pela carona — agradeço olhando de lado sem o fitar totalmente e abro a porta.

— Sempre ao seu dispor. — Ele diz e sinto o olhar dele esquentando minhas costas.

Entro em casa e mantenho as minhas costas pressionadas contra a porta até ouvir o barulho do motor da moto do Alex se distanciar da minha rua. Ainda sou capaz de sentir a adrenalina percorrendo meu sangue, só não sei dizer ao certo se essa sensação é pela velocidade ou pelo clima de flerte. Sorrio.

Sem chance para o jantar. Vou direto para o banho e logo depois desabo na cama e verifico meu celular antes de dormir.

Alex: Tem certeza de que precisava segurar tão forte? Acho que estou com suas impressões digitais no meu peito :O

Dayana: Eu não tenho culpa se vc não sabe respeitar os limites de velocidade! Indo dormir, boa noite.

Alex: Boa noite, gordinha.

Sorrio ao ler o apelido que nem precisei de esforço para gostar. Quando estou prestes a bloquear a tela do celular, recebo uma nova notificação do *Whatsapp*.

Jay: Precisamos conversar.

Respiro com hesitação ao ler a mensagem do Jay e sinto que meu coração poderia parar. Penso em responder, mas decido que não quero mais lutar causas perdidas, quero lutar uma que eu tenha chances reais de vencer no final, e eu sei que esse não é o caso. Coloco o celular no silencioso e deixo o sono me levar por uma noite sem sonhos.

(Abre parênteses...

Eu sempre acreditei que a Clarissa era o amor da minha vida, confesso que ainda não descobri se realmente era. É impossível enxergar as coisas com clareza quando existem mágoas vendando nossos olhos, e ela me causou muitas.

Lembrar-me dela sempre me causava dor, raiva e descontentamento, desespero... Eu achava que nunca iria parar de doer. Achava que meu coração nunca iria parar de sangrar.

Você já sentiu o momento exato em que alguém deixou seu coração? Sentiu quando o amor por aquela pessoa começou a enfim morrer? Acho que estou passando por isso nesse exato momento. É estranho.

Hoje pude tomar uma xícara de achocolatado e juro que nunca foi assim, tão delicioso. Nescau virou minha marca favorita também. Pra quem não sabe, pode achar loucura eu sentir tanto prazer em tomar uma simples xícara de chocolate. Acontece que não foi qualquer um, foi Nescau! Há alguns meses atrás, só em olhar para aquela embalagem em cima da mesa do café, meus olhos enchiam-se de lágrimas e meu coração parecia estar sendo prensado entre mãos firmes e gélidas de aço; e hoje, era apenas uma embalagem.

Meu coração não se abala mais quando escuto o som do motor de uma moto se aproximando da minha casa. Eu voltei a usar aquele pijama do qual a Clarissa havia tomado como dela. Não evito mais os programas de culinária. Voltei a assistir a série que havia parado porque tínhamos prometido esperar pra assistirmos juntas; e o dia 12 — dia do nosso aniversário de namoro — voltou a ser apenas mais um dia do calendário.

Eu não estou perdoando as coisas ruins que a Clarissa fez pra mim e

meu coração ainda sente o gosto azedo que ela deixou pra trás.

Sabe, ela me deixou com pavor de me apaixonar novamente... Não sei se eu devo odiá-la ainda mais por isso ou agradecê-la.

Uma coisa é certa, nunca mais vou permitir que alguém tome posse do meu coração e da minha alma daquela maneira. A vida é minha. O corpo e tudo que há dentro e fora dele são meus e de ninguém mais. Nunca mais.

...Fecha parênteses)

Capítulo 16

Cérebro Vs. Coração

Menos de uma semana para o Réveillon. Estou sentada na cadeira do ônibus com a cabeça encostada na janela e mantenho os olhos fechados enquanto viajo perdida nos meus pensamentos. Estou tão distante que nem mesmo o barulho das conversas, o som do rádio ou o barulho do trânsito, conseguem penetrar os meus ouvidos.

Estou realmente longe. Esse período do ano sempre me deixa pensativa e ainda mais melancólica do que o habitual. É esse o período em que meus questionamentos ganham ainda mais força. O que eu fiz? O que poderia ter feito diferente? Estaria melhor caso tivesse mudado? E se eu fizer tal coisa daqui pra frente? Todo ano eu prometo mudar e todo ano estou repetindo a promessa que nunca consegui cumprir.

Sinto o celular vibrar dentro do bolso da minha calça e acordo do meu transe.

Mel: Ei, vai passar o Réveillon onde?

Dayana: Estou sem rumo, tem algo de bom pra mim?

Mel: Ótimo, então vc vai passar com a gente <3

Dayana: A mesma galera de sempre?

Não consigo evitar o nervoso que começa na minha barriga e vai se espalhando por todo meu corpo.

Passar as festas de fim de ano na casa da Mel com certeza seria divertido... e perigoso. Alex, Jay e eu juntos em um lugar com muitas bebidas alcoólicas. Claro, e a Solinelda.

Mel: Sim, os de sempre. Só que não vai ser na minha casa. Vamos passar na nossa casa de praia em Taíba. Vc vai adorar \o/

Dayana: Que legal!! Ainda não conheço a praia de Taíba :D

Mel: Então está resolvido :D

Apesar de saber que o mais prudente seria pensar um pouquinho que fosse sobre o assunto, decido que não vou deixar de passar o Réveillon com meus amigos por medo do que poderia acontecer. O que pode acontecer afinal?

Dayana: Quando vamos comprar biquínis novos?

Mel: Êbaaaa ^^ Depois combinamos tudo. Até mais, Day, Bj :*

Dayana: Xero :*

Estou parada esperando o sinal fechar para poder atravessar a avenida e sinto a preguiça me beliscar ao pensar nos quatro quarteirões que tenho pela frente até o trabalho, quando meu celular toca. O Sol está muito forte e a claridade não me permite identificar de onde vem a ligação.

— Alô? — atendo atravessando a rua.

— Você não retornou minha mensagem.

Estou no meio da faixa de pedestres e quase paro ali mesmo ao ouvir a voz do Jay. Ele nunca ligou pra mim antes e jamais falou comigo antes da meia-noite.

— Eu dormi cedo, desculpa. — Dormi pra fugir de responder, mas ele não precisa saber disso.

— Hum. — Ele concorda com dúvida. — A gente pode conversar?

— Escuta, Jay — começo —, eu estou no meio da rua agora, indo para o trabalho... Hum... podemos conversar mais tarde?

Eu não sei o porquê de eu estar agindo assim. Eu deveria estar saltitando, dançando e cantando *Singing in the rain*, na verdade seria '*In the sun*' já que o máximo que chove em Fortaleza são labaredas e não água, mas não é essa a reação que eu tenho. Eu estou surpresa, acho que contente por ele ter ligado, porque isso deve significar alguma coisa, certo?

— Entendo. — Ele não disfarça a decepção na voz. — Tudo bem, nos falamos mais tarde então.

— Certo — confirmo.

— Então, tá. — Passados alguns segundos de silêncio, ele continua: — Dana, sobre a mensagem que você me mandou, só queria dizer... Obrigado — ouço-o respirar fundo. — Você não faz ideia do quanto me ajudou.

— Certo — repito. — A gente se fala mais tarde.

— Certo. — Ele diz com a voz baixa e desliga.

Qual o meu problema afinal? — pergunto a mim mesma, me estapeando mentalmente.

Ainda estou com cara de incrédula quando me acomodo ao lado da Elisa, na minha mesa.

— Acredita que o Jay acabou de me ligar e eu disse pra conversamos só mais tarde?

— E qual o problema? — pergunta a Elisa sem entender.

— Como assim qual o problema? — pergunto com ar de confusão.

— Vamos ficar nesse jogo de perguntas o dia todo mesmo? — Ela fala cruzando os braços.

— Você acaba de me fazer mais uma!

— Vai, conta o que houve! — Ela fala sorrindo. — Quando vi você entrando, achei que havia sido assaltada, ou sei lá...

— Você sabe que “meio que talvez”, eu possa estar... sei lá, interessada no Jay, certo?

— Não sei, mas okey. Você sabe dos seus sentimentos melhor do que eu. E...? — Ela faz um movimento circular com a mão e balança a cabeça ligeiramente pra me encorajar a continuar.

— E... Ele ligou pra mim agora há pouco e eu meio que... não sei, eu só não tive a reação que eu esperava, eu acho.

— O que ele disse, e de que maneira você acha que deveria reagir?

Essa conversa está meio estranha. O tom de voz da Elisa é calmo e tranquilo e ela fala com uma sonoridade parecida com as que os psiquiatras usam nos filmes quando estão tentando entender seus pacientes.

— Por que você tá falando nesse tom?

— Talvez por você ter entrado aqui falando sozinha e resmungando?

— Eu fiz isso? — pergunto enrugando a testa.

— Certo, cansei desse jogo de responder uma pergunta com outra. Conta qual o problema afinal de contas; e se puder ser o mais breve possível eu agradeço, pois estou com fome. — Ela fala e sorri pra mim colocando as mãos com os dedos cruzados sobre o colo.

— Elisa, eu estou afim desse cara. Conversei com o Jay durante as últimas semanas, desejei que ele me olhasse com outros olhos, tipo, de verdade, e aí ele me liga e eu digo pra ele ligar depois? Isso não é estranho?

— Estranho seria você ficar falando ao celular no meio da rua sendo paranoica como eu sei que você é. Day, relaxa! Espera ele falar com você com calma. Escuta o que ele tem pra dizer e só depois avalie o que você

sente. Você sabe que ele pode não falar o que você já está deduzindo, não é?

— Eu sei — confirmo, mas no fundo não, eu não havia pensado que ele poderia me dizer qualquer coisa menos do que “Terminei com a Solinelda, aquela vadia sem coração, e estou livre pra você”.

— Então, ótimo. Agora deixa eu ir almoçar ou vou ter que comer você...

Eu me viro pra encarar ela com um olhar sugestivo, apenas pra fazer piada com o que ela acabou de dizer, e ela me encara de olhos arregalados.

— Ei! Estou falando de comer no estilo Hannibal Lecter, sua pervertida! — Ela fala e dá uma *bundada* na minha cadeira ao passar por mim com sua marmita na mão. — Além do mais eu sou casada, lembra?

— Hum. Se não fosse, então... — falo sorrindo maliciosamente e logo depois estou rindo alto.

— Cala a boca! — Ela fala caminhando em direção à copa, rindo. — Jay ou Alex, escolha um logo! A coisa tá ficando séria.

Ainda estou sorrindo quando ouço o alerta do *Whatsapp*.

Alex: Bom dia gordinha. Dormiu bem? Sonhou comigo? ;)

Que ser humano mais pretencioso!

Dayana: Bom dia, de menor! Sim, dormi muito bem; e não, Graças a Deus não tive pesadelos u.u

Alex: Achei que a maioria civil no Brasil ainda fosse dezoito anos... Então seus pensamentos impuros a meu respeito são ainda mais libertinos ;) Gosto disso :D

Dayana: Não tenho pensamentos impuros em relação a você! E a maioria civil continua sendo dezoito anos, lesado.

Alex: Ufa! Que bom. Odiaria ver você presa por corrupção de menores há-há-há-há.

Dayana: Seu sonho realizado é que eu te ‘corrompa’, né? Vai sonhando.

Alex: Todos os dias.

Sinto uma comichão familiar no coração. Ele pulsa desesperadamente tentando alcançar algo e eu respiro fundo tentando ignorar a sensação que a mensagem do Alex me causou.

Dayana: Preciso trabalhar. Vc sabe, responsabilidades... coisa de gente grande ;)

A recepção está vazia e eu não tenho absolutamente nada para fazer, mas preciso fugir dele antes que minha carência idiota resolva pregar peças em mim.

Alex: Eu também trabalho, sabia? E fuja o quanto quiser, vc não irá muito longe até que eu possa te alcançar. Até mais tarde, gordinha.

Até mais tarde? Esse doido tá pensando em vir aqui de novo? Não... Foi só modo de falar, eu acho. Concluo meus pensamentos e começo a organizar minha mesa apenas para ter o que fazer.

A rotina de sempre se segue, o fluxo de pessoas no edifício está cada vez menor devido ao recesso que a maioria das empresas tira nesse período do ano.

Quando estou para voltar do almoço, o Jay me liga novamente e eu realmente não esperava que ele fosse me procurar tão cedo e fico nervosa.

— Oi Jay — atendo com o coração martelando.

— Oi Dana. — O apelido que ele me deu sai fácil de sua boca e pela primeira vez me permito saborear a forma carinhosa como ele me chama sem os limites da mensagem de texto. — Precisamos conversar.

— Estou quase voltando do meu horário de almoço. Parece que estamos destinados aos desencontros — falo com um riso na voz, um riso sem graça pela piada sem graça, mas não sei se foi perceptível pelo telefone.

— Tudo bem, só liguei pra saber se posso passar aí no seu trabalho pra darmos uma volta, depois que você sair... Pra conversarmos... Tudo bem pra você?

Ele parece nervoso, tenso. Nem parece aquela pessoa que conheci naquela festa de aniversário e muito menos a das mensagens que trocamos nas últimas semanas. Sinto-me estranha, mas aceito.

— Claro. Saio às 20hs, tudo bem pra você?

— Perfeito. — Ele concorda e não consigo identificar se ele pareceu

contente ou apreensivo.

— Então combinado. Preciso ir agora — falo. — Até mais tarde, Jay.

— Até mais, Dana. — Ele se despede e desliga.

Estou parada escorada no portal da porta da copa com o celular ainda descansando no meu rosto, tentando entender o que meu coração quer de mim, quando resolvo que dessa vez vou selar a boca dele com fita crepe logo após entupi-la com um lenço!

Chega de te ouvir, coração. Você só me trouxe problemas — decido.

Ei, cérebro? Seja bem-vindo ao comando.

Capítulo 17

A decisão está tomada?

Meu coração bate em um ritmo descompassado devido a ansiedade que estou sentido. Eu não sei o que o Jay quer conversar comigo, mas preciso estar preparada para o que quer que seja. Não posso mais me permitir levar uma rasteira do destino sem que eu esteja atenta e acabar arriscando cair novamente.

Apanho minhas coisas, apago as luzes e desligo meu computador. Chegou a hora. Respiro fundo e caminho em direção à saída.

Estou tentando me preparar para o sim e para o não, o que eu não me preparei foi pra cena que me deparo ao sair do prédio.

Vejo um carro, desses populares, de cor prata, estacionado em frente ao prédio; e, ao lado do carro, há uma moto enorme e familiar. Meu corpo inteiro gela e meus músculos tremem. Ao lado dos veículos estão duas figuras conhecidas dos meus questionamentos e dúvidas.

Meus olhos se arregalam com o susto.

Não consigo ouvir sobre o que eles estão conversando. A postura do Jay é pura tensão e a do Alex exala confusão. Nem preciso estar mais perto pra sentir.

Passam-se alguns minutos até que o olhar do Alex me encontra, seguido dos olhos tensos do Jay. Não posso mais ficar aqui avaliando o que vou fazer. Caminho em direção a eles.

Aproximo-me e mantenho uma distância confortável entre nós, de uma maneira em que posso ver ambos com clareza. Abro a boca pra cumprimentá-los, mas as palavras sequer têm a chance de tocar minha língua.

— O que ele tá fazendo aqui? — Alex fala em tom baixo e firme, dando um passo para o lado e ficando com as costas voltadas para o Jay, cobrindo-o completamente. Ele está tão próximo de mim que meu nariz quase roça seu peito, e eu noto que ele parece ter dificuldade em respirar.

— Com licença — Jay fala dando batidinhas nos ombros largos do Alex, que imediatamente cerra os punhos nas laterais do corpo —, você poderia sair da minha frente?

— O caminho está livre, babaca, basta sair e ir embora... A não ser que esteja apreciando a vista do meu traseiro — Alex fala e em nenhum momento seus olhos deixam os meus. Eles estão me engolindo viva sem sequer me mastigar e eu preciso lembrar-me de como respirar.

O Jay se afasta e caminha em minha direção ignorando completamente a provocação do Alex. Eu dou um passo para trás.

— Vamos? — Ele me olha e inclina a cabeça em direção ao carro, um sorriso apreensivo brincando em seus lábios. Ainda não decidi se aquele medo que sinto emanando dele é do Alex, de mim ou dele mesmo. Ele está claramente tentando se controlar.

— Ela não vai a lugar algum com você. — A voz do Alex é ameaçadoramente fria e sinto um medo familiar percorrer minha espinha. É como se eu finalmente acordasse de um torpor.

— Quem te disse isso, Alex? Eu não sei se você sabe, mas quem decide aonde vou e com quem, sou eu.

Minha voz é calma e tranquila, mas sinto dificuldade em manter meus músculos sem tremer. Ele continua me olhando e eu ainda não consegui desviar o olhar para o Jay, que me espera ao lado do carro, mas ainda bem próximo de nós.

— Por que você vai sair com esse cara?

Os olhos dele estão inseguros e tristes, e eu sinto algo dentro de mim trincar. Ignoro o desconforto que se forma no meu peito.

— Alex — começo —, por que você está aqui? — Minha voz é doce, porque é impossível ser de outra maneira.

— Eu vim pra levar você pra casa. — Ele fala como se eu devesse saber disso.

— Acontece que você devia ter avisado, assim como o Jay, e ter me perguntado se eu já não tinha planos. Teria evitado sua viagem perdida.

Olho de canto de olho e vejo que o Jay se afastou e agora está recostado no carro, nos observando, seus olhos permanecem apreensivos tentando entender o que está acontecendo.

— Por que você vai sair com ele? — Ele repete a pergunta que ainda não respondi e eu não sei se quero responder.

— Vamos apenas sair pra conversar — digo, o sangue começando a esquentar. — Qual o problema afinal?

Seus olhos continuam travados nos meus tentando ler meus pensamentos e por alguns segundos estou perdida dentro daquela imensidão negra como a noite. Um medo primitivo me preenche e sei que devo recuar. Sinto-me como se tivesse acabado de sair da reabilitação e alguém exibisse uma dose da minha droga favorita, bem na minha cara.

— Se eu fosse ele, já teria te arrancado de perto de mim. Eu não

estaria parado feito um idiota vendo outro cara com pensamentos tão sujos quanto os meus, tão próximo de você. Tem certeza mesmo que ele quer você?

É como se meu sangue atingisse a temperatura máxima e chamas de raiva aquecessem cada poro da minha pele.

— Não interessa o quanto ele me quer e se ele me quer. Não é da sua conta! — Eu falo baixo, raiva escorrendo em cada letra que sai da minha boca. — Já perdi tempo demais com você — caminho em direção ao Jay. Corro o mais rápido que posso para tirar meu coração de perto dele. Ele é como uma droga, assim como a Clarissa foi um dia, e eu não quero mais não ser capaz de ser dona do meu próprio corpo e vontades.

Alex me deixa confusa, ele é como um bloqueador de sinais que impede meu corpo de receber os comandos do meu cérebro. Eu preciso sair de perto dele.

Estou parada ao lado da porta do carro do Jay quando ouço a voz do Alex:

— Você é uma covarde, mentirosa do caralho! Já vi muitas pessoas que gostam de mentir, mas essa é a primeira vez que conheço uma que gosta de mentir pra si mesma. — Eu entro no carro e espero o Jay dar a volta e entrar do lado do motorista. — Ei, Jay! — A voz do Alex está abafada pelo vidro, mas ainda o ouço claramente. — Quando você partir o coração dela, não se preocupe, eu vou estar com uma pá pra juntar os caquinhos.

Em um minuto o Jay estava ao meu lado, mão na chave da ignição do carro, no seguinte ele estava em cima do Alex.

Eu me atrapalho com o cinto que já havia afivelado e meu coração bate em desespero. Saio do carro gritando e não sou sequer capaz de entender a cena que se passa bem na minha frente. Os dois estão embolados no chão, e apesar do Jay ser mais baixo e esguio do que o Alex, é impossível saber quem está apanhando e quem está batendo.

Tento entrar no meio, grito e choro e tento agarrar qualquer um deles pra tentar parar aquela insanidade quando o Ricardo, o segurança do prédio, chega. O Ricardo é um homem enorme, do tipo armário, e tem uma voz grave e potente.

— Que confusão é essa na porta do meu prédio? — Ele fala alto e em voz de comando. Até eu paro minhas tentativas de agarrar o pescoço dos meninos que também param de se esmurrar. O Ricardo fala comigo, mas seus olhos permanecem nos dois, que começam a afastar-se um do outro, se encarando. — Você tá bem, Day?

Sinto os olhos deles sobre mim, exceto o Ricardo, que não tira os olhos do Alex e do Jay. Meus olhos já estão inchados e eu devo estar mais vermelha do que um camarão, devido ao choro.

— Estou sim, obrigada Rick — digo com a voz fraca e trêmula.

— Olha só, não me interessa quem são vocês, seus dois bundões, mas saiam da frente do meu prédio. AGORA! — Ele grita tão alto que parece que o chão treme. Os dois bundões se olham e depois olham pra ele e balançam a cabeça em sinal de confirmação. — Você tinha que ser pivô de confusão justo no dia do último capítulo da minha novela? — Ele me pergunta com um olhar divertido.

— Desculpa Rick — falo e o abraço.

— Dana/Gordinha! — dizem os dois ao mesmo tempo e voltam a se encarar.

— Vão à merda vocês dois!!!! — Quase grito, sem me dar a chance de sentir pena ao conferir o estado em que ambos deixaram um ao outro, e me viro em direção ao Rick. — Posso entrar e chamar um *Uber*? — peço.

— Claro. — Ele responde e estende o braço pra mim e eu enlaço o meu nele.

— Novela? Sério? — Eu tento aliviar minhas próprias tensões e sorrio pra ele.

— Qual é Day! Sou segurança noturno, não tem muito com que eu possa passar o tempo aqui não, sabia? — Ele me olha de lado e sorri. — E a novela é das boas! — conclui.

— Sei — digo e me sento na poltrona do hall de entrada do meu trabalho e pego meu celular para pedir um *Uber* e ir pra longe desse hospício.

Assim que entro no carro, vejo as notificações de mensagens do *Whatsapp*.

Jay: Ainda vamos ter essa conversa. Sinto muito pela falta de controle.

Eu nem sei mais se quero saber o que ele tem pra me dizer. Não respondo a mensagem do Jay e desligo o celular para fugir de qualquer um deles.

Minha cabeça dói quando chego em casa. Estou xingando ao procurar minha chave, perdida na minha mochila, quando sinto uma presença atrás de mim que me faz estremecer.

— Gordinha...

Ouço a voz dele e sinto meu coração querendo sair pelas minhas costas, atordoado. Mantenho-me de costas pra ele, nenhuma única palavra sai da minha boca.

— Desculpa... — Ele tenta. Permaneço de costas, nenhum movimento. — Eu não poderia deixar ele te levar! Você não entende? — Tento respirar, mas a cada segundo é mais difícil. — Você é a minha Gordinha, e não dele...

Sinto meus olhos encherem-se d'água e as lágrimas pinicarem meu rosto.

— Não, Alex, eu não sou a sua Gordinha — falo e me viro para encará-lo. Ele está com a blusa rasgada e tem sangue seco próximo da sua boca. Não vou sentir pena. — Eu não sou de ninguém. Nunca mais vou ser — sinto meus ombros tremerem com o soluço que me escapa.

— Você sabe que não pode controlar isso. — Ele fala e sua voz é tão doce que sinto o cheiro de mel. — Eu também não queria mais essa coisa sem controle que certos sentimentos me causam... — Ele aponta um dedo pra mim e em seguida para si mesmo. — No entanto, você me tomou como seu. — Ele ergue ambas as mãos até o meu rosto e me acaricia com os polegares. — Eu lutei tanto contra isso! — Ele fala beijando minha testa e sinto minha barriga vibrar com o choro. Sinto o desejo de acabar com minha abstinência doer. — Mas você apareceu, uma versão triste e quebrada da minha personagem favorita do esquadrão suicida. — Um sorriso brinca em seus lábios, mas logo depois ele volta a ficar sério. — Eu enxerguei os pedaços que estavam faltando em você. Eu sei que você acha que precisa de conserto, mas eu quero que você saiba que eu te aceito, com partes faltando e tudo. Eu também tenho alguns buracos em mim. Nós podemos completar um ao outro.

Ele levanta meu rosto pra que eu possa olhar em seus olhos e sinto vontade de mergulhar naquela imensidão em que eles se encontraram agora. Eu não penso. Puxo sua camisa e o trago pra mais perto de mim e não preciso dar mais permissão do que isso.

Alex me prensa contra a parede e me beija tão intensamente que sinto que estou suspensa no ar. Sua boca tem gosto de desespero e eu me delicio com cada gota que ele me dá. As mãos dele apertam minha bunda e me puxam para mais perto, permitindo que eu sinta sua ereção pressionar-se e investir contra mim. Eu passo as mãos em seus cabelos e prendo-os entre meus dedos, puxando-o ainda mais perto. Nenhuma proximidade parece ser

suficiente.

Estamos nos beijando como se fôssemos desfalecer se não fizéssemos aquilo, e por alguns minutos eu me permito dar ao meu corpo o que ele tanto implora, até me trazer ao comando novamente.

— Alex... — falo com a voz ofegante e empurro-o de leve para longe de mim. — Eu não posso... — Minha voz é apenas um sussurro fraco e feio. — Eu não posso! — repito com a voz rouca e ele se afasta e me olha com os olhos cheios de confusão e angústia.

— Por que não? — Ele pergunta e eu nunca vi olhos tão desapontados.

— Alguém só consegue partir seu coração se você o entregar. — Meus olhos voltam a encherem-se de lágrimas, mas eu as mantenho firmes dentro deles. — Nunca mais vou dar esse poder a alguém de novo. Eu serei a única dona dele.

— Nossa, como você é esperta. — Uma única lágrima escapa de um dos seus olhos. — Assim, a única que poderia partir seu coração seria você mesma... Parabéns! — Ele fala com um sorriso forçado. — Você acaba de quebrar dois.

Ele se vira e segue em direção à sua moto, que só agora sou capaz de notar, e vai embora me deixando pra trás com meu coração em *curto* e meu cérebro me perguntando qual meu problema afinal.

Capítulo 18

Vamos ouvir a voz da razão?

Sinto a claridade vinda da minha janela e abro os olhos. O dia já amanheceu e eu não dormi sequer um único segundo. Meu coração não me deixou em paz. Ele gritou a noite inteira implorando por algo que não pretendo dar a ele. Sinto muito amigo, dessa vez não.

Não me permiti uma noite de choro, já chorei o suficiente por uma vida toda. Que se dane as frustrações amorosas, inclusive as causadas por mim mesma.

Levanto da cama e vou direto para o banho. Sinto a água fria correr pelo meu corpo e mantenho a testa e as mãos recostadas na parede, apenas acreditando que eu posso lavar meus medos para bem longe de mim, como se a água pudesse levá-los para o ralo junto com ela.

Meu coração me diz que quer o Alex. Ele continua entoando o cântico irritante que precisa dele dentro de si, mas algo me diz que ele só está desesperado por eu não mantê-lo no vício. Ele sente falta de ter alguém mandando nele, possuindo-o. Pois bem, essa pessoa serei eu. Ninguém mais.

Meus dedos já estão enrugados e eu provavelmente levaria um sermão dos ambientalistas pela quantidade de água que acabo de desperdiçar, mas quer saber? Que se dane a porra do planeta também!

Estou vestida e acabando de pentear meus cabelos, de frente para o espelho.

— Você me pertence — digo encarando a mim mesma. — Seu coração é meu, entra quem eu decidir e não o primeiro que te faz estremecer, ouviu?

Não estou com a menor fome, mas vou me forçar a comer. Eu estou bem.

Depois de comer uma fatia de bolo de laranja, um pão francês com manteiga e uma xícara de café com leite, minha barriga sente-se cheia e meu coração permanece vazio. Bom, preciso de nutrientes mais do que de amor.

Tentar manter o Alex fora da minha cabeça é um lembrete constante de que preciso mantê-lo longe. A última pessoa que deixei impregnar-se em mim dessa forma foi embora, mas não antes de me quebrar inteira.

Quando chego ao trabalho, a Elisa sequer espera eu me acomodar na minha mesa.

— Que diabos aconteceu ontem?

Sopro todo o ar que estava em meus pulmões e olho pra cima pensando no quanto as pessoas gostam de uma fofoca.

— Jay veio me buscar para conversarmos, Alex veio pra me levar pra casa. Alex não gostou de ver o Jay aqui e Jay não entendeu o que o Alex tinha com isso. Alex não queria me deixar sair com o Jay. Alex provocou o Jay até Jay perder a paciência e ir pra cima do Alex, que revidou. Os dois bundões brigaram feito moleques até o Rick ameaçar chutar o traseiro deles apenas com o pensamento. Em resumo, foi isso.

Eu falo com ar de desinteresse, como se nada disso me afetasse. Não estou afim de falar sobre isso agora, nem mesmo com ela.

— Você tá bem? — Ela pergunta com as sobrancelhas levemente erguidas, quase tocando uma na outra.

— Estou — dou um sorriso sem graça. — Eu ainda não sei o que o Jay queria conversar, o Alex acabou com minha possível noite e eu estou mais confusa do que nunca estive na vida, e olha que estamos falando de trinta anos de uma cabeça sempre confusa; mas, Elisa, me desculpa, você sabe que é minha melhor amiga da vida e do quanto eu amo você, mas agora tudo o que quero é não falar sobre o acontecido de ontem, ou pior ainda, o que eu vou fazer amanhã. Eu só quero trabalhar e depois ir pra casa. Você não vai almoçar? — pergunto fugindo dos olhos de mãe dela, pra evitar de correr pro seu colo e gritar o mais alto que minhas cordas vocais permitissem.

— Ei, não importa quantas vezes partam nosso coração, ele sempre poderá ser partido mais uma vez. Sentir medo de que isso aconteça não vai impedir de acontecer, talvez até seja a causa da porrada. Você não precisa me contar o que sente, nem como se sente em relação aos bundões, mas você precisa dizer a si mesma. — Ela conclui e caminha em direção à copa.

Dou início a uma sessão de organização de ambiente e começo a organizar tudo o que vejo pela frente, apenas pra ter algo com que me ocupar. Com o recesso de fim de ano, é raro aparecer alguém por aqui.

Depois de tudo organizado, encaro meu celular que está ao lado do meu computador, ainda desligado desde ontem. Resolvo ligá-lo. Uma chuva de mensagens no *Whatsapp* e algumas mensagens na caixa postal da Mel. Três dias até a viagem para a casa de praia. Alex e Jay juntos. Minha cabeça dói só de pensar. Abro o *Whatsapp*.

Jay: Você chegou bem?

Jay: Está acontecendo algo entre vc e o Alex?

Jay: Claro que não, né? Vc entrou no meu carro...

Jay: Por que eu sinto que estou perdendo vc?

Jay: Desculpa... Eu estou nervoso. Podemos conversar hoje?

Jay: Acho que vc tá dormindo... Então, me avisa qualquer coisa. Boa noite, Dana.

Melissa: Me ligue assim que ligar seu celular! Liguei pra vc e ele estava desligado ou fora de área. NÃO FUJA DE MIM! Te amo.

Nenhuma mensagem do Alex. Ótimo! Ele entendeu, bom pra todo mundo. Decido não ligar pra Mel agora, não quero falar com ninguém sobre o que ela com certeza quer conversar.

Volto a abrir a conversa com o Jay e escrevo uma mensagem pra ele.

Dayana: Desculpa, desliguei o celular e só agora liguei novamente. Sim, eu cheguei bem. Não está acontecendo nada entre o Alex e eu; e claro que podemos conversar.

Segundos depois que envio a mensagem, ele responde.

Jay: Passo por aí às 20hs.

Dayana: Ok.

Jay: Ansioso ;)

Dayana: Eu também.

Tomara que o Alex não dê uma de louco psicótico de novo e resolva aparecer — penso. Preciso manter meus pensamentos claros, sem distrações. Já estou confusa além da conta sem ter a presença dele embaralhando tudo que sinto.

Eu estou fazendo a coisa certa. O Jay me acalma, conforta. Preciso de uma brisa fresca e leve, e não de um furacão.

Capítulo 19

Hora de acalmar o coração

Quando eu saio do prédio, meus olhos fazem uma busca contra a minha vontade. Eles procuram uma certa moto gigante e seu condutor perigosamente possessivo, mas há apenas um carro prata estacionado e o homem mais moleque e travesso que conheço.

O Jay está parado em frente ao seu carro, ele usa uma calça jeans clara e uma blusa gola polo amarela bem clarinha. Em seus pés há um par de tênis casual. Seu cabelo está todo arrumadinho, mas nada que o deixe parecido com um mauricinho. Ele sorri ao me ver e é impossível não retribuir com um sorriso verdadeiro.

Caminho em direção a ele e noto que ele tem um pacote quadrado nas mãos. Quando paro de frente pra ele, ele segura o pacote encostado ao próprio peito, os olhos brilhando travessura.

— Boa noite, Dr. Jay — digo com um sorriso. — Isso é pra mim?

— Boa noite, Dana. — Ele diz e vira o rosto levemente para o lado e olha pra cima como se estivesse pensando. — Ainda não decidi... Eu estava pensando em te trazer flores, mas aí elas não iriam durar tanto quanto eu gostaria; pensei em chocolates... Isso duraria ainda menos tempo, eu acho. — Ele diz e me dá uma piscadinha. — E eu realmente queria te dar algo para agradecer a você... Então — ele estica os braços e me entrega o pacote — obrigado.

— Pelo o quê? — pergunto, minhas mãos já rasgando o embrulho e minha curiosidade quase me matando.

— Por tantas coisas... Por me dar aquela entrevista de emprego, por me dar aquele mundo particular que se tornou meu refúgio, por me mostrar que eu merecia mais... — Ele para de falar quando eu finalmente termino de abrir o papel de presente.

— Ahhhhhhh. — Estou pulando feito uma doida e ligando zero para quem possa me julgar por isso. Eu o encaro e meu sorriso é realmente genuíno. — Como você conseguiu isso? — pergunto olhando para o exemplar do último livro escrito pela minha autora favorita, que ainda está em pré-venda.

— Tenho um amigo que trabalha em uma Editora. Eles estarão disponíveis para a venda daqui a duas semanas, mas já estão prontos.

— E ele deu pra você? E pode? — Ganhar um livro é uma das

melhores coisas da vida, agora ganhar o da sua autora favorita e ainda ter a oportunidade de ler antes do resto do Brasil...

— Eu disse que tenho um dom. Persuasão é meu primeiro nome, não lembra? — Ele fala com os olhos brilhando.

— Simmm! Você disse — continuo olhando pro meu livro admirando a capa, as páginas, sentindo o cheiro de livro novo...

— Estou ficando com ciúmes da atenção que esse livro está recebendo. Acho que deveria ter dado flores, afinal. — Ele brinca.

— Desculpa!! Mas é que é um livro! Da *Colleen Hoover*! Que ainda não está disponível para venda! Meu Deus! — Eu pulo para abraçá-lo e sinto uma corrente elétrica passar entre a gente quando nossos corpos se juntam e imediatamente lembro-me daquela primeira vez em que nos encontramos. — É melhor a gente ir — digo me afastando dos braços dele, sem graça.

— Sim. É melhor. — Ele concorda me olhando com um sorriso satisfeito e abre a porta do carro pra mim.

Levamos cerca de dez minutos até que ele estacionasse em uma pracinha que tem no mesmo bairro em que trabalho. O lugar é bonito, tem muito verde ao redor. Ainda está todo iluminado com decorações natalinas e tem alguns carros de *Food Truck* ao longo do ambiente. Eu já havia passado por aqui algumas vezes, mas nunca parei para aproveitar.

Ele desliga o carro e eu desafivelo o cinto. Estou com a mão na maçaneta para abrir a porta do carro quando ele coloca a mão na minha perna e sinto minha barriga gelar por dentro.

— Não se atreva! — Ele diz. — Eu já não te trouxe flores e bombons como um príncipe deveria, então me deixa ao menos ser cavalheiro e abrir a porta pra você. — Ele está rindo assim que a última palavra sai de sua boca e eu não seguro a crise de riso. Logo estamos os dois rindo juntos e nem sabemos ao certo do quê. — Sério, espera aí. — Ele sai do carro e dá a volta para abrir a porta pra mim, estendendo a mão pra me ajudar a sair.

Sinto-me estranha.

Estamos caminhando sem olhar aonde estamos indo, quando me distraio e quase esbarro numa senhora que parou de repente bem na minha frente. O Jay pega na minha mão para que eu não dê de cara contra as costas da mulher. Automaticamente nossos dedos se entrelaçam e percebo o quanto eles parecem se encaixar.

Dou a ele um sorriso sem graça e nos permitimos continuar de mãos dadas enquanto caminhamos. Eu já havia esquecido a sensação boa do

balançar de mãos entrelaçadas e meu peito se enche de saudade, mas não de alguém em específico, apenas da lembrança do quanto essa ação me dava prazer.

— Vamos comer alguma coisa?

— Sim! — falo abrindo um sorriso realmente grande e assustador. — Estou faminta. Como você sabia que eu sou apaixonada por *gordices*? *Food Truck* é o paraíso sobre rodas!

— Eu leio pensamentos, não comentei isso com você? — Ele fala nos levando em direção a um carro que vende hambúrgueres.

— Não, preciso de um capacete como aquele do Magneto para me proteger de possíveis invasões? — digo com ar divertido.

— Não... — Ele ri. — Na verdade eu não leio pensamentos. A trouxe aqui por puro egoísmo. — Seus olhos travessos se iluminaram. — Eu amo o Hambúrguer desses caras. — Ele fala apontando para os dois homens dentro do carro enorme.

— Que malandro! — falo dando uma tapinha no ombro dele. — E eu achando que você havia tido o trabalho de perguntar pra alguém sobre o que me agradaria... — Balanço a cabeça em falsa decepção.

— Culpado. — Diz em tom travesso.

A noite está agradável e me sinto relaxada e descontraída. Deixei o Jay fazer meu pedido depois que ele jurou que eu não iria me arrepender, e de fato não me arrependi, mas ele teve que comer a metade do meu hambúrguer porque ele era realmente gigante! Não sei como ele consegue comer tanto — reflito olhando-o dar a última mordida no que sobrou do meu hambúrguer.

Depois que acabamos de comer, ele estendeu a mão para me ajudar a levantar e seguiu me guiando de mãos dadas comigo até um banco que ficava embaixo de uma árvore enorme, um pouco afastado do movimento das pessoas que iam e vinham. Meu coração começou a bater em um ritmo ansioso. Estava chegando a hora de conversar de verdade.

Ele sentou-se colocando uma perna em cada lado do banco, me puxou para sentar perto dele e minhas pernas se encaixaram por sobre uma das pernas dele. Ele colocou uma mão em volta da minha cintura e com a outra ele acariciou a lateral do meu rosto.

— Eu e a Sol terminamos. — Sua voz é baixa e direta. Meu coração faz um ‘*bummm*’ dentro do peito. Seus olhos estão cheio de promessas e esperança. — Eu ainda vou falar sobre ela se você quiser saber, mas você lembra-se da última mensagem que mandou pra mim? — Faço um sinal com

a cabeça de que sim. — Você disse que esperava que eu fosse feliz com quem quer que eu escolhesse passar a vida, então eu percebi que não era com ela que eu pretendia e que não podia mais continuar deixando as coisas acontecerem até o dia que fosse... Entende? — Ele olha pra minha boca e vejo seu pomo de adão subir e descer e então ele me encara novamente. — Eu ainda não sei se é você com quem vou passar o resto da vida; ainda não descobri o que sinto de verdade e não quero ser imprudente com seus sentimentos e nem com os meus, mas de uma coisa eu tenho certeza — ele fala e seu hálito quente queima meus lábios —, eu vou enlouquecer se não te beijar agora.

Ele me beija e sinto o gosto do céu. Sinto sua língua macia contra a minha e seus dedos acariciando minha nuca enquanto sua mão permanece firme na minha cintura. Ele me puxa levemente contra si com a necessidade de nos manter mais perto e sinto como se o mundo inteiro parasse para nos admirar. É algo tão puro, tão sentido, tão... Eu não sei como explicar. Eu só sinto como se eu finalmente tivesse chegado em casa depois de anos perdida sem saber onde estava.

Capítulo 20

Conforto e calma

Cheguei ao meu quarto com uma sensação de paz e um sorriso bobo no rosto, mas sabe quando você sai de casa e fica com aquela impressão de que esqueceu alguma coisa? Daí você faz uma lista mental pra conferir tudo de que precisava fazer e mesmo percebendo que fez tudo, você ainda sente que tem algo faltando? Pois é.

Tive uma noite mágica, com direito a andar de mãos dadas e namorar no banco da praça. O Jay foi lindo e fofo como eu precisava, foi a brisa que refrescou meu coração depois do incêndio chamado Alex.

O Jay e a Solinelda terminaram. Ele não me pediu em namoro nem nada, mas meio que estamos juntos, eu acho.

Ainda estou na cama sob o efeito da minha noite perfeita quando ouço o alerta do *Whatsapp*.

Jay: Bom dia, princesa;) Espero que vc tenha acordado com um sorriso ainda mais bobo do que o que está no meu rosto agora, ou vou me sentir um adolescente que deu o primeiro beijo da vida O.O Bom trabalho, Dana. Bj.

Sorrio. Noto que também tenho mensagens da Mel e bato a mão na testa. Esqueci completamente de ligar pra ela ontem.

Mel: Vai me ignorar pra sempre?

Mel: ME LIIGAAAA

Mel: ¬_¬

Verifico a hora e vejo que ainda tenho bastante tempo até precisar levantar para me arrumar para o trabalho, então ligo pra ela.

— Achei que tu ia me ignorar pra sempre! — Ela diz ao atender ao telefone. — Tudo certo pra nossa viagem amanhã? Você trabalha?

— Desculpa, aconteceram umas coisas e eu só precisava ficar sozinha por um tempinho... E eu não trabalho amanhã, só até hoje e volto dia dois de janeiro.

— O que aconteceu? — Ela pergunta em tom de surpresa.

Faço um breve resumo dos últimos dois dias e ouço o som de

aplausos assim que chego na parte em que eu falo sobre o Jay e eu.

— Ah, meu Deus! Nem acredito que enfim ele deu o pé na bunda daquela vadia metida à besta! — Sua voz está animada. — Então vocês vão juntos pra Taíba, não é?

— Ainda não falamos sobre isso, mas imagino que sim. O Alex já confirmou se vai? — pergunto com tom mais displicente que consigo.

— Sim, ele já confirmou; e não fique preocupada com ele não. Ele já é bem grandinho, aliás, ele supera no primeiro decote novo que ele encontrar. Acredite.

Sinto-me esquisita. Não sei se essa ‘coisa estranha’ é porque eu não consigo acreditar que o Alex seja tão volúvel assim, ou se porque eu realmente não gosto da imagem dele com a cara em um decote qualquer.

Ela o conhece há mais tempo do que eu, deve saber do que está falando. É, acho que me livrei de ‘boa’. Dou um suspiro que não posso classificar se foi de alívio ou pesar.

— Claro! Esses carinhas mais novos nunca sabem mesmo o que querem — digo fingindo não me importar. — Tenho que ir agora Mel, ou vou me atrasar.

— Certo! — Ela diz animada. — À noite te ligo pra combinarmos como faremos amanhã. Preciso saber se você vai mesmo com o Jay ou se vai pegar carona com a gente, então vê se resolve logo tudo com ele hoje.

—Tudo bem, eu vejo sim. Agora tenho mesmo que ir. Até mais, amiga.

— Até. — Ela diz e desliga.

Incentivo a ‘coisa estranha’ a se esconder em algum lugar por dentro de mim e levanto para tomar banho e me arrumar para sair para o trabalho. Passo o dia num misto de sentimentos e pressentimentos que não sou capaz de descrever.

O Jay se fez presente o dia inteiro e a cada mensagem boba ou apaixonada que ele me enviava eu sentia um calor morno mantendo meu coração aquecido e confortável.

Desconsidere a pontinha de decepção quando percebi que o Alex não iria mesmo insistir. Talvez a Mel esteja mesmo certa... Vai ver ele já até encontrou um decote em que se recostar para me superar. Sinto enjoo só em pensar nele com as mãos em outra mulher.

— *Argh!* Você não vai se forçar a entrar, está me ouvindo? Eu estou no comando, Idiota! — digo olhando para a foto do perfil do *Whatsapp* do

Alex.

Como era de se esperar, o dia que antecede a véspera do Réveillon acaba antes mesmo do horário do fim do expediente. As poucas empresas que não entraram em recesso fecharam mais cedo, e meu chefe fez a boa ação de liberar o pessoal, então pouco depois das 17hs já estou pronta para ir pra casa.

Envio uma mensagem para o Jay.

Dayana: Meu chefe me liberou mais cedo ;)

Jay: Saio só daqui a duas horas :’(

Dayana: Triste fim ☹

Jay: Posso passar na tua casa quando eu sair daqui? ^^.

Dayana: Humm... Quais suas intenções comigo?

Jay: As mais sujas possíveis u.u mas na verdade, precisamos combinar nossa viagem de amanhã... Você vai comigo, né? :D

Dayana: Vou pensar no seu caso ;) Vou te mandar a localização pelo *Whatsapp* quando eu chegar em casa. Saindo aqui. Xero :*

Jay: Certo ;) Até daqui a pouco. Bj.

Já estou no ônibus quando recebo mais uma mensagem do Jay.

Jay: Tente não ser tão sexy quando eu estiver na sua casa, ou até os vizinhos vão se constranger com seus gritos.

Sorrio com malícia e sinto meu corpo acalorar.

Dayana: Melhor se comportar, minha mãe estará em casa e apesar da minha idade, ela ainda me vê como uma mocinha >.<

Jay: Não se preocupe. Tenho muitos planos pra vc, mas posso esperar até amanhã. Só torne as coisas mais fáceis pra mim ☹ Eu fico louco perto de vc.

Dayana: Ok. Estarei usando algum dos vestidos velhos da minha mãe há-há-há-há-há.

Jay: Oh, *Pai Odin*, sinto que estou ferrado!

Dayana: Por quê?

Jay: Porque essa pareceu uma visão muito sexy pra mim.

Dayana: Vc não tem que trabalhar, seu pervertido?

Jay: Tá. Tenho. Te vejo mais tarde. Ansioso. Muito. Bj.

Ps.: Ainda quero ver vc em um vestido de senhora x.x

Dayana: Pervertido! Até daqui a pouco, xero.

Estou bem. Sinto uma bolha aconchegante envolvendo meu corpo...
Segurança.

Quando eu chego em casa já passa das 18hs e vou direto para o banho. Estou nervosa e ansiosa e com expectativas enchendo cada cantinho do meu corpo.

Minha mãe nota que estou diferente, e claro que me enche de perguntas. Eu respondo, porque ela vai conhecer o Jay daqui a pouco de qualquer forma.

— Então você está namorando, e dessa vez é um rapaz? — Ela fala como se fosse uma pergunta, mas não é assim que soa.

— Ainda não estamos namorando, é algo que ainda vamos conversar a respeito, mas ele é um cara legal e gosto dele. É com ele que vou viajar amanhã pra casa da Mel, na Taíba.

— Estou feliz que você percebeu que não tinha como algo como aquilo em que você estava dar certo.

— Mãe, para. Achei que você havia aceitado e entendido minha relação com a Clarissa. Minha relação com ela era verdadeira, e o fato dela ser mulher não a tornava fadada ao fracasso!

— Claro que não! Não me importa se você ama mulher ou homem, não é a isso que me refiro! — Ela me olha com ar ofendido. — Você me ensinou a ver que nada é feio ou imoral quando existe amor, acontece que ela não amava você. E eu repito, fico feliz que você tenha percebido que aquilo

não daria certo. Sempre tive medo de ela voltar e você se deixar convencer por aquela cobra traiçoeira.

— Sempre achei que você gostasse dela — digo em tom pensativo.

— Sempre achei que ela te fazia feliz. — Sua voz demonstra desgosto. — Até o dia em que te vi quase se decompor em dor naquele quarto. — Ela diz apontando para a porta do meu quarto. — Você acha mesmo que eu não ouvia teus soluços durante todas aquelas noites?

Sinto meu peito afundar com a lembrança e meus olhos ardem com lágrimas que não pretendo soltar.

— A senhora nunca disse nada...

— Você também não. Sempre te dei liberdade para vir até a mim. E além do mais, você precisava ficar sozinha e está passando da hora de crescer, não é? — Ela diz e dá uma tapinha no meu bumbum. — Minha moça bonita da mãe... Eu teria ido consolá-la se fosse do meu consolo que você precisava, mas sabemos que não era. Agora vai ficar ainda mais bonita pro seu quase pretendente a futuro namorado. — Ela pede e sorri.

Vou pro meu quarto e nunca me senti tão grata pela mãe que eu tenho. Ela é a melhor do mundo.

(Abre parênteses...

Dizer para minha mãe que eu estava apaixonada por alguém do mesmo sexo não foi algo fácil. É difícil falar sobre algo que nem mesmo eu conseguia entender. Como explicar que simplesmente aconteceu? Tive 25 anos de uma vida em que sempre me vi apaixonada por pessoas do sexo oposto, fui casada por seis anos de um relacionamento de sete. Como agora 'resolvo' me apaixonar por uma mulher?

Alguém que não consegue esconder seus sentimentos não consegue ser um bom mentiroso e eu ainda acho que consegui 'esconder' por muito tempo.

Quando eu contei pra minha mãe que eu estava apaixonada pela Clarissa, já estávamos namorando há seis meses. Por mim eu teria contado assim que me vi apaixonada por ela, mas achei prudente esperar.

Eram tantas as coisas envolvidas... Família tradicional brasileira. Moral e bons costumes. Céu e inferno. Julgamentos e condenação. Omissão e camuflagem.

Achar que alguém 'escolhe essa vida' porque quer é ainda mais absurdo do que o preconceito que pessoas como nós sofremos.

O preconceito está em toda parte como uma doença contagiosa e muitas vezes silenciosa. É como o vírus que causa doenças como a catapora. Todos nascemos com ele, algumas pessoas desenvolvem a doença, outras não... E tem aqueles que se vacinam para evitar contrair. Minha mãe não foi diferente. Ela sempre foi uma mulher de mente 'aberta' ao aceitar que o mundo é imenso e que nele habitam vários tipos de pessoas com costumes e estilos de vidas diferentes; desejos, pensamentos. Ela sempre respeitou o que cada um resolve fazer da própria vida. Eles. Pessoas do mundo, não a própria filha a quem ela zelou e sofreu pra cuidar e ensinar o caminho 'certo' a ser seguido.

Nossa, eu me lembro de ver o rosto dela se transformar em uma figura feia e triste de desgosto, desconsolo, incapacidade... Aquela velha frase maternal de "Onde foi que eu errei?". Ela gritou, brigou e esbravejou. Tentou me convencer de que eu não sabia o que estava dizendo.

— Mas mãe, não é o que estou dizendo, é o que eu sinto!

Ela tentou me fazer acreditar que eu apenas precisava de ajuda.

— Isso é devido as suas decepções com o Claudio, mas eu vou procurar ajuda pra você.

Ela achava que eu estava doente e não percebia que era ela quem estava. Doente de medo pelo que não conseguia entender e pelos julgamentos e dedos apontados que ela sabia que ambas iríamos receber, eu sei.

Uma mãe vive para que seu filho seja feliz. Ela o ama tão infinitamente que seria capaz de ir ao inferno enfrentar todos os demônios se fosse preciso, e eu sei que minha mãe me ama assim.

Eu só precisei cuidar dela até que aquele vírus parasse de atacar sua mente e aos poucos eu consegui.

Hoje ela sabe que não pode existir feiura onde há amor. Não existe imoralidade quando duas pessoas se amam e se respeitam. A imoralidade está no desrespeito, no ódio gratuito.

Depois que o vírus se manifesta, seus anticorpos trabalham duro pra retomar o controle do seu corpo e uma vez esse controle retomado, você se torna autoimune. Minha mãe graças a Deus está curada.

... Fecha parênteses)

Capítulo 21

A Princesa e o Bonito

Resolvo pegar um livro para ler enquanto espero o Jay chegar. Sinto uma mistura de ansiedade e nervosismo como se ele fosse meu primeiro namorado.

Estou sentada na minha cama com as pernas esticadas e as costas apoiadas na cabeceira, viajando na história de amor narrada pela *Colleen*, quando ouço meu celular apitar.

Jay: Cheguei ;)

Sinto meu peito inflar e depois descer lentamente. Preciso me acalmar. Não sei por que estou tão nervosa. Meu Deus, Day! Controle-se!

Passo pelo quarto da minha mãe e sorrio pra ela.

— Ele chegou, se comporte! Nada de me fazer passar vergonha! — digo temendo a sessão de “recordar é viver” de que ela tanto gosta e que sempre traz histórias embaraçosas sobre mim, claro.

— Eu jamais faria isso! — diz ela fingindo ar ofendido. — Vai menina, não deixa o cara esperando... Vai que ele desiste! — Ela coloca a mão sobre a boca. — Deus me livre! Preciso me livrar de você de uma vez por todas. — Minha mãe ri e dá uma tapa no meu bumbum quando passo por ela.

— Ei! Isso não é pandeiro não, viu?

Meu coração bate depressa e não posso deixar de notar o medo se esgueirando para dentro dele. Abro a porta. O Jay está de costas para mim com as mãos dentro dos bolsos da bermuda de brim que vai até os joelhos. Ele se vira quando houve o barulho do portão se abrindo. Seu cabelo ainda está meio úmido e percebo que ele deu uma aparada nele, o que deixou os fios mais curtos e espetados. Ele parece ainda mais jovem e está ainda mais bonito. Ele sorri para mim e meu coração aquece. Lar.

— Oi Princesa. — Ele diz com ar encabulado.

— Oi Bonito, é impressão minha ou você parece envergonhado? — digo apertando os olhos em sua direção e estendo a mão pra ele.

— Só um pouco tímido, confesso. — Ele responde tirando a mão do bolso pra pegar a minha e sinto um frio na barriga ao olhar para aqueles olhos travessos.

— Vem, vamos entrar — convido.

Ainda estamos de mãos dadas enquanto tranco a porta e um sorriso bobo não sai dos meus lábios.

— Sua mãe está mesmo em casa? — Ele pergunta e me puxa contra si mantendo minhas costas pressionadas ao seu peito, seu braço enlaça minha cintura e nossas mãos entrelaçadas ficam recostadas sobre minha barriga, seu hálito brincando com meu ouvido.

— Sim, ela está — digo sentindo um arrepio percorrer meu corpo quando ele beija meu pescoço e inspira fundo com o nariz roçando o cantinho da minha orelha. — Se comporte! — advirto. Jay me gira, nossos narizes se tocando apesar de o meu estar um pouco abaixo do dele devido a diferença de altura. Seus olhos penetrando nos meus. Uma de suas mãos está nas minhas costas e mantém um aperto firme, e a outra está sob meus cabelos, os dedos acariciando minha nuca.

— Eu esperei o dia inteiro pra ter você assim. — Ele fala e seus dedos sobem e descem ao longo das minhas costas. — Sentindo o calor do teu corpo aquecendo o meu. — Seu hálito é refrescante como hortelã. — Eu vou me comportar, prometo, — roça o nariz no meu e respira fundo —, mas eu preciso te beijar neste exato segundo.

Ele me beija profundamente e me apoia na lateral do encosto do sofá. Minhas costas ficam arqueadas de um jeito que estou quase deitada e sinto o peso do corpo dele sobre mim, pressionando o meu. Suas mãos parecem querer desbravar todo meu corpo, mas não de um jeito afoito. Ele é firme, seguro... E está claramente tentando manter o controle sobre si mesmo. Sinto sua mão afundar na minha cintura e seu polegar subir pela lateral do meu corpo, por baixo da minha camiseta, até roçar no meu sutiã.

— É agora que você pede pra eu parar e tenta colocar um pouco de juízo nessa minha cabeça juvenil. — Ele diz em voz baixa, quase sussurrando e me dá uns beijinhos contidos sem nunca permitir que nossos corpos desgrudem um do outro. Sinto seu corpo tremer com o bater de nossos corações.

— Difícil pedir juízo quando eu não sei sequer por onde anda o meu — digo ofegante. Ele sorri largo.

— Certo. — Ele Suspira. — Sua mãe está lá em cima... *Ahn...* Certo. — Ele repete respirando com dificuldade. — Precisamos nos controlar... — Ele se afasta um pouco e me dá mais um beijinho.

— *Ceeerto* — digo um tanto decepcionada. — Vamos comer alguma

coisa? Estava esperando você pra comer comigo — falo puxando-o pela mão em direção à cozinha.

— Isso! Vamos comer... Comida.

Olho pra ele e dou uma risadinha. Pego um pacote de pão de forma, queijo, peito de peru e requeijão.

— Então — falo colocando tudo em cima da mesa e ele senta-se no banco próximo ao balcão da cozinha, de frente pra mim —, é misto quente ou pedir uma pizza... Não há muito que sou capaz de cozinhar.

— Adoro misto quente. — Ele fala e vejo fome nos seus olhos e disfarçadamente roça uma perna na outra tentando aliviar a dor.

— Hum... Então tá. Você quer apenas um ou mais? — pergunto separando quatro fatias do pão.

— Dois, por favor.

— Você come com a casca ou quer que eu tire? — Tiro mais duas fatias de pão do pacote.

Estou com a atenção voltada ao que estou fazendo, mas levanto os olhos na direção dele quando ele não me responde. Ele está com os braços cruzados sobre o peito e seus olhos me estudam com um brilho contemplativo.

— A Sol nunca me perguntou se eu me incomodava com a casca do pão de forma. — Não posso deixar de notar uma pontinha de tristeza obscurecendo seu olhar. — Que droga — diz e ri sem humor —, ela sequer preparou um sanduíche pra mim na vida! — Ele conclui balançando a cabeça.

— Hum — falo sem saber o que dizer.

— É engraçado. — Ele diz olhando pra mim.

— O quê? — pergunto voltando a atenção para os sanduíches.

— Gosto dessa sensação. — Ele diz se levantando e caminha até mim.

— Que sensação? — pergunto.

— De ter alguém que está realmente preocupada com o que eu quero e gosto, e não apenas deduzindo baseando-se no que ela própria quer e gosta. — Ele diz e me abraça por trás, dando um beijinho no meu pescoço. — E eu gosto da casca — diz ele ao meu ouvido. Sorrio.

— Que bom! Menos trabalho pra mim — brinco. — Agora se você me dá licença, tem uma mestre cuca aqui tentando fazer uma refeição gourmet para o namorado...

Sinto as últimas sílabas da palavra namorado morrendo na minha

boca e minhas bochechas esquentarem de vergonha, abaixo a cabeça, sem graça.

— Desculpa, namorada. — Ele sorri um sorriso reluzente que chega ao olhos e ilumina a cozinha inteira. — Vou voltar pro meu canto e continuar apreciando minha namorada cozinhando pra mim, o namorado.

Acho que vou ficar com câimbra na boca de tanto sorrir.

— *Eita, Pai Odin!* Isso tá muito bom, Dana.

— É só um misto quente! — digo sem graça. — Para com isso...

— Eu ainda não havia comido com requeijão! Sério, melhor misto quente que comi ao longo dos meus vinte e sete anos!

Dou um sorriso enorme capaz de rasgar minha boca e levanto para recolher os pratos e copos.

— Não senhora! — Ele diz dando uma tapinha na minha mão. — Pode largar isso, você cozinhou, eu limpo a bagunça. — Jay levanta da cadeira e me dá um beijinho no topo da minha cabeça. — Senta aí enquanto eu limpo tudo. — Ele pede enquanto recolhe os pratos e leva até a pia.

Observar aquele homem na minha cozinha, lavando minha louça, me causa uma sensação boa. Ele está concentrado na sua tarefa e agora é a minha vez de apreciar os dotes domésticos do meu namorado.

— Vem, vamos subir — chamo logo que tudo está limpo. — Ainda não é tarde... Filme? — convido insegura.

— Na verdade temos que discutir nossa viagem, mas podemos fazer isso enquanto assistimos a um filme... *Netflix*?

— Sempre — confirmo puxando-o pela mão em direção às escadas.

A porta do quarto da minha mãe está fechada, mas consigo ouvir o som da tv do corredor. Bato na porta.

— Mãe... — chamo e abro a porta. Ela sorri quando nos vê.

— Ah... Oi! — Ela diz levantando da cama.

— Mãe, esse é o Jay. Jay, essa é minha mãe.

— Oi Jay, sou Regina, muito prazer. Vocês querem que eu prepare algo pra vocês comerem?

— Na verdade a Dana fez sanduíches pra nós, obrigado Dona Regina. — Ele fala com um sorriso nervoso.

— E minha cozinha continua inteira? — Ela pergunta fingindo preocupação.

— Tchau mãe — despeço-me. — Nem começa! Estaremos no meu quarto. Se precisar não me chame. — Já estou na porta e olho pra trás

sorrindo pra ela.

— Comportem-se! — Ela grita através da porta já fechada.

Nem filme, nem discussão sobre a viagem. O Jay está neste exato momento em cima de mim, suas mãos passeando em cada cantinho do meu corpo. Estamos ofegantes e sinto sua ereção pressionar minha pélvis. Eu o quero tanto que sinto doer. Um gemido um pouquinho mais alto escapa por entre meus lábios quando o sinto mover-se entre minhas pernas que estão ao redor de sua cintura e sinto seu corpo ficar tenso.

— Precisamos nos acalmar — aconselha ele com a voz rouca e trêmula. — Sua mãe pode nos ouvir, e se você continuar gemendo assim eu não serei capaz de me conter.

— Então não se contenha — sussurro. — Eu quero você — suplico.

Eu aperto ainda mais minhas pernas ao redor do corpo dele e levo minhas mãos por baixo de sua camisa em direção ao cós de sua bermuda quando ele segura minhas mãos.

— Eu não quero que você precise controlar seus gemidos, e acredite, quando eu fizer amor com você, você vai querer gritar alto, e eu quero ouvir cada um deles. — Sua voz é firme apesar do tremor no seu corpo.

Meu quarto parece em chamas. Com uma das mãos ele coloca minha mão ao lado do meu corpo e com o outro braço sustenta o próprio peso aliviando a pressão sobre mim. Eu respiro fundo, uma respiração frustrada e difícil.

— Ei. — Ele chama. — Não pense besteiras. — Eu o encaro.

— Não estou pensando besteiras... O que eu poderia estar pensando?

— Não sei, apenas tenha a certeza de que eu quero você como nunca quis outra antes. Não posso permitir que nossa primeira vez seja menos do que perfeita.

— Estaria muito perfeito pra mim se fosse exatamente como está sendo agora — digo relaxando porque entendo o que ele quer dizer e acredito.

— Se você acha que isso seria perfeição, prepare-se para conhecer o céu. — Ele fala já visivelmente no controle de si mesmo e me dá um beijinho na testa, se afastando de mim. Sinto vontade de chorar como uma criança birrenta que quer abrir o presente antes da hora.

Estamos recostados na porta nos despedindo e me sinto leve, segura, feliz.

— Então você passa aqui amanhã às 09hs? — pergunto abrindo a

porta.

— Pontualmente. — Ele responde me dando um beijinho nos lábios. — Esteja pronta. — Outro beijinho. — Tenho que ir... — Mais um. — Me solta, Dana! — Ele ri.

— Certo, estarei pronta, e Ok, estou soltando — falo e o beijo. Ainda estamos nos beijando quando ouço o som alto do pigarro de alguém. Viro-me em direção ao barulho.

— Vocês deveriam ir pra um quarto. — Ele fala com sarcasmo. — Nem todo mundo curte assistir sexo ao vivo.

Meu sangue começa o processo de ebulição assim que meus ouvidos captam a voz do Alex e o corpo do Jay enrijece assim que percebe quem está parado à nossa frente.

Capítulo 22

Alerta de tornado F5

— O que você está fazendo aqui? — pergunto recostada no peito do Jay, seus braços em volta da minha cintura.

— Não que seja da sua conta — ele responde, sua voz fria, seus olhos vazios —, mas apenas para aliviar seus medos ou quem sabe alimentar suas decepções, eu não vim aqui por você. — Ele olha pra mim e em nenhum momento desvia seu olhar para o Jay.

Eu sei o que o Alex espera de mim e eu não vou deixar ele levar essa. Desculpa “de menor”, mas não vou entrar nesse jogo pra perder.

— Hum... Ok. — digo com ar desinteressado e eu poderia ganhar um Oscar agora. Ele quer que eu insista, eu queria insistir, mas eu não vou.

O Jay permanece calado e seu aperto continua firme em mim. Ele esbanja tranquilidade, mas a tensão nos seus braços me diz que ele está pronto pra brigar.

Inclino o rosto na direção do Jay.

— Melhor você ir, ou vai ficar muito tarde — falo em tom baixo e não tenho a chance de ouvir o que ele diz porque a voz do Alex interrompe qualquer intenção do Jay de falar.

— Sabe aquele dia em que eu quebrei a cara do babaca que está atrás de você? — Ele pergunta, mas não espera uma resposta. Sinto o Jay dar um pequeno impulso involuntário na direção do Alex e aperto seu braço em um pedido silencioso para ele se controlar. — Pois é, lembra que eu estava aqui te esperando quando você chegou, não é? — Eu o encaro tentando entender onde diabos ele quer chegar. — Então, antes de você chegar e de eu te prensar contra essa parede. — Ele aponta para o muro da minha casa e Jay me olha confuso e... decepcionado? — Eu conheci a sua vizinha, Marina. Ela foi muito simpática em me fazer companhia até você chegar. — Sua voz é um misto de sarcasmo e frieza. — Nós estamos saindo — Alex sorri com satisfação quando percebe que me afetou e sinto vontade de me socar por deixá-lo notar.

— Bom pra você — digo. — Pelo pouco que sei a seu respeito e o muito que conheço da fama dela, juntos vocês podem criar uma nova categoria de DST's. — Sinto a barriga do Jay tremer com um riso contido e vejo o sorriso sumir do rosto do Alex.

Viro-me para o Jay, dando as costas para o Alex apenas porque está

cada vez mais difícil continuar olhando para aqueles olhos negros.

— Ei, é melhor mesmo você ir... — digo dando-lhe um beijinho casto.

— Tá me expulsando, Princesa? — Ele pergunta me puxando ainda mais pra perto.

— Claro que não, Bonito! — digo com minhas mãos em volta do seu pescoço. — Acontece que já é bem tarde e não é seguro ficarmos aqui fora.

— Você tem razão. — Ele concorda com o olhar na direção do Alex, que permanece em frente à casa da minha vizinha como se a esperasse. — Até amanhã, Dana. Já sinto saudades. — Ele me beija docemente.

— Eu também.

Ele entra no carro e seu olhar parece inseguro, mas ele bate a porta e sai devagar. Quando o carro dobra a esquina, eu tento fechar o portão, mas uma mão enorme o segura mantendo-o aberto.

— Você sabe que não é ele quem você quer — Alex fala do meu lado e eu continuo olhando para frente sem encará-lo.

— Você não sabe nada sobre mim, sobre o que eu quero ou deixo de querer. Dá licença, por favor? — peço forçando o portão para fechá-lo e ele mantém o aperto firme.

— Olha pra mim. — Ele pede, mas meus olhos permanecem alheios à sua presença. — Tá com medo de me olhar e não resistir? — O encaro. Seus olhos são como uma tempestade numa noite escura. — Me diz que você o quis tanto quanto me quis quando eu te beijei. — Silêncio. — Gordinha...

— Eu o quis ainda mais. — A mentira sai fácil, meus olhos enfrentando a tempestade.

— Você é uma péssima mentirosa. — Ele solta o portão e caminha em direção a sua moto.

Parece que não sirvo mesmo pra mentir. Não que eu saiba se o que acabo de afirmar foi uma mentira completa... Eu apenas não tenho tanta certeza do que sinto por eles. Alex e Jay. Eles mexem com áreas diferentes do meu coração, do meu corpo... da minha alma. Estou fodida — penso, fechando a porta atrás de mim e me mantenho escorada nela.

O Alex exerce um poder sobre mim que vai além do meu controle. Ele é como aquele menino mau que conta ao irmão mais novo que o Papai Noel não existe. Ele é o responsável por destruir meu castelinho de areia.

Caralho... Não faz merda Dayana! Você gosta do Jay. Ele é segurança. O Alex é... Descontrole? Caos? Não, obrigada.

Subo as escadas lentamente, cada degrau me levando para ainda mais

longe de qualquer certeza que eu possa achar que tenho.

Dayana, você precisa de autocontrole, tudo aquilo que você não consegue manter com o Alex por perto — reflito já deitada na minha cama.

Lembre-se do que aconteceu da última vez que você se deixou invadir...

Não, nunca mais!

Meu celular vibra nas minhas costas e eu nem ao menos havia percebido que estava deitada sobre ele.

Jay: Acabei de chegar ☺ Adorei nossa noite e mal posso esperar pelos próximos 2 dias ^_^

Dayana: Também amei cada segundo s2 Cheia de expectativas, hein?

Jay: Sonhe alto Princesa, que ainda assim eu irei superá-la u_u

Dayana: Acho bom mesmo ^_~

Jay: Indo nessa Princesa. Preciso descansar pra viagem. Boa noite, Dana. Até amanhã ;-) Sonhe comigo*_*

Dayana: Vou pensar no seu caso^^ Boa noite Bonito, xero s2

Respiro fundo. Segurança. Controle. Conforto. Lar. Meu celular vibra novamente e eu sinto meu sorriso vacilar quando vejo de quem vem a notificação do Whatsapp.

Alex: Vc vai precisar ser uma mentirosa ainda melhor se quiser mesmo me convencer a desistir. Eu estou pronto pra guerra... E vc?

Dayana: Cai dentro De menor.

Alex: Eu nunca entro numa briga pra perder. E eu nunca perco uma. Então se prepare.

Dayana: É porque vc sempre competiu com pessoas da sua idade. Quando vc crescer, pode ser que seja páreo pra mim.

Alex: Mas vc está em desvantagem. Eu só tenho um inimigo, vc luta

contra dois, vc mesma e eu. Boa sorte, Gordinha.

Nem preciso responder essa última mensagem. Acho que teremos a batalha do ano, afinal. O vencedor leva o controle do meu coração. Bom, ele me pertence e continuará sendo meu exclusivamente, mas por enquanto, não posso deixar de dar razão a ele. Estou em desvantagem e a briga está empatada.

Capítulo 23

Preparação para o campo de batalha

Está escuro. Ouço sussurros e gemidos e percebo que eles vêm de mim. Sinto mãos quentes marcando meu corpo nu como um ferro em brasa e o calor de um corpo igualmente nu se movendo sobre mim. Sinto sua respiração ofegante na minha orelha, prendo meus dedos em seus cabelos e depois desço por suas costas largas até sua bunda. Aperto aquela bunda firme, perfeita e o puxo convidando-o a entrar ainda mais fundo dentro de mim, solto um grito alto e desesperado implorando que ele não pare de me preencher.

— Eu disse que você era minha. — Ele diz e vejo o branco de seus dentes reluzirem naquele sorriso torto que eu amo e odeio...

PUTA QUE PARIU. Acordo sobressaltada com gotas de suor escorrendo pelo meu corpo. Meu coração bate em desespero e algo entre minhas pernas lateja e dói.

Sento-me na cama e passo as mãos pelos meus cabelos numa mistura de raiva e frustração. Mas que droga! Xingo alto.

Preciso de um banho frio. Frio não, gelado! Com cubos de gelo... Imergir em uma banheira com cubos de gelo até a borda! *Argh*, por que você tinha que aparecer?

Estou tentando me manter calma, mas a verdade é que nem meditar com o Dalai Lama me acalmaria. Não sei se foi uma boa ideia declarar guerra ao Alex. Eu sei que foi ele quem declarou, mas eu como a ‘adulta’ que sou, tive que mandar ele “cair dentro”? Agora estou aterrorizada com as técnicas de ‘combate’ dele.

Verifico a hora no celular e sinto ainda mais raiva dele por me causar ‘pesadelos’ me forçando a acordar tão cedo quando vejo que sequer passam das 06hs.

Bom, pelo menos terei mais tempo para diminuir esse inchaço matinal do meu rosto — reflito enquanto vejo meu reflexo no espelho ainda sentada na minha cama. Meus olhos inchados parecem que vão ser engolidos pelas minhas bochechas enormes!

Vou para o banho e meu estômago está embrulhado numa mistura de ansiedade boa — porque vou viajar com meu namorado —, e nervosismo, porque o Alex também vai estar lá pronto pra me enlouquecer o juízo até ter

o que ele quer.

As imagens do sonho vívido que tive há pouco não param de zanzar pela minha cabeça e é frustrante tentar manter algo do lado de fora quando esse algo insiste em voltar. Sempre.

Tento manter minha mente voltada para o Jay e o quanto ele é doce e... gostoso. Meus pensamentos antes fantasiosos com sonhos eróticos passam para lembranças de algo bem real que aconteceu aqui nesse quarto na noite passada e sinto meu rosto corar, mas não de vergonha, é desejo. Eu o quero, e hoje vou ter ele todinho pra mim. É nisso que você tem que estar concentrada, Day — digo para mim mesma enquanto termino de conferir minha mochila.

Tenho apenas mais uma hora até o Jay passar aqui e ainda não tomei café da manhã. Meu estômago continua embrulhado, e agora ainda mais, acrescentando fome à mistura. Estou me preparando para descer e comer algo na cozinha quando recebo uma mensagem do Jay.

Jay: Bom dia Princesa :D Pensei em passar um pouco mais cedo pra tomar café da manhã com vc... Tudo bem se eu for?

Dayana: Bom dia, Bunito ;) Vem simmm, mas depressa que estou faminta ;P

Jay: Então vem logo abrir a porta u.u

Caminho em direção às escadas ainda digitando uma mensagem pra ele.

Dayana: Vc já está aqui em baixo??

Jay: Sim >_<

— E se eu dissesse que você não poderia vir? — pergunto com um sorriso enorme quando o vejo assim que abro a porta.

— Aí eu ficaria aqui na calçada num piquenique solitário e deprimente. — Ele fala mostrando as sacolas que estão em ambas as mãos e faz beicinho. — E você não me deixaria comendo tudo isso sozinho, é triste.

Meu coração bate animado e feliz. A cada vez que o vejo noto algo novo que me deixa um pouco mais encantada com ele. Agora, quando ele fez beicinho, notei que ele tem um pequeno e quase imperceptível furinho no

queixo, que o torna ainda mais atraente.

— Acho que não poderia permitir que tal coisa acontecesse. — Ele abre um sorriso de orelha à orelha. — Você não poderia comer tudo isso sozinho! — digo pegando uma das sacolas das mãos dele e seguindo para dentro de casa com ele logo atrás.

— Claro... A comida, não é? — viro-me e o encaro com um olhar divertido. — E eu achando que era pelo prazer da minha companhia... — Ele dá um *soquinho* no ar em falsa frustração.

— Também por isso — digo dando-lhe uma piscadinha.

— Hum... Acho que preciso tomar cuidado quando se trata de comida e livros, ou vou acabar sendo trocado por eles. — Ele diz puxando-me para dentro dos seus braços e dá um beijinho no meu pescoço.

Sou invadida por uma sensação de conforto, paz e plenitude. Esqueço qualquer sombra deixada por sonhos libertinos.

— *Gordices*, livros e você... Seria meu sonho? — digo virando meu rosto em direção a ele e beijo seus lábios. Minha intenção era apenas um beijinho casto, mas Jay intensifica o beijo e eu quase deixo a sacola cair da minha mão.

— Melhor comermos o café da manhã que eu trouxe antes que eu resolva devorar você. — Ele diz interrompendo o beijo com uma voz grave e rouca e eu sinto meu corpo inteiro formigar.

— Isso é uma promessa? — digo encarando-o com os olhos em chamas.

— Pode apostar. — Ele sussurra no meu ouvido e depois se afasta colocando a sacola em cima da mesa, me dando um sorriso.

— Melhor parar de sorrir assim pra mim ou é você quem vai acabar devorado — digo tirando as coisas de dentro das sacolas e observando o que ele trouxe pra nós.

Quando acabo de colocar a mesa, com a ajuda do meu namorado lindo e fofo, temos uma mesa farta; e com exceção das frutas, parece que ele sabe exatamente do que gosto.

Depois que tomamos nosso café da manhã, digno dos reis e rainhas com direito a geleia de damasco e croissant de chocolate, estamos no sofá e a tv está ligada.

O Jay está com uma perna curvada, o joelho escorado no encosto do sofá, estou entre suas pernas e minha cabeça está aconchegada ao seu peito. Eu apenas fico ali de olhos fechados sentindo o calor de seus braços me

envolvendo e saboreando aquela calma antes de ter que ir para o campo de batalha.

— Ei. — Ele fala baixinho. — Você dormiu?

— Não — murmuro.

— Precisamos pegar a estrada — Jay chama, mas não faz nenhum movimento com a intenção de se mover.

— Eu sei — concordo me encaracolando ainda mais dentro dos seus braços e sinto seu coração batendo contra minha cabeça e um sorriso se forma em minha boca.

— Mais dez minutos e vamos, certo? — Ele avisa.

— Certo — confirmo.

Exatos dez minutos depois começamos os preparativos para sair de casa. Minha mãe saiu para trabalhar antes das 05hs e só volta pra casa dia dois de janeiro, como eu, então, tranco tudo e confiro duas vezes antes de entrar no carro do Jay. Coloco o cinto de segurança e sinto meu celular vibrar dentro do bolso do meu shorts. Uma bola de medo enche minha barriga. Já estamos virando a esquina e o Jay está entretido dividindo a atenção entre o tráfego e o som do carro, então tiro o celular do bolso fingindo desinteresse.

Alex: Já terminou com o babaca? Porque vc vai estar na minha cama antes da contagem regressiva.

— Idiota! — digo baixinho, mas não tanto quanto pensei, porque o Jay me encara.

— Algum problema, Dana? — Ele pergunta com as sobrancelhas franzidas

— Não... — abro um sorriso amarelo. — É só que eu odeio esse celular. Não vejo a hora de jogar ele fora.

— Hum. — Ele assente e volta sua atenção para o trânsito, mas sinto que ele não se convenceu.

A viagem foi supertranquila e gostosa. Levamos cerca de pouco mais de uma hora e meia pra chegarmos na casa da Mel.

Nos divertimos muito ao som de AC/DC e eu quase fui capaz de digerir aquela bola de medo que se formou na minha barriga logo após receber a mensagem do Alex.

A casa da Mel é enorme. O Jay estaciona o carro logo atrás do carro

do Pedro e eu o ajudo a tirar algumas coisas do porta-malas. Logo à frente do carro do Pedro, vejo uma conhecida moto preta e sinto meu sangue gelar.

Fico tensa. Ele já está aqui.

Atravessamos uma área gramada, uma espécie de jardim, logo após a garagem. Ao lado há um deck com uma piscina de onde ouço risadas altas e barulhos de ‘tibuns’ na água. Uma risada alta se sobressai das outras e nem preciso olhar para saber que ela vem do Alex.

Estou um pouco à frente do Jay, minha mochila pende em um ombro, estamos de mãos dadas e o sinto tencionar quando passamos pela piscina. Ele para e trava o olhar em direção a alguma coisa, ou melhor, alguém. Sigo seu olhar pensando que vou ver o Alex, eu o vejo, mas não é apenas ele que me chama a atenção.

Ele está de sunga, sentado na borda da piscina. Seu corpo está completamente molhado e engulo em seco observando cada gotinha rolar por seu peito em direção ao seu abdômen e se perdendo no cós de sua sunga.

Levo alguns segundos para notar a garota dentro da água entre suas pernas. Ela ri alto jogando sua cabeça para trás e mantém os olhos fechados, seus dentes brancos e perfeitos brilhando ao sol contrastando com seu biquíni vermelho que realça aquilo que me falta imensamente: seios.

Ela até poderia me enganar, mas reconheço uma gargalhada forçada de longe e sei que aquela é apenas para chamar atenção, e seu objetivo é alcançado com sucesso, porque o Jay não tira os olhos dela.

Tiro meus óculos de sol e olho diretamente para o Alex, olho no olho.

— Sérió Alex? — digo com o olhar levantando uma sobrancelha e fingindo um sorriso de desdém. — A Solinelda? — inclino levemente o queixo em direção àquela garota ridiculamente bonita, o medo agora enchendo minhas veias, mas mantenho a cara de paisagem.

Ele faz um gesto quase imperceptível abrindo os braços e inclinando a cabeça para baixo meio de lado como quem diz “É isso aí, vamos jogar”.

Eu ponho os óculos no rosto novamente e dou um leve puxão na mão do Jay, que retorna para a Terra.

Que comecem os jogos, como diria *Jigsaw*.

Capítulo 24

Armas apontadas

Estamos caminhando em direção à entrada da casa da Mel e ao chegarmos próximos à varanda, vejo-a com o marido. Eles estão deitados em uma rede trocando carinho.

Há uma caixinha de som ao lado deles em uma mesinha de onde Luan Santana canta convidando alguém pra “Acordar esse prédio e fazer inveja pro povo.” Reflito sobre a letra por alguns segundos e imagino que ele deve ser muito bom pra conseguir fazer sua amada gemer tão alto que acordaria um prédio inteiro. Meu Deus, eu penso cada besteira.

Mel nota nossa presença e pula da rede assustando o Pedro que já estava quase cochilando, eu acho.

— Eeii! — Mel dá um gritinho. — Vocês chegaram — diz animada — juntos! — Ela nos abraça e nos leva a saltitar com ela.

— Oi Mel... — dizemos ambos ao mesmo tempo e ela ri alto.

— Ah, meu Deus, vocês já estão até falando juntos, há-há-há, que fofinhos!

— Não enche — Jay fala rindo e caminhando em direção ao Pedro, que também se levantou da rede.

— E aí Cara, beleza?

Vejo os dois fazerem o típico cumprimento dos caras, com aquele meio abraço e sorriso largamente apesar de uma pontinha de incerteza continuar coçando na minha orelha.

O Jay e o Pedro estão envoltos numa conversa sobre algo que não entendo e que nem ao menos ouço com clareza quando a Mel chama minha atenção.

— Tá tudo bem? — pergunta em tom de preocupação.

— Sim, claro... — respondo sorrindo. — Só um pouco cansada, eu acho.

O fato é que a presença da Solinelda ainda afeta o Jay... Sinto as inseguranças começarem a trincar meu estado de alegria e meu sorriso vai sumindo aos poucos.

— Estou perguntando por causa da acompanhante do Alex. — Ela fala e seus olhos vão em direção à piscina.

Ainda é possível ouvir os risos, embora mais baixos.

— Hum... Eu não sabia que eles eram próximos... Enfim, tanto faz —

digo dando de ombros.

— Day, o mundo inteiro sabe que ele só quer afetar vocês, não dê esse gosto à ele. — Ela adverte. — O Alex pode ser bem idiota quando se trata das birras infantis dele.

Não é difícil acreditar que essa loucura toda, essa paixão a qual o Alex tenta demonstrar, não passe mesmo de birra... Afinal, foi ele quem foi embora logo após passarmos a noite juntos e ele não me procurou até aquele dia no Shopping. O Alex e suas loucuras que se danem.

— Então, onde vamos ficar? Queria guardar nossas coisas...

— Claro! Amor — Mel chama. — Leva o casal docinho até o quarto deles?

Os garotos parecem que estão falando sobre algo realmente interessante, porque eles nem ouvem a Mel falar.

— Jay? — Assim que o chamo, ele imediatamente olha pra mim. — Vamos cuidar em arrumar as coisas, Bonito?

— Ownt — Pedro fala tirando uma com a cara do Jay e eu me sinto constrangida por chamá-lo assim na frente deles. — Que bonitinho, já tem até apelido.

— Vamos, Princesa. — Ele responde com um sorriso cheio de dentes. — Qual é a graça? Pelo menos eu não sou Panda, fofinho da barriga branca. — Ele brinca e dá um *soquinho* no peito do Pedro, que ri alto.

— Quem é panda? Tá louco? Quem manda sou eu, cara.

— Você manda onde, Pedro? — Mel pergunta com as duas mãos na cintura. — Anda, leva eles até o quarto deles que é o melhor que você faz.

— Eu vou porque eu já ia entrar mesmo, viu? — Ele fala dando-lhe um beijinho ao passar por ela.

— *Arram...* — dizemos todos juntos e começamos a rir.

— Andem logo, seus bestas! — Pedro nos apressa. — Pretendo voltar logo pra minha rede e para o cafuné da minha mulherzinha linda e sexy.

— Panda! — dizemos eu e Jay, rindo e seguindo o Pedro para dentro da casa.

As portas da casa são no estilo venezianas e já estão abertas. Há uma sala grande com um sofá em formato de L e um rack baixo com uma tv enorme, um aparelho de som e um Xbox.

— Quem joga vídeo game numa casa de praia? — pergunto ao Jay.

— Nem sempre há sol lá fora, Princesa. — Ele responde e puxa minha mão para dar beijinho nela.

Passamos pela sala de jantar, que fica ao lado da de estar, e entramos à direita em um corredor onde há cinco portas, duas de frente uma para outra e uma no fim do corredor.

— O quarto de vocês é o segundo à esquerda; e aquela porta no fim do corredor é o banheiro. Sintam-se em casa — Pedro fala com um sorriso cordial.

— Obrigada. Valeu — agradecemos.

Nosso quarto não é grande, mas é bem aconchegante. Tem um armário pequeno e uma cama de casal com dois travesseiros. As paredes são pintadas de um tom de pêssego e há luzes pequenas embutidas ao redor do teto de gesso e uma luminária pequena no centro.

— Bom, ainda bem que trouxemos meu ventilador, porque não tem janela — digo.

— Melhor, assim ficamos com mais privacidade. — Ele diz me puxando e jogando-me na cama.

Ele me beija ardentemente e sou capaz de sentir labaredas fluírem de sua boca para minha. Ele está com metade do corpo sobre mim, uma de suas pernas entre as minhas, que estão entreabertas e sua mão está subindo por sobre minha barriga, caminhando em direção aos meus seios, por baixo da minha camiseta.

Suas mãos aquecem meu corpo e eu estou com um puta tesão, mas as garras da insegurança começam a penetrar meus pensamentos e eu não consigo entrar no clima. Lembro-me da maneira como ele travou na presença da ex, a maneira como ele não tirou os olhos dela e dúvidas invadem minha cabeça. Eu simplesmente não posso continuar assim, porque não consigo relaxar.

— Dana? — Ele chama interrompendo o beijo. — Tá tudo bem? — Ele pergunta notando que há algo errado.

— *Anh...* desculpa — falo empurrando-o gentilmente e me sentando na cama. — É... eu não sei. Posso te fazer uma pergunta?

— Claro. — Ele responde e sinto-o apreensivo.

— Você ainda gosta da Solinelda? — pergunto fazendo uma careta.

— Não da maneira que você está pensando. — Ele diz e me puxa apoiando minhas costas em seu peito. — A Sol não é uma pessoa fácil e eu sei que ela pode ser bem desagradável quando ela quer. Ela já passou por algumas situações que não cabe a mim falar, nosso relacionamento não foi fácil e ela nunca soube lidar com as inseguranças dela... Ei... — Ele fala

suspirando e me vira para que possa me encarar nos olhos. — Eu não vou mentir que estou preocupado. Sei que o Alex está usando ela pra nos atingir e não acho isso coisa de homem, não é certo. — Ele olha dentro dos meus olhos e sou capaz de ver sinceridade neles.

— Você não tirou os olhos dela, Jay. Você empacou e ficou lá parado... Olhando — abaixo a cabeça e coloco um lado do cabelo atrás da orelha.

— Dana. — Ele me chama e levanta meu queixo pra que eu volte a encará-lo. — Eu não estou com ela. Não é ela quem eu quero. — Ele acaricia meu rosto. — A cada segundo que passo ao seu lado, que você me permite adentrar um pouco mais no seu mundo, me apaixono mais um pouquinho. Eu não sou idiota, Dana.

— Hum... Se apaixona, é? — falo com um sorriso encabulado, sentindo como se meu coração estivesse envolto em uma manta fofinha e quentinha.

— Sim. — Ele diz e roça seu nariz no meu, inspirando meu cheiro. — Estou fascinado por essa menina que ainda mora aí. — Ele inclina o queixo apontando meu peito. — Mesmo depois de tudo que você já passou, você é uma mulher incrível. Não permita que te façam achar que você é menos do que isso. Não se deixe intimidar. Você é incrível! — repete pausadamente. — Eu quero só você, e se você ainda não percebeu o quanto eu a quero, não se preocupe, vou fazer você enxergar, confie em mim. — Ele pede e me dá uma piscadinha fofa e sexy, e eu acho que estou mesmo ficando caidinha por esse cara.

Capítulo 25

Zona de guerra

O Jay está com o Pedro, ajudando-o com o churrasco, e eu fiquei terminando de arrumar tudo. Agora estou fingindo que ainda tenho o que organizar, apenas pra tentar adiar o inadiável.

A casa é grande, mas não tem como fugir daqueles dois. Bora Dayana — ordeno-me. Levanta dessa cama e encare.

Obedeço-me. Levanto da cama e dou poucos passos até chegar à porta. Estou nervosa como se eu estivesse indo ao dentista, uma mistura de apreensão e medo.

Passo as mãos pelos meus cabelos tentando diminuir os fios assanhados pela cama, aliso os amassados inexistentes da minha regata de algodão e finalizo a ‘conferência’ dando uma leve puxadinha no meu shorts, ajeitando a barra que estava enrolada.

Dou apenas alguns passos já fora do quarto e ouço uma porta bater atrás de mim, seguida de uma voz infantil e irritante.

— Olha só, ela saiu da toca. — Ela fala com um risinho que me dá náuseas.

Eu paro e por alguns milésimos de segundos permaneço de costas para ela e travo uma guerra rápida, porém intensa, comigo mesma para decidir se devo fingir que não a ouvi ou me virar e descobrir o que aconteceria.

— Pois é — digo virando-me em sua direção, mas sem caminhar até ela. — Saí.

Eu sinto o olhar dela me analisando de cima a baixo e não deixo de notar os olhos se semicerrarem e as sobrancelhas franzirem numa expressão de ‘Ah, meu Deus, o que ele viu nela?’

Sorrio largamente apesar de me sentir um pouco intimidada com o ar de superioridade que ela mantém circulando ao redor de si mesma.

— Então — ela caminha em minha direção — você e o Jay estão juntos? — Ela se aproxima, seus seios enormes quase saltando para fora daquele biquíni minúsculo com o qual ela tem prazer em se exhibir. — Ou ele apenas te fez um favor... — a encaro com a raiva começando a faiscar nos meus olhos — com a carona? — Ela conclui com ar zombeteiro, fingindo inocência.

— Bom — minha voz cuspindo sarcasmo —, nós chegamos juntos... Estamos no mesmo quarto... Ele me pediu em namoro e eu aceitei... É, acho que isso quer dizer que estamos juntos sim — digo com um sorriso debochado.

— Você se acha muito esperta, né? — Ela diz cruzando os braços, testando a capacidade de o biquíni manter seus seios fartos dentro dele. — Mas sabe, toma cuidado. — Ela aconselha com falsa preocupação. — Eu sei que você teve seu coração partido há poucos meses, não seja burra de ficar no meu caminho e ter ele partido novamente. Ele vai voltar pra mim, isso eu garanto! — conclui ela inclinando o queixo, apontando para si mesma para que eu enxergasse com quem estava competindo.

— Burra, eu? — As palavras saem como uma gargalhada discreta. — Por acaso fui eu quem deixou escapar um cara lindo, gentil, charmoso e... quente? — sopro a palavra quente como se de repente uma fogueira gigante queimasse dentro de mim. — Obrigada por se preocupar comigo, mas preocupe-se com você mesma. Não vai cair dessa nuvem, hein? Por que nem em sonho você vai ter ele de volta, isso eu garanto — concluo e dou uma piscadinha pra ela e viro-me dando-lhe as costas. Ela não retruca e nem me segue.

Assim que estou fora do alcance de sua vista, me escoro por alguns segundos no batente da porta da sala e permito-me algumas respirações profundas tentando acalmar o medo que atinge cada célula do meu corpo.

— Você está bem? — Ouço uma voz suave e sinto mãos leves e pequenas sobre meu ombro. Izy.

— Eeii, quanto tempo! — abraço ela feliz por ver uma amiga depois do ‘esbarrão’ com a Solinelda. — Cadê a Lara?

— Com os meninos, beliscando qualquer coisa em que ela consiga pôr as mãos para comer. — Ela ri. — Eles estão no Deck preparando o churrasco para o almoço, mas você tá bem? — pergunta mais uma vez, já que ainda não respondi.

— Estou sim. — Tento sorrir.

— Tudo bem. — Ela concorda nada convencida. — Se quiser conversar, estou aqui, tá?

— Eu sei — assinto. — Não esquenta, tá tudo certo. Vem, vamos ver o que aqueles três estão aprontando — chamo e caminhamos abraçadas.

A Mel está deitada próximo à piscina, se bronzeando com o corpo

encharcado de óleo. John, André e a namorada, Carla, brincam de Vôlei na piscina contra Leandro, Ana e Mateus.

Observo os risos, as piadas e discussões sobre se houve 'invasão de quadra' ou não. O clima está leve e descontraído, mas ainda não ousa relaxar.

O Alex permanece sentado na borda da piscina e apesar dos seus olhos estarem escondidos por detrás de óculos escuros, sei que eles me encaram. Ele acena pra mim e me dá um sorrisinho torto, e eu me xingo por ele ter percebido que eu estava olhando pra ele.

— Então — falo virando-me em direção a Izy —, quais as novas? Tem algum tempo que não nos vemos ou falamos — falo fazendo beicinho.

— É verdade... Você me abandonou! — Ela choraminga fazendo graça. — Mas não tenho novidades, tudo na mesma.

Olho para a Ana e Mateus na piscina e lembro-me de tê-los conhecido na festa de Halloween. Eu achei que eles fossem um casal, porém eles não eram.

— Aqueles dois ainda estão nessa de chove e não molha? — pergunto ainda olhando pra eles.

— Eles vivem nisso — responde ela rindo, pra variar. Ela vive rindo. — Está na cara que se gostam, mas ficam de joguinhos numa batalha de quem fala primeiro.

Estamos paradas conversando displicentes e observando a troca de olhares entre os dois, é realmente claro feito água que eles se gostam.

Olho em direção ao alpendre onde fica a churrasqueira e vejo meu namorado sem camisa, com um avental preso ao corpo. Ele parece estar se divertido lidando com o churrasco e suas gargalhadas fluem fáceis de sua garganta. Ele usa óculos de sol estilo aviador e sua pele já mostra um leve bronzeado que me permite notar a curva dos músculos de seus braços torneados, apesar de esguios. Se meu coração fosse um cachorrinho, ele estaria abanando o rabo alegre e euforicamente enquanto caminho em direção ao Jay.

A área em que fica a churrasqueira é ampla. A churrasqueira é feita de tijolos vermelhos e está a pleno vapor, trabalhando como se tivesse que assar carne para um batalhão! Ao lado dela, com uma distância confortável o suficiente para ficar longe do calor das brasas, tem uma mesa rústica com alguns bancos ao redor e em frente à churrasqueira tem um balcão enorme que os meninos usam para preparar as carnes para assar.

A Lara está sentada em um banquinho e, em frente a ela, em cima da

mesa, há uma tigela cheia de farofa e uma bandeja onde os rapazes colocam os churrascos que já estão prontos.

— Claro que você estaria perto da comida, não é Lara? — brinco ao me aproximar.

— É óbvio! Alguém tem que fazer o controle de qualidade. Se não fosse por mim, todos iríamos comer com sangue escorrendo pelo canto da boca ou precisaríamos de uma serra elétrica para partir a carne. Esses dois aí — ela aponta para o Jay e Pedro, que a encaram com as mãos na cintura em falsa indignação — não sabem nada sobre o ponto certo da carne. — Ela conclui com a boca cheia e sorri logo após engolir. — E aí Day, como você tá?

— Eu estou ótima, e pelo visto você vai precisar de ajuda pra levantar daí! — digo sorrindo. — Meu Deus, para aonde vai tanta comida? — pergunto vendo-a pegar um espetinho de coração de frango e devorando-o.

— *Eita* Lala, deixa pra mim! — Izy exclama com um gritinho, já se acomodando ao lado da irmã e escolhendo por onde começar a comer.

Minha nossa... Acho que agora entendo o porquê de tanta comida... Se essas duas pessoinhas pequeninas comem assim, imagina os caras grandes como o Pedro e o Alex... Dou-me um tapa mentalmente por trazê-lo aos meus pensamentos, mesmo que com algo tão sem importância, e olho para o Jay.

— Será que vai sobrar algo pra eu comer, ou preciso arrastar essas duas para longe daqui antes que elas acabem com tudo? — pergunto puxando o Jay e dou um cheirinho no cantinho da orelha dele.

— Princesa... Eu estou cheirando à fumaça! — Ele reclama, mas me puxa virando-me e mantendo-me presa entre seus braços com as costas pressionadas ao seu peito. Eu amo quando ele faz isso.

— *Humm*, churrasco de namorado... Isso deve ser bom — brinco, inclinando meu rosto e roçando meu nariz ao longo do seu maxilar, inspirando seu perfume amadeirado misturado ao cheiro deixado pela fumaça da carne e carvão.

— Minha nossa... Vocês me dão náuseas e eu acabei de comer, então pega leve aí no açúcar — brinca Lara, fingindo ânsia de vômito e começa a rir.

— *Ahhh* eu acho fofo — diz Izy com um risinho.

— E eu acho melhor o Jay voltar a atenção para a carne que está no fogo antes que ela vire carvão.

Ouçõ a voz do Alex totalmente desprovida de diversão ou

camaradagem e o clima imediatamente pesa. Ele nem ao menos tentou disfarçar que o comentário não foi uma tentativa de ‘piada’, mas ainda assim, ele ri um riso desafinado, feio, forçado.

— Ou talvez seja a hora de você assumir o lugar do Jay... — Pedro fala tentando aliviar o clima e o Alex me olha como se fosse me comer viva. — Na churrasqueira... pra me ajudar com o churrasco! — Pedro conclui sem graça ao perceber o clima ficar ainda mais tenso.

Jay enrijece o corpo ciente da encarada que o Alex me deu e o infame sorri com malícia. Ódio!

— Claro. Acho justo. — Ele fala passando bem próximo de nós, tão próximo que o Jay precisa me puxar ainda mais junto a si para que meu nariz não roce o peito musculoso e molhado do Alex. — E aí Pedro, o que preciso fazer?

Ouçó a respiração do Jay ficar instável e sinto a luta interna dele para manter a calma através da tensão nos músculos de seus braços envoltos em mim.

— *Eei* — giro o corpo para ficar de frente pra ele, sem sair de dentro da proteção dos seus braços. — Calma, tá? — peço. — É exatamente isso que ele quer, não caia na pilha. Vem, vamos sair daqui — dou-lhe um beijinho em sua boca e me desenroscó dele apenas para puxá-lo pela mão para longe do perigo.

Capítulo 26

Aquecimento

— E aí? Quem ganhou o jogo? — pergunto parada ao lado da Mel, que resmunga para sairmos da frente do sol. — Você vai virar um camarão! — brinco. — Ou pegar uma insolação, o que seria pior. — Mel me mostra a língua em resposta e sorrio.

— Claro que fomos nós — responde John. — Com o Mateus e a Ana distraídos com o corpo um do outro, foi fácil — diz ele rindo alto.

— Vai à merda — diz Mateus e uma bola vem em desaforo na direção do John, jogada pela Ana, que erra o alvo fazendo John rir ainda mais. O histórico de acertos de arremessos dela parece que não mudou.

— E por acaso eu falei alguma mentira aqui? — atíça John. — Querida, não tenho culpa se vocês têm problemas de assumir o óbvio. — Ele fala apontando para ambos, que fazem cara de tédio. — Desculpa baby, eu não sou cego.

— Acho que não somos os únicos aqui com problemas em assumir o óbvio — Mateus fala com sarcasmo. — Ou você já decidiu assumir as preferências do seu pau?

O clima fica tenso e apesar de o John tentar se manter impassível, vejo o brilho dos seus olhos esmaecer, mas ele o encara sem abaixar a cabeça.

— Nossa... Você falou com propriedade sobre as preferências do meu Pau — John fala se recuperando. — Ah, já sei, é aquele lance de ‘um estranho reconhece o outro’, não é? — Mateus trava o maxilar e um silêncio sólido nos envolve. E eu estou boiando total.

— Vou tirar esse cloro do corpo pra almoçar — Ana fala meio sem graça, saindo da piscina.

— Qual seu problema? — pergunta Mateus irritado e vai atrás da Ana.

— Eu hein — diz John. — Só trabalho com verdades. E vocês dois aí? — fala olhando em nossa direção. — Vocês vão cair na água ou são feitos de açúcar?

O Jay olha pra mim em interrogação e a verdade é que estou morrendo de calor e essa piscina enorme é como um convite irrecusável, mas estou meio envergonhada de expor meu corpo para que todos vejam,

principalmente para ele. Jay nota meu desconforto.

— Algum problema, Princesa? — Ele pergunta com ar preocupado.

— Não, nada — digo insegura. — Só um pouco envergonhada... Besteira minha... — Dou um sorriso encabulado.

— Vergonha de que, amor? — É a primeira vez que ele me chama de amor e algo se remexe no meu estômago, mas de um jeito bom. — Você é linda! E ainda que não fosse, não tem do que se envergonhar.

— É que você vai ver minhas gordurinhas e estrias e celulites... — choramingo feito uma criança e não dou a mínima por parecer uma.

— Não sei a quais gorduras você se refere, e não me importo em nada com qualquer imperfeição que você acredita que marcam seu corpo. Você é perfeita. — Ele tira os óculos escuros e me olha nos olhos com tanto desejo que sinto minha pele queimar. — Sua única preocupação deveria ser a de que eu consiga manter o controle para que não acabe fazendo uma exibição escandalosa de sexo ao vivo.

Ouvir as palavras do Jay cheias de desejo e sentir aqueles olhos malandros ansiando por travessuras indecentes, é o suficiente para sepultar qualquer insegurança com relação ao meu corpo.

— Então vamos logo dar esse tibum porque estou morrendo de calor — encaro-o com olhar sugestivo. — E eu não estou falando por causa do sol.

Vejo-o engolir em seco e me sinto realmente poderosa ao lado dele.

Tiro minha regata ainda o encarando, e apesar de saber que temos uma plateia, é como se apenas nós dois estivéssemos ali. Nossos olhos jamais se perdem um do outro. Passo as mãos pelo cós do meu short e abro o botão, desço o zíper e passo-o com dificuldade por meus quadris devido ao meu bumbum avantajado e quando eles tocam o chão, vejo o peito do Jay subir e descer em um ritmo instável. Dois segundos depois ele está dentro da piscina, tão rápido que nem consegui assimilar o que acontecera.

— Ei! — exclamo confusa. — O que foi isso?

De repente estão todos rindo, com exceção do Alex, que tem olhos predadores vidrados no meu corpo, coberto apenas por um biquíni cor de rosa com detalhes em azul, e mesmo sabendo que meu biquíni não seja nem de longe algo que possa ser considerado pequeno, sinto-me nua.

— Acho que nosso amigo não aguentou a pressão, Day. — Mel fala rindo, muito.

— O quê? — pergunto ainda sem entender.

— Alguém precisa colocar cubos de gelo nessa piscina, viu? — John

ri e joga água no irmão. Sinto meu rosto corar ao finalmente entender.

— Não me culpem! — diz Jay entrando na brincadeira. — Minha namorada é gostosa. — Ele me dá uma piscadinha. — Vem Princesa, vou me comportar, eu prometo. — Seus olhos estão cheios de malícia.

— Ok — digo me aproximando da piscina, sentido a quentura das minhas bochechas indo embora.

Sento-me na borda antes de pular para dentro da água e sinto as mãos do Jay na minha cintura puxando-me e pressionando-me contra as paredes da piscina.

— Oi. — Sua voz é quase um sussurro. — Você vem sempre aqui? — Ele brinca. — Venha cá...

Sua boca está na minha e com praticamente nada de roupa nos separando, sentir seu pau rígido contra minha pélvis é enlouquecedor e instintivamente enlaço minhas pernas em sua cintura e sinto-o crescer e latejar.

Nosso beijo é intenso e não estamos nem um pouco preocupados com a nossa possível plateia. Nossas respirações se misturam entre nossos beijos e sinto minha boceta doer ansiando por algo que a preencha.

— Puta merda — xingo ao ouvir as piadas dos nossos amigos sobre sentirem a água da piscina ferver e afasto meus lábios dos dele.

— Puta merda... — Jay xinga também e cola sua testa na minha. Começamos a rir.

— Melhor você nadar um pouco antes de sair dessa piscina ou todos irão ter inúmeras piadas para os próximos anos. — Eu falo sorrindo.

Ele pressiona seu pau em mim e um gemido baixo escapa da minha boca.

— Vou sim. — Sua voz no meu ouvido deixa os pelos do meu corpo arrepiados em expectativas. — Mas a gente volta. — Ele coloca as mãos na minha bunda puxando-me ainda mais contra sua ereção para que eu esteja ciente sobre o que ele está prometendo.

— Mal podemos esperar — digo mantendo-o ainda mais apertado entre minhas pernas.

— Melhor me soltar agora. — Ele diz com os olhos flamejantes. — Ou não me responsabilizo por mim.

— Vão pro quarto! — André fala se chocando contra as costas do Jay, fazendo-me sentir o membro rijo dele ainda mais intensamente e é preciso muita força de vontade para reprimir um gemido alto de prazer.

— Sai fora, panaca! — Jay brinca e se vira dando um tapinha na

cabeça do André, que dispara nadando para a outra ponta da piscina rindo alto. — Vou dar umas braçadas — avisa dando-me um beijinho e sai nadando atrás do André para bater nele mais um pouquinho e minha preciosa chora a ausência de sua alma gêmea.

Sinto olhos em mim e ergo o olhar apenas para confirmar, porque já sei de quem eles são. Só que dessa vez não são apenas os olhos do Alex que estão em mim. Olhos verdes, frios e cheios de ódio, atiram contra mim como alguém condenado ao fuzilamento. Ergo o queixo e a encaro com petulância.

Observo enquanto o Alex coloca a mão ao redor do braço da Solinelda e puxa-a gentilmente para cochichar algo em seu ouvido e vejo um sorriso digno de *Cruella* de Vil escapar de seus lábios. Ambos olham pra mim como se eu fosse um dos 101 Dálmatas.

— *Jaaaaay* — grita Solinelda e sua voz estridente é como agulhas perfurando meus tímpanos. — Vem me ajudar a colocar a mesa pro almoço, Neném? — Sua voz em um tom meloso e manhoso ao falar o apelido que com certeza eles se tratavam quando eram namorados. Olho na direção do Jay e vejo o sorriso sumir de seus lábios e seus olhos procurarem os meus.

— *Eita...* — Mel fala com ironia implícita em cada palavra. — Daqui a pouco veremos macacos voando pelo céu... Estou ouvindo coisas ou acabei mesmo de ouvir Solinelda Preguiça Monteiro dizendo que vai ter o trabalho de colocar a mesa para todos nós? — Ela olha para Solinelda e dá um sorrisinho sarcástico.

Eu estou completamente sem ação. Incapaz de falar qualquer coisa e sentindo algo estranho e feio se apossando da sensação prazerosa que há pouco me preenchia. Jay continuou calado, seus olhos deixando os meus apenas entre as braçadas enquanto ele nadava em direção a nós.

— Você vem? — insiste ela com uma voz pedante. — Por favor? — A arrogância diminuindo com a incerteza se seu pedido seria atendido.

— Tenho certeza de que o Alex terá imenso prazer em te ajudar. — Ele para ao meu lado e dá um beijinho na lateral da minha cabeça molhada. As narinas da Solinelda se dilatam de raiva, não, de ódio.

Ela continua parada nos encarando e parece não acreditar que o Jay se recusou a ajudá-la.

— Sério? — Ela questiona irritada, mãos nos quadris. — Ah, já sei... A namoradinha não deixa. Não confia no próprio taco? Medo de que a gente fique perto um do outro, Dana?

Ouvir a forma como o Jay me chama com tanto carinho vindo dos

lábios daquela víbora em forma de patricinha faz o apelido parecer um palavrão e meu sangue esquenta.

— Pra Você é Dayana — digo sem qualquer cortesia na voz. — E eu sou namorada do Jay, não dona dele. Ele é livre para ir aonde e com quem ele quiser. Não me culpe por ele preferir ficar aqui comigo a ir com você. — Sinto os braços do Jay em volta do meu corpo e seu coração batendo nas minhas costas.

— É... Não me culpe também. — Ele fala e sinto seu sorriso se rasgando em meio às palavras.

— Vem Sol — Alex chama e cerra o maxilar.

— *Argh!* — bufa Solinelda seguindo um Alex também rabugento em direção à casa.

Não me importa quão bonita ela é, ou quais as armas que ambos possam usar contra mim, o Jay é meu e eu sou dele e ninguém vai nos tirar um do outro.

Capítulo 27

Promessas

O almoço foi tranquilo, apesar da tensão que ficou pairando o tempo todo no ar. Eu tentei relaxar mesmo com dois pares de olhos me engolindo a cada segundo daquela refeição. Era possível sentir o olhar deles até mesmo nas minhas orelhas que se moviam devido à mastigação.

Alex me olhava com cobiça, seus olhos descaradamente encarando minha boca, e eu evitava olhar na direção dele porque tinha medo de que seus olhos pudessem me queimar. Claro, o outro par de olhos pertencia a Solinelda, a quem eu também evitava olhar, mas ela era por receio de que, de repente, ela pudesse se transformar no Ciclope e me fulminasse com seus olhos de lasers mortais.

Depois do almoço, já com o sol se preparando para começar a se pôr, todos foram descansar em seus quartos, com exceção do John, que ficou na beira da piscina ouvindo música, seus pensamentos claramente imersos em algo distante. Estou parada olhando pela enorme janela que tem vista para a piscina tentando adivinhar onde ele está agora quando sinto Jay se aproximando.

— Ele é uma figura, não é? — Jay me abraça, aquele abraço por trás que amo cada dia mais, e me aconchego para sentir seu coração cutucando minhas costas.

— Sim, ele é — concordo. Seu nariz descansa no meu pescoço, próximo da minha orelha. Sinto-o inspirar meu perfume e seu coração bater ainda mais forte. Esse parece ser o lugar favorito do nariz do Jay. — E qual é a história dele? — pergunto, meus olhos fechados e meus pelos arrepiados por causa da respiração quente do Jay ao meu ouvido.

— Uma que ele mesmo teria que te contar, se ele quiser. Não gosto de contar histórias que não me pertencem. Existem coisas que só nós mesmos temos o direito de contar.

Sinto um tom de melancolia na voz do Jay e nós dois ficamos parados observando o John ali, perdido em algum lugar que só pertence a ele.

— Vocês são muito próximos? — pergunto virando-me para olhar pra ele.

— Nossa família toda é. Somos uma família bem grande e bagunçada. Ele é especial, sim... Só espero que ele não perca a essência com as porradas que, infelizmente, ele irá levar da vida. Eu só quero poder estar ao lado dele

para ajudá-lo quando a hora chegar.

Reflito por alguns segundos e, juntando com a alfinetada dada pelo Mateus mais cedo, fica claro do que o Jay está falando e eu o admiro ainda mais por se mostrar presente e disponível para o irmão.

É possível sentir o afeto em cada palavra do Jay, é notório que ele realmente tem um amor incondicional pelo John e não é difícil de entender o porquê. John é daquelas pessoas que fazemos questão de manter por perto e eu sinto uma pontada de tristeza por ainda vivermos em um mundo tão machista e cheio de preconceitos idiotas.

— Enfim — Jay fala interrompendo meus pensamentos —, você sabe que aqueles bastardos deixaram tudo pra gente limpar e foram tirar um cochilo, não é? — Ele aponta pra mesa ainda com os pratos sujos do almoço.

— Então vamos logo acabar com isso, né? — olho para a bagunça e dou um gemido de desânimo e Jay abre um sorriso divertindo-se com minha preguiça evidente.

— Que coisa mais linda minha princesa com essa carinha de preguiça! — Ele fala em tom zombeteiro.

— Ah, cala a boca! — Dou uma tapinha no braço dele e vou caminhando em direção à mesa com ele logo atrás de mim, ainda grudado às minhas costas recusando-se a me soltar.

Ele se desenrosca de mim e começamos a juntar tudo e levamos para a pia da cozinha.

Rapidinho tudo fica limpo e em seu devido lugar. Jay e eu estamos em uma sintonia tão afinada que mais parece que nos conhecemos da vida toda e lavar a louça trocando beijinhos e carícias no processo, só aumenta essa sensação.

Estou recostada na mesa da cozinha observando enquanto ele guarda o último prato no armário, aproveitando essa sensação de conforto que a presença dele me causa, quando ele se vira e vem na minha direção. Seus olhos *escaneando* cada cantinho meu, cheios de desejos, de promessas, e eu realmente acredito em cada uma deles. O Jay tem esse dom. Ele consegue vencer cada dúvida que minhas inseguranças tentam levantar. Todas as vezes em que ele me olha posso ler claramente que ele está sendo sincero com a gente, com o que estamos vivendo.

A casa inteira está silenciosa e lá fora já começa a escurecer, o sol dando sua última olhadela pra nós, se despedindo. Jay está a poucos centímetros de mim agora, e então seu corpo descansa no meu, suas mãos

apoiando parte do peso do seu corpo na mesa atrás de mim. Seus olhos invadem os meus buscando descobrir cada segredo oculto nos meus pensamentos.

Ele roça seu nariz no meu, seus olhos tremendo antes de se fecharem e tomando uma respiração longa que mais parecia um suspiro de alívio, ele me beija. Nossos corpos prensados um contra o outro, as mãos dele desistem de manter o apoio na mesa e agora uma delas aperta minha cintura me puxando para ainda mais perto dele e a outra segura firme meu cabelo na minha nuca. Minhas mãos inquietas passeiam por debaixo da camiseta dele sentindo cada centímetro de pele que conseguem e puxando-o mais e mais seu corpo contra o meu.

Estávamos ofegantes, nossos corpos pareciam em chamas e toda a cozinha parecia estar sendo incinerada. Eu abri um pouco as pernas para sentir sua ereção bem onde eu desejava e ele gemeu na minha boca, um gemido baixo e contido de quem se esforçava para se controlar e perdia a batalha.

Ele me levantou e em um único movimento eu estava sentada na mesa, minhas pernas em volta dos quadris dele e seu pau latejando na minha boceta. Seus lábios deslizaram pelo meu pescoço enquanto ele descia a alça da minha regata e beijava meu ombro, uma das mãos por baixo da minha blusa, seu polegar acariciando meu mamilo. Apertei minhas pernas ainda mais firmes em torno dele.

— Por favor! — supliquei ao seu ouvido. — Eu preciso de você. — Cada palavra era um gemido implorando por liberdade. — Agora!

A última palavra mal deixou meus lábios quando Jay finalmente me levou para nosso quarto, sem permitir que eu me desenroscasse dele em nenhum momento, sem se importar se alguém nos visse daquela maneira; e eu pouco me importava também.

Senti a cama atrás de mim e ele parou por alguns segundos para me olhar nos olhos, um olhar cheio de desejos e um pedido de consentimento. Ele queria saber se eu tinha mesmo certeza e eu o puxei pra mim para que ele não duvidasse do quanto eu o queria.

Nos beijamos e nos beijamos e eu era capaz de sentir as mãos dele por todo meu corpo como se tivessem nascido vários pares de mãos extras nele. Eu tirei a camisa dele por sobre sua cabeça e ele fez o mesmo com a minha, logo em seguida puxando o laço do meu biquíni e o jogando longe de mim, expondo meus seios. Ele se afastou um pouco, tirou meu shorts que de tão

apertado arrastou minha calcinha no processo. Então eu estava completamente nua esperando por ele e apesar de fazer muitos anos desde que um homem pôs os olhos no meu corpo nu, e de eu me sentir como se essa fosse a primeira vez que faria sexo na vida, eu me sinto segura e nem um pouco envergonhada.

— Você é perfeita. — Sua voz é baixa e sedutora e ele me olha como se eu realmente fosse a mulher mais linda que ele viu na vida, e eu me sinto como se fosse.

— Sua vez de me mostrar sua perfeição — digo convidando-o a tirar o que atrapalha minha visão de pôr os olhos no que sua bermuda esconde. Ele me dá um sorriso malicioso e abaixa o olhar para o cós de sua bermuda.

— É isso aqui que você quer, não é? — Ele indica o próprio pau com os olhos e eu mordo o lábio inferior quando vejo o volume que se forma ali.

— *Arram...* — concordo e volto a olhar para o rosto dele. O homem mais travesso e bonito que já vi.

Ele abre os botões da bermuda e a puxa pra baixo. Sua sunga é apertada, mas juro que parece não ser o suficiente para conter o grande volume que pulsa por libertação. Então, ele a tira e eu sinto minha boceta chorar ansiando por ele, ao mesmo tempo em que uma apreensão cutuca meus pensamentos. Caramba, ele é enorme... e grosso! Com tanto tempo sem praticar... Será que vai caber?

Acho que ele percebe minha inquietação. Ele se aproxima colocando-se em cima de mim, mas mantendo o peso só pra si.

— Relaxa, Princesa. — Ele me acalma. — Eu vou com calma, mas prepare-se. — Seus lábios sugam meu pescoço e vai descendo, sua língua provando o sabor da minha pele. Ele para entre meus seios. — Vou fazer você gemer. Alto. Lembra-se?

Não tenho tempo de responder, porque simplesmente esqueci-me de como falar. Jay move sua língua ao redor de um dos meus seios e com a outra mão mantém o outro mamilo preso entre o polegar e o indicador, apertando-o de leve; sua mão inteira cobre meu seio. Sinto seus dentes roçando no meu mamilo em uma espécie de mordidinhas que nem de longe causam dor. Na verdade, sinto vontade de pedir para que ele aumente a pressão.

Ergo-me permitindo que ele tome ainda mais do meu seio em sua boca. Jay suga meu mamilo forte e logo depois dá uma mordida, parecendo ler meus pensamentos, ele coloca mais pressão na pegada e logo após suga-o novamente. Juro que vejo estrelas explodirem no teto do nosso quarto.

Jay solta meu seio para meu desespero. Sua boca faz um passeio lento e enlouquecedor seguindo uma trilha invisível e parando entre minhas pernas e cada toque da língua dele faz meu corpo inteiro convulsionar. Ele abre ainda mais minhas pernas e me olha como se apreciasse sua comida favorita antes de dar a primeira garfada. Por alguns segundos, me sinto encabulada por estar tão exposta e vulnerável às suas vontades, mas a vergonha não tem chance de ficar.

Sinto a língua dele massageando meu clitóris e arqueio minhas costas, me deliciando com a sensação de sua língua quente investindo contra mim. Jogo minha cabeça para trás e levo minhas mãos aos cabelos do Jay, prendendo-os entre meus dedos e me inclino para olhar pra ele. Sinto meu coração quase saltar quando nossos olhos se encontram. Ele não tirou os olhos de mim. Eu quero continuar a olhar pra ele, mas o prazer que ele me proporciona é tão intenso que meus olhos pesam e eu estou tão perdida nessas sensações que não tenho forças para mantê-los abertos, então me rendo.

Sinto um orgasmo se formando, ganhando forma e força, se expandindo e me preenchendo antes de explodir por todo meu corpo. Ele diminui as investidas de sua língua e vai caminhando de volta até minha boca e me beija longa e profundamente. Ele se posiciona entre minhas pernas, coloca a camisinha com um movimento rápido, e assim que ela está no seu devido lugar, ele volta seus olhos para os meus.

Acho que até o ponteiro do relógio parou. Não há barulho algum em parte alguma, apenas o som de nossas respirações aceleradas e dos nossos corações que batucam forte em nossos peitos, querendo encontrar-se um com o outro e fundir-se em um só.

Jay segura a base do seu pau e começa a deslizá-lo para dentro de mim, devagar, centímetro a centímetro vou sentindo ele me preencher, seus olhos vidrados em êxtase e sua boca em um ‘O’ emitindo o gemido mais sexy que já ouvi na vida. Tudo o que mais quero é ter ele inteiro dentro de mim.

E então estamos encaixados um no outro. Nenhum milímetro nos separa e ele não move um único músculo, sinto apenas o pulsar involuntário do seu pau dentro de mim, que espantosamente coube inteiro, mesmo que eu achasse que não fosse possível.

— Você é a melhor coisa que me aconteceu. — Ele fala e se move preguiçosamente dando a primeira estocada com delicadeza, me permitindo sentir cada centímetro sair e entrar novamente. — E agora — ele move o quadril alcançando um ponto ainda mais longe dentro de mim e eu solto o

primeiro gemido que foi muito além dos sussurros contidos a que sou acostumada; ele sorri com satisfação — chegou o momento de te mostrar que sou bom em cumprir promessas.

Jay se move dentro de mim e a cada vai-e-vem sinto-o ficar ainda mais rijo. Ele dá uma estocada mais forte e um grito de prazer sai rasgando minha garganta. Que se dane se podem nos ouvir. Ele encontra um ritmo delicioso dando uma estocada mais forte em meio às investidas mais suaves e sinto o orgasmo reacender, pronto para se libertar do meu corpo. Nossos olhos se encontram, minhas pernas estão cruzadas sobre a bunda dele e ele cola a testa na minha, nossos gemidos se misturam com nossas respirações, nossos corações batem em sincronia.

— Eu preciso que você venha comigo agora — Jay pede, seu olhar é uma súplica e um pedido de desculpas por não conseguir se conter ainda mais, e é nesse momento que sinto o quarto inteiro explodir. Poderia ser o mundo, o universo inteiro se explodindo ao sentir nosso êxtase se misturar.

Meu corpo treme completamente em choque, sinto cada pedaço meu sensível ao toque. Ele sai de mim, devagar, ainda se deleitando com as contrações da minha boceta ao redor dele.

Assim que descarta a camisinha, ele me puxa e me aninha dentro dos seus braços, minhas costas nuas contra seu peito nu, nossos corpos completamente grudados pelo suor e nenhum dos dois dispostos a sair dali para tomar banho.

Meu corpo relaxa e um cansaço delicioso toma conta de cada músculo e, apesar de não querer dormir, meus olhos se fecham e eu decido não lutar contra eles. Ainda vagando entre o sono e o despertar, ouço Jay sussurrar ao meu ouvido.

— Eu nunca vou magoar você, Princesa. — E então caímos no sono.

Capítulo 28

Assuntos inacabados

Abro os olhos. Está escuro e silencioso e eu não faço ideia do tempo que dormimos. Ainda estou aninhada nos braços do Jay e sinto seu peito subir e descer em um ritmo tranquilo, em um sono sereno.

Sorrio com as lembranças dos momentos que tivemos há pouco e me sinto como se uma bolha de segurança me cercasse, me protegendo.

Fico ali apenas saboreando aquela sensação por uns minutos, então me lembro de que preciso tomar banho e me arrumar para mais tarde e com apenas um banheiro e tantas mulheres... Melhor eu cuidar da vida!

Tateio a cama à procura do meu celular tentando me mexer o mínimo possível, a fim de verificar a hora e usá-lo como lanterna. Jay está em um sono que parece tão gostoso! Quero deixá-lo aproveitando-o um pouco mais.

Desenrosco-me dos braços dele assim que encontro o celular e vejo que são quase 20hs. Pego tudo que preciso e saio silenciosamente.

Eu não consigo parar de sorrir. Nunca me senti tão feliz. Respiro fundo assim que deslizo para fora do quarto e caminho em direção ao banheiro. Ainda estou com o punho erguido para bater na porta e me certificar que ele está livre, quando a porta se abre e tudo que meus olhos veem é o peito largo do Alex e imediatamente dou um passo para trás.

— Achei que você nunca mais iria sair daquele quarto. — Ele fala em um tom que não consigo identificar se é sarcástico ou triste.

— Preciso tomar banho — digo. — Posso passar, por favor? — Eu tento não olhar pra ele, mas meus olhos traidores não me obedecem. Seu cabelo está molhado e seu corpo todo ainda úmido. A toalha pende frouxa no quadril e é impossível não notar que não há nada por baixo daquela toalha... Ele está nu! Ergo os olhos para o rosto dele e ele me encara.

— A gente precisa conversar. — Ele pede.

— Não. Eu preciso tomar banho e você precisa sair da minha frente. — Meu tom é firme.

Eu não sei bem como aconteceu, apenas senti um aperto firme ao redor do meu braço e em frações de segundos a porta do banheiro estava batendo fechada com minhas costas contra ela e um par de olhos negros me encarando tão próximo que quase fiquei vesga.

— Vocês transaram? — A voz dele é baixa e sinto-o lutando por autocontrole. Meu coração acelera com um grito entalado na minha garganta.

— Não é da sua conta! — Minha voz é firme, apesar do medo (?) que eu sinto, mas não vou permitir que ele perceba minha apreensão. Ele me mantém presa à porta e meu coração bate forte junto com o frio da minha barriga e um leve tremor das minhas pernas. Ele encosta a testa na minha e respira fundo. Sinto-o tremer e o medo que eu sentia se esvai.

— Por que você tá fazendo isso? — Ele pergunta com pesar e confusão. — Eu não entendo!

Sinto-me mal. Ele me deixa confusa quanto ao que realmente sente. Às vezes acho que ele se apaixonou por mim de verdade, às vezes acho que ele é apenas um menino mimado querendo um brinquedo novo do qual irá enjoar e largar em alguns dias... Mas agora ele parece mesmo estar sofrendo, assim como naquele dia na porta da minha casa. Acontece que a questão não é ter certeza do que ele sente, se é verdadeiro ou não, e sim o que eu sinto; e meu coração está naquele quarto agora, dormindo satisfeito depois de ter sido feito tão feliz.

— Alex. — Seu nome sai com uma respiração longa e profunda tentando me acalmar. — O que você não entende? — Ele ainda mantém um aperto firme em mim e eu não movo um músculo sequer, com receio de que ele me interprete mal.

— Eu sei que você me quer... — Ele afirma. — Sei que me deseja e você sabe que eu também quero você! Então... por que ele? — Suas mãos soltaram meus braços e agora estão espalmadas na porta, uma em cada lado da minha cabeça.

— Alex — digo o nome dele mais uma vez e não faço ideia do porquê. — O que mudou?

— O quê? — Ele pergunta claramente confuso.

— Nós nos conhecemos, tivemos uma noite divertida juntos, e no dia seguinte você simplesmente foi embora sem ao menos se despedir. Então nos encontramos no aniversário dos meninos e você sequer falou comigo. Passou a noite inteira com uma garota e nunca mais me procurou ou tentou uma aproximação, até aquele dia em que você me viu no shopping e jogou a bomba apaixonada no meu colo, então, o que mudou?

As palavras saíram como balas em uma metralhadora e a cada questionamento eu sentia as grades formadas pelos braços do Alex perdendo a firmeza ao meu redor e um olhar envergonhado surgir no rosto dele. Seus braços finalmente pendendo nas laterais de seu corpo.

— Eu estava com medo. — Sua voz não passa de um sussurro e ele não me encara quando fala.

— O quê? — pergunto, mas não por não ter ouvido, eu apenas não entendi.

— Eu estava com medo, tá bom? — Ele repete e dessa vez me encara.

Tudo que eu penso é que eu deveria ter dado um jeito de ter evitado essa conversa, eu deveria ter gritado, feito qualquer coisa... porque eu realmente não posso suportar a forma como ele me olha agora. E eu sinto muito, muito mesmo por ele.

Eu não sei o que falar, tampouco tento sair dali, não com ele desse jeito. Então ele continua:

— Eu sei que sou jovem ainda. Não vivi tantos anos e não sei nada sobre muitas coisas... Mas eu já tive meu coração partido. Eu sei como é ser deixado para trás, sei como é a dor de se entregar a alguém que acabou indo embora e te deixou vazio... Eu não queria mais passar por aquilo de novo. Não sou bom em sentir dor. Eu tentei tirar você da cabeça, Gordinha... — Ele senta na tampa do aparelho sanitário e leva as mãos à cabeça. — Quando eu soube que você tentou voltar pra Clarissa... Eu fiquei maluco! Eu fiquei com muita raiva e ao mesmo tempo não podia permitir que vocês voltassem... Ela não merece você nem mesmo se morresse para te fazer feliz!

Eu continuo parada encostada na porta e, olhando pra ele, sou capaz de ver quão quebrado ele está e quão perdido ele se encontra agora. Ele se parece comigo há alguns meses. Parece-se comigo há alguns anos. Eu sei como ele se sente, e eu tenho certeza de que não fui eu quem o despedaçou dessa maneira.

— Alex... — chamo-o e me aproximo, mas antes de eu chegar até ele, ouço uma batida na porta e uma voz logo em seguida chamando meu nome e meu corpo inteiro gela com um medo tão primitivo que me corrói de cima a baixo. Jay.

Meu corpo inteiro treme e o nervosismo é tão intenso que sinto vontade de chorar. Olho em direção ao Alex em busca de ajuda e sua expressão nada indica o cara partido de agora há pouco. Claro que ele não vai facilitar pra mim, ele continua sendo o Alex, quebrado ou não.

— Dana? — Jay insiste, sua voz cheia de impaciência e preocupação, ou talvez seja apreensão.

— Aposto que o Alex ainda está aí. — PUTA QUE PARIU! A Solinelda está com ele! — Ele bem disse que ela iria atrás dele antes do ano

virar... — A voz dela tem tanto veneno que não faço ideia de como ela ainda não morreu envenenada com a própria saliva.

— Por que você tá aqui, Sol? — Ouço-o perguntar claramente incomodado por ela estar ali. — Não é melhor ir começar seu ritual de beleza para mais tarde?

— Não, estou bem aqui. Quero presenciar você quebrando a cara e caindo em si. — Ela fala com desaforo.

Aproveito que ela o distrai, mesmo que com ódio pelo que ela insinua, para tentar pensar em um meio de sair dessa enrascada. Estou andando de um lado para outro, o que não é muito porque o banheiro não é tão grande, quando Alex levanta.

— Certo, não vou ficar aqui a noite toda. Eu estou abrindo essa porta e saindo. Agora. — Ele fala calmamente e me desespero por ele não estar cochichando. Arregalo os olhos em sua direção.

Meu Deus! Isso não pode estar acontecendo! O que de tão grave eu fiz? Eu não devia ter jogado pedra na Cruz, acho que joguei uma rocha inteira!

— Alex? — Jay Chama.

— Estou abrindo a porta — Alex fala articulando cada sílaba para mim e antes que eu possa ao menos tentar me preparar, ele abre a porta.

— Dana?

Capítulo 29

Você confia em mim?

É difícil olhar pra ele. Seu cabelo ainda está bagunçado do sono, seu rosto ainda um pouco amassado do travesseiro. Ele está uma bagunça, completa e literalmente. Uma bagunça confusa e insana de incredulidade, decepção, raiva, tristeza... e dor. De repente eu não consigo respirar.

Estamos todos em silêncio, inclusive o Alex, o que me faz sentir aliviada, eu acho. Jay não tira os olhos dos meus. Avaliando, buscando as respostas que travam na minha garganta... Eu simplesmente não sei por onde começar. Tudo parece tão *fodidamente* errado!

— Caramba! Eu sabia que você estava desesperada e tal... Mas daí a tentar pegar os dois... O que foi isso? Exercendo o ditado de “Quem tem dois tem um e quem...”

— Cala a boca! — Jay interrompe a Solinelda. Ele sequer faz menção de olhar pra ela enquanto fala e sua voz é baixa, fraca. Eu sequer ousa desviar os olhos dos dele para ver a cara que ela faz devido ao fora que leva, e o Alex continua parado às minhas costas.

— Jay... — As palavras parecem que resolveram fugir de mim e eu não consigo formular nada mais além do nome dele. — Jay... — Tento mais uma vez, minha voz cheia de desespero e medo.

— Não. — Ele diz. — Agora não. — E dá as costas pra nós, caminhando devagar corredor afora.

Imediatamente dou um passo na direção dele, preciso ir atrás dele, preciso explicar essa droga de mal-entendido. Estou para dar o segundo passo quando sinto a mão do Alex me impedido de sair do lugar.

— Confie em mim, estou tentando te ajudar dessa vez. — Ele fala baixo próximo ao meu ouvido.

— Bom trabalho, Alex! — Solinelda comemora com ar de triunfo e sai em disparada correndo atrás do Jay que acaba de sumir das nossas vistas.

— O quê? — pergunto em choque, mais pra mim mesma do que pra ele, e viro-me para encará-lo. — Que porra é essa, Alex? Do que a Solinelda está falando?

— O quê?! — Ele arregala os olhos quando finalmente percebe a qual conclusão cheguei. — O que você está pensando?

— Eu não sou idiota, Alex! — Falo tentando puxar meu braço do aperto dele, mas é inútil. — Por que aquela Vaca patricinha estava te

parabenizando? Seu babaca desgraçado, filho da puta dos infernos!!!! — As palavras vão saindo em um jorro de frustração e eu nem respiro entre elas. Apesar da vontade de gritar, eu mantenho a voz baixa, porque não quero chamar ainda mais atenção pra essa situação maldita. Com a mão livre dou vários socos no peito dele. Ódio se acumulando com as lágrimas que enchem meus olhos e então começo a chorar.

— Por que você fez isso? Você não tinha esse direito! É a minha vida! Minhas escolhas!

— *Eiii!* — Ele chama e segura meu braço para que eu pare de bater nele. — Não! Não! — Ele fala e me sacode pra que eu o encare nos olhos.

— Não o quê? — pergunto com a cabeça erguida o mais alto que posso e meu nariz quase roça o dele de tão próximos que estamos. — Vai negar? — Minha voz é baixa, firme e melódica. — Você vai negar, na minha cara, que não estava de joguinho com a Solinelda? Vai negar que você a trouxe pra cá com o único intuito de acabar com meu namoro com o Jay? Não era essa sua intenção? — Eu o vejo travar o maxilar e seus olhos não saem da minha boca e o sinto engolir em seco. — O que você achou? Que eu iria correr pra você depois que o Jay e eu brigássemos? — sorrio; um sorriso sem humor, seco, morto. — Eu nunca ficaria com um cara tão egoísta e imaturo como você! — Tento me sair dele, mas ele me mantém firme no lugar, minhas mãos presas junto ao seu peito. — E aquela cena no banheiro? — gargalho. — Digno de Oscar!

— Eu não fiz isso... — Sua voz é firme e seus olhos agora penetram os meus, quase como se ele quisesse que eles se fundissem. — Sim, eu trouxe a Sol porque achei que ela poderia fazer alguns estragos, imaginei que talvez o Jay ainda pudesse sentir algo por ela, mas eu não planejei isso e cada palavra do que falei pra você nesse banheiro foi verdadeira.

— *Arram* — concordo com desinteresse. — Agora me solta! Preciso ir atrás do meu namorado e desfazer esse mal-entendido do caralho.

— Escuta, Dayana! — Ele fala com tanta firmeza que minha atenção se volta pra ele instantaneamente. — Olha só... — Ele solta um suspiro de rendição. — Eu não sou um cara bonzinho, tá? Não sou do tipo altruísta que pensa que o importante é que você seja feliz, mesmo que não seja comigo e blá-blá-blá. — Suas sobrancelhas se erguem e seus olhos reviram. — Eu quero que você seja feliz comigo! Quero seus sorrisos, seus olhares, seus beijos, seu corpo e até sua TPM, tudo pra mim! Eu não nego isso, mas eu não

sou tão babaca e imaturo a ponto de fazer esse tipo de jogo do qual você está me acusando. — Ele finalmente afrouxa o aperto e meus braços caem nas laterais do meu corpo.

— Por que você não me deixou ir atrás dele? Não foi para dar oportunidade para Solinelda “consolar” ele? — pergunto usando os dedos para fazer aspas na palavra consolar e sinto vontade de vomitar só de pensar em como ela deve estar se empenhando em fazer isso agora... Eu não vou aguentar outro tranco, não agora. — Você disse que estava me ajudando, mas não entendo como deixar o caminho livre pra ela me ajudaria — concluo sem ter certeza se acredito nele ou não.

— Gordinha... — Há uma distância confortável entre nós agora e todo o ódio se esvaiu de mim deixando apenas medo e desespero. — O Jay não é idiota. Ele não é burro... E ele precisa ficar um pouco sozinho agora. Se você fosse atrás dele, vocês não iam chegar a lugar algum, porque os dois estavam nervosos e com medo, assustados. — Ele solta um suspiro como se não acreditasse no que estava fazendo. — Espera ele esfriar a cabeça e aí conversa com ele.

— Obrigada — agradeço me afastando porque não sei mais o que falar e nem tenho mais motivos pra continuar ali, de pé em frente ao banheiro conversando com um Alex só de toalha.

— Ei — ele me chama quando dou as costas para ir para o meu quarto —, não pense que estou hasteando a bandeira branca. Eu ainda estou lutando essa guerra. — Ele fala e dá uma piscadinha. — Nossa trégua é só por essa noite — avisa.

Em seus olhos só consigo enxergar rendição, e com isso volto a seguir em direção ao meu quarto tentando encontrar uma maneira de resolver essa confusão e imaginando se vou encontrar o Jay assim que passar por aquela porta.

O quarto está vazio. Olho para a cama desarrumada e sinto meu peito doer com as lembranças de poucas horas atrás.

Sento-me no chão, as costas apoiadas na lateral da cama e puxo meus joelhos contra o peito, apoiando minha bochecha neles e me permito chorar um pouco mais antes de decidir por onde começar organizar a desordem que o destino fez na minha vida em menos de meia hora.

Alguns minutos se passam e só agora percebo que não estou com as coisas que separei para o banho e deduzo que elas devem estar no banheiro. Estou tentando decidir o que fazer, se vou ou não atrás do Jay...

Onde ele poderia estar? Será que saiu? A Solinelda está com ele? Várias imagens desagradáveis deles juntos estão passando pela minha cabeça, quando ouço uma batida na porta e meu coração para. Corro para abrir a porta.

— Oi... — John me cumprimenta inseguro. — *Anh...* Você não vai se arrumar?

Será que estávamos em uma dimensão paralela? Será que ninguém notou o que aconteceu? Olhando para o John agora, cai a ficha de que não estávamos sozinhos na casa e fico pensando se eles acham que eu estava traindo o Jay naquele banheiro.

— É... Claro, vou sim — falo sem tentar fingir que nada aconteceu. Meus prováveis olhos vermelhos e meu rosto inchado não me deixariam ir muito longe, mesmo que eu quisesse. — Onde está todo mundo? — pergunto abrindo mais a porta em um convite para ele entrar.

— As meninas, com exceção da Sol, estão organizando as coisas para levarmos para a praia, sabe? Comida, água, refrigerantes, álcool e álcool e mais álcool... — Ele brinca sentando na cama. — O Pedro organizou um verdadeiro show pirotécnico com milhares de fogos de artifícios para a passagem de ano. Estão todos ansiosos para ver se vai funcionar.

— *Humm.* Entendi — digo sem ânimo.

— Olha só, Day, eu sei que houve algo, apesar de não saber direito o que foi, mas seja lá o que tenha sido, vai ser resolvido, tá? Eu conheço meu irmão e eu sei reconhecer quando duas pessoas se gostam. Eu vejo isso em vocês, é só olhar... Vocês estão caidinhos um pelo outro.

— Algumas vezes gostar não é suficiente. Eu não sei se ele vai ser capaz de acreditar em mim quando tudo parece me condenar a algo que não fiz...

— Se ele realmente gosta de você, o que eu acredito que sim, ele vai sim. Jay é muito bom em reconhecer pessoas e ele vai com certeza saber se você fala a verdade ou não... E se caso ele não confie em você, que se dane! Isso jamais daria certo em primeiro lugar. Nenhum amor sobrevive com desconfianças.

Ainda estou de pé de frente pra ele, que levanta e começa a bater palmas e rodar pelo quarto mexendo em tudo procurando algo que eu poderia usar.

— O que você vai usar? — John pergunta olhando o armário. — Vamos, Cunhadinha! Você precisa lacrar no visual para fazer o queixo do Jay

cair e a baba escorrer por você!

— Tudo bem, estou indo — falo sentindo uma luz iluminar a penumbra com que me sinto ao ouvi-lo me chamar de cunhadinha com tanto carinho e tento roubar pra mim um pouquinho da animação e da confiança que ele sempre parece ter ao redor de si. — Minhas coisas já estão no banheiro, vou tomar banho e me arrumar, então...

— Certo! — John estende o braço para mim e nos leva porta afora em direção ao banheiro.

Capítulo 30

Fogos de artifícios

Estou debaixo do chuveiro e deixo a água cair ao longo das minhas costas e minha testa está colada ao azulejo frio do banheiro. Isso sempre me acalma. Estou imaginando toda uma cena na minha cabeça agora, tentando visualizar como vai ser quando o Jay e eu nos reencontrarmos... O que ele vai dizer, se vai me permitir explicar ou se está muito chateado pra isso, quando ouço a voz da Mel atrás da porta.

— Day!! — Ela grita e suas batidas são tão fortes que me apresso para abrir a porta antes que ela a derrube.

— A casa está pegando fogo? Alguém morreu? — Eu falo nervosa com apenas minha cabeça apontando para fora do banheiro.

— Precisamos conversar. — Ela fala empurrando a porta sem se importar caso alguém saia no corredor e me veja nua.

— *Certo...* — falo arrastado. — E não poderia esperar até que eu estivesse vestida, ao menos? — pergunto ajeitando a toalha em volta do meu corpo.

— É jogo rápido. — Ela promete apressada. — Você ficou com o Alex? Digo, aqui? — Ela me encara de braços cruzados esperando minha resposta.

— O quê? Claro que não! Eu estou com o Jay, lembra? — Não consigo evitar a mágoa pela desconfiança, mesmo que não a julgue por pensar isso depois dela provavelmente saber que eu estava trancada no banheiro, sozinha, com o Alex.

— Mas você gosta dele? Do Alex? — Ela continua a me encarar.

— Mel, onde você está querendo chegar? — Agora sou eu que estou de braços cruzados encarando.

— Day, é uma pergunta de sim ou não. — Ela diz impaciente.

— Não, Melissa. Não gosto dele... Não dessa forma que você está perguntando.

— Ótimo! — Ela sorri e parece aliviada. — Você vai se arrumar no meu quarto. Tem um espelho decente lá e você precisa de espaço e conforto para manter a calma enquanto fica deslumbrante e sexy para quando o Jay voltar. Onde está o que você vai usar?

— Espera... O Jay saiu? Aonde ele foi?

E se ele não voltar mais? — penso aflita, mas não ousa fazer essa pergunta.

— Day, foco! — Ela pede colocando as duas mãos espalmadas uma de frente pra outra em frente ao próprio rosto. — O que você vai usar? Espero que seja algo sexy e não aqueles vestidos de mocinha que você sempre usa! — Permaneço calada esperando a resposta para a minha pergunta, então ela continua: — Ok, ele saiu e eu não sei aonde foi, mas tenho certeza de que vai voltar e você precisa estar pronta, e ficar aqui perdendo tempo não está ajudando então... Por favor, responde onde está a droga da roupa que você vai usar para que eu possa levar pro meu quarto! — Ela fala tudo tão rápido que acho que nem respira nos intervalos entre uma palavra e outra.

— Vestido branco. Pendurado no armário. Sapatilhas vermelhas.

— Já vi que vai ser mocinha. — Ela fala revirando os olhos. — Que seja — diz inconformada. — Termine esse banho e voe para o meu quarto. Estaremos no Deck esperando por você. — Ela me abraça, sem se importar de eu estar molhada, e ela já está toda linda, e sai.

Quando entro no quarto da Mel, meu vestido já está em cima da cama e minhas sapatilhas no chão, ao lado da cama. Ela também deixou um arsenal em maquiagens, uma caixa cheia de colares e brincos. Acho que ela ainda não notou que não tenho a orelha furada.

Sento-me na cama e pego o aparelho celular sem esperança de que tenha alguma mensagem do Jay e fico mais nervosa por realmente não ter. A Mel me disse que ele saiu, mas não falou nada sobre a Solinelda e confesso que não perguntei por temer a resposta. Tento afastar os pensamentos ruins que invadem minha cabeça e começo a me vestir.

Olho-me no espelho, que é realmente grande, e me analiso. Apesar da Mel implicar com meu “vestido de mocinha”, não me sinto como uma. O vestido se ajusta bem ao meu corpo. As alças são finas e ele não tem decote no busto, tem uma saia rodada, mas não muito, apenas o suficiente para dar movimento, no estilo ‘soltinho’, mas com a cintura bem marcada e as costas completamente nuas, a barra indo até o meio das minhas coxas.

Certo, talvez as sapatilhas deem um ar “mocinha”, mas qual é... Vamos ficar na praia! Eu deveria ir descalça! — reflito enquanto puxo todo o meu cabelo para lateral e prendo-o com grampos para expor o decote nas costas. Faço uma maquiagem leve. Meu Deus! Vamos estar na praia! Penso mais uma vez para justificar o meu não exagero com a maquiagem, uma

justificativa mais para a Mel do que pra mim, porque a verdade é que odeio maquiagem carregada. Então, é base, pó, blush, lápis de olho, máscara de cílios — bastante —, e um batom vermelho mais forte, já que economizei bem em todo o resto.

Estou nervosa. Meu coração não se decide se bate em desespero ou se para em agonia. Olho para o celular e já passa das 23hs e eu ainda estou aqui com medo de sair desse quarto.

Estou com medo de que o Jay ainda não tenha voltado, ou que volte com a Solinelda ao seu lado e me olhe com tanta decepção e mágoa novamente.

E é nesse momento que paro. De repente sou apenas eu e meu reflexo no espelho. Eu me encaro e é quando acontece um estalo dentro de mim.

Eu não sei o que vai acontecer. Não quero tentar prever ou criar expectativas boas ou ruins, a única coisa que eu sei, quando olho meu reflexo no espelho nesse exato momento, é que com certeza sou alguém que vale a pena. Alguém que é capaz. Alguém que não fez nada de errado, que não precisa se provar digna de confiança, porque eu sei de mim mesma. Ergo minha cabeça, olho-me nos meus próprios olhos e finalmente entendo que eu tenho tudo de que preciso. Tenho a mim mesma. Fico calma.

Eu realmente quero que o Jay acredite em mim quando eu disser que nada aconteceu. Quero poder desfazer esse mal-entendido, mas não será o fim do mundo se ele desacreditar, se não quiser me ouvir. Eu já passei por coisas piores — penso, e saio do quarto com a certeza de que tudo vai ficar bem.

Antes mesmo de chegar à sala de estar, ouço os risos e vozes altas em uma conversa animada; há música.

Sinto uma brisa gostosa assim que saio na varanda e fico ali, parada de olhos fechados, o rosto erguido apenas sentindo o vento delicioso passando por entre meus cabelos e respirando longa e profundamente. Estou pronta, decido e não hesito.

Caminho em direção a meus amigos, meus olhos absorvendo as amizades que conquistei. Olho para cada um deles e noto o quanto eles são diferentes uns dos outros e como todos se conectam apesar disso.

A Mel está com uma latinha de cerveja na mão, Pedro abraçado a ela, balançando os dois no ritmo da música tranquila. Está tocando uma das músicas de *sofrência* de que eles tanto gostam. Sorrio.

John está mexendo no celular, e próximo a ele estão Izy e Lara,

comendo, claro. A Izy está rindo de algo que o John mostrou no celular e sua risada é alta e constante enquanto Lara revira os olhos e balança a cabeça em descrença por não saber o que ela viu de tão engraçado. Solto um risadinha com a cena e sinto meu coração bater mais tranquilo. Eu conquistei isso.

Quando finalmente eles notam minha presença, gritam e aplaudem dizendo “Aêee!” comemorando que enfim estou aqui e que podemos ir à praia. Olho pra eles e tento manter o sorriso, mas apesar de eu me sentir bem por tê-los aqui comigo, não tem como afastar aquela dorzinha de desapontamento... Jay não está aqui com eles.

— Ah! Até que enfim, mulher! Achei que ia passar a virada do ano aqui e os fogos de artifícios do Pedro anunciariam o Carnaval, porque, né? A Senhora demorou vidas pra se arrumar! — John brinca.

Verifico a hora no celular e meu coração se aperta um pouco mais... Faltam 15 minutos para a meia-noite e o Jay não apareceu, nem a Solinelda. Que seja. Eu vou superar.

— Você está linda — Alex fala em uma distância segura, sua voz é alta o suficiente apenas para que eu ouça. Tem um brilho triste em seus olhos, mas sei que ele vai ficar bem.

— Obrigada — agradeço e inclino um pouco a cabeça para o lado, sorrindo pra ele, que retribui com o famoso sorriso torto. Sinto-me feliz por ter ele na minha vida também, mesmo com toda a confusão e reboição que ele causou nela.

— Então, partiu? — Pedro convida animado. — Preciso correr para preparar o show, temos pouco tempo graças a Dayana, né? — Ele me lança um olhar de falsa irritação e então estou sendo empurrada por um John muito ansioso para ver “O fracasso” do Pedro com os fogos de artifícios.

Andamos uns poucos metros e já estamos na praia. Já tirei minhas sapatilhas e ando enfiando os pés na areia, balançando as sapatilhas na mão.

Os homens do grupo foram dar uma última conferida nos rojões antes de finalmente o relógio bater à meia noite marcando o início de um novo ano. As meninas estão a uns poucos passos de mim e então param para armamos acampamento.

Colocamos umas cangas no chão, espalhamos os coolers com as bebidas e comidas e nos sentamos para esperar o novo ano chegar.

Todas estão animadas para verem o “show pirotécnico” e o sorriso da Mel vacila ao olhar pra mim.

— Vai ficar tudo bem. — Ela garante, segurando minha mão com

força, e eu acredito.

Três minutos para meia-noite. Vejo os meninos correndo em nossa direção com risos e gargalhadas e nos levantamos para recebê-los. O Pedro fez uns cálculos que só ele entende e acendeu um longo pavio que levará o tempo exato para disparar o primeiro rojão assim que o relógio bater à meia noite e então, uma sequência de cores e formas irá explodir no céu.

Eles chegam e vão para seus pares depressa. Pedro e Mel. André e Carla e apesar de não serem um casal, Mateus e Ana. John se junta as Gêmeas e ao Leandro.

Olho em direção ao Alex porque ele não para de me encarar e fico constrangida.

— Eu ainda estou aqui. — Ele diz gesticulando com a boca e pisca pra mim sorrindo. Ele tenta brincar, mas seus olhos são sinceros e eu não sei o que sentir.

— UM MINUTO! — gritam todos. E eu já perdi qualquer esperança de desfazer a confusão de mais cedo.

Levanto o rosto em direção ao céu. Meus olhos estão fechados e meus braços abertos e o vento transpassando pelo meu corpo, balançando meu vestido, assanhando o meu cabelo, mas eu não me importo. Eu respiro, respiro... Inflo os pulmões com ar e logo depois os esvazio lentamente.

*“Say you love me to my face
I need it more than your embrace
Just say you want me, that's all it takes
Heart's getting torn from your mistakes”*

Eu sinto braços ao redor da minha cintura enquanto as palavras são cantadas ao meu ouvido baixinho e imediatamente meu corpo começa a tremer com o choro que eu tão bravamente estava evitando.

Eu abaixo meus braços e os coloco em cima dos dele, nossas mãos entrelaçadas, minhas costas descansando em seu peito recebendo as cutucadas das batidas do coração dele, nosso abraço perfeito. O abraço que me faz sentir em casa, e me faz acreditar que estou segura, que posso vencer qualquer coisa. Não que eu não possa vencer sozinha, é que com ele eu sei que o caminho é mais bonito.

“'Cause I don't wanna fall in love

*If you don't wanna try
But all that I've been thinking of
Is maybe that you mine
Baby it looks as though we're running out of words to say
And love's floating away”.*

A voz do Jay é linda e eu me pergunto quantas vezes mais ele vai me surpreender, quantos ‘truques’ ele ainda mantém escondido.

Estou sorrindo e chorando. Jay está cantando pra mim, se declarando com minha música favorita, atualmente — ‘*Say You Love Me*, da Jessie Ware — e eu me pergunto como ele sabia.

— 10... 09... — Todos começam a contar.

Viro-me para olhar pra ele. Nossos narizes se encostando e noto seus olhos marejarem.

— Não precisa dizer que me ama. — Ele fala quase sussurrando. — Diga apenas que quer tentar me dar a chance... — Eu o beijo.

Ouçó ao longe a contagem regressiva chegar a 1 e o barulho dos fogos acima de nós. Sinto a explosão de cores nos iluminando, mas eu não preciso olhar para o céu para apreciar a beleza de cores e formas porque tudo isso está acontecendo agora mesmo dentro de mim.

Eu estou feliz. Sou feliz. Não apenas porque o Jay está comigo agora, mas por eu finalmente ter me encontrado e me permitido me apaixonar por mim mesma.

Epílogo

— Ah, meu Deus! Eu não acredito que estou fazendo isso!!! — falo alto numa mistura de desespero, excitação e medo, muito medo. A Adrenalina tomando conta de cada glóbulo do meu sangue enchendo minhas veias.

O vento forte me sacode como se pudesse me jogar para longe. Eu estou tremendo, mas não vou desistir agora.

— Você vai conseguir, Princesa! — Jay grita, acima do barulho do vento com os braços erguidos e bate palmas me incentivando, me encorajando. Olho para ele e sorrio.

Estou presa a um homem neste exato momento. Estamos no parapeito de uma pista de Parapente e estou prestes a dar meu primeiro salto.

— Moço, isso é seguro, não é? — pergunto nervosa, só pra ouvir mais uma vez que sim.

— A Senhora não precisa se preocupar. — O instrutor diz com diversão na voz, mas com segurança.

— Tenho anos de experiência, pode confiar.

Respiro fundo. Dou mais uma olhada para o meu namorado que está em uma distância segura e solta vários gritos de ‘Uhu!’ e ‘Vai lá Princesa!’ ‘Você consegue!’.

Olho para o horizonte e vejo a praia ao longe e algumas montanhas ao redor e perco o fôlego, dessa vez não por causa do medo, mas pela beleza que a natureza nos proporciona.

Estamos no Rio de Janeiro passando o feriado da Semana Santa, hoje é meu aniversário e esse é o presente que o Jay me deu.

Em uma conversa cotidiana que tivemos, comentei sobre algumas coisas que eu nunca tinha feito, mas que gostaria de fazer antes de passar dos trinta e fizemos uma lista com as principais.

A lista ficou enorme e terei que me conformar em fazer algumas coisas depois dos trinta, já que hoje faço trinta e um.

Eu já furei a orelha, com ele ao lado me encorajando, mesmo que não conseguisse parar de gargalhar da minha cara assustada devido ao meu pavor de agulhas. Aprendi a andar de bicicleta (Sim eu tive infância e sim, eu era medrosa demais para arriscar cair e me machucar). Aprendi a nadar. Desci em uma tirolesa. Voltei para a Faculdade de Publicidade que eu havia trancado quando me casei com o Cláudio. E agora, estou prestes a saltar de

Parapente.

— Está pronta? — pergunta o instrutor.

— Sim — afirmo mesmo que não esteja.

— Um... — Começamos a nos aproximar ainda mais da beirada do parapeito. — Dois... — Estamos no limite agora e eu sinto como se o vento fosse mesmo me arremessar para longe e por um instante sinto o medo tentando me fazer desistir. — Três! — É tarde demais.

Meus olhos estão fechados e estou gritando tão alto que devo ter perfurado os tímpanos do pobre instrutor.

Por alguns minutos, que mais pareceram vidas, sou envolvida por uma sensação de pânico e incapaz de respirar normalmente, mas então eu começo a relaxar com o vento frio que nos leva mais e mais alto e resolvo abrir os olhos.

Olho para toda aquela imensidão e para o quanto tudo parece tão pequeno e imenso ao mesmo tempo. Meu coração bate acelerado e eu abro os braços me deleitando com a sensação de liberdade que me invade.

Não tem nada na minha cabeça, nenhum pensamento, nenhuma preocupação, nenhum temor... Estou apenas apreciando o quanto é delicioso ser livre.

Quando aterrissamos, logo que sou liberada de todas aquelas fivelas e cintos de segurança, vou correndo encontrar o Jay, que estava com um sorriso de orelha a orelha, capaz de iluminar o mundo inteiro.

— *Ahhhhh* — grito abraçando-o. — Obrigada, obrigada, *obrigaaadaaaa!!!* — Eu agradeço dando-lhe vários beijinhos por todo o seu rosto, ainda sentindo a adrenalina fluindo dos meus poros. — Esse foi o melhor dia da minha vida! Meu Deus, Bonito! Eu achei que iria desistir! — falo ainda animada.

— Eu sabia que você ia conseguir, Princesa! Você não iria se decepcionar assim! — Olho para ele e sinto meu coração se apaixonar por ele mais um pouquinho. É sempre assim. Todos os dias eu me apaixono um pouquinho mais e sinto esse sentimento indo e vindo entre nós. Dessa vez a via é de mão dupla. — Claro que você iria provar para si mesma do que Dayana Oliveira é capaz! — Ele fala cheio de orgulho. — Eu tenho uma namorada incrível! — grita ele e me agarra, girando-me em seus braços e começamos a rir.

— Mas eu estava morrendo de medo! — falo quando ele me coloca no chão e começamos a andar pela praia de mãos dadas.

— E mesmo assim você pulou!

— É, eu pulei — concluo cheia de orgulho de mim mesma e ele para puxando-me para dentro de seus braços, minhas costas descansando no seu peito sentindo as batidas firmes do seu coração como uma promessa.

— Eu nunca vou te magoar. — Ele fala em tom firme enquanto olhamos para o mar azul à nossa frente. — Eu sei que existem coisas que estão além de nós mesmos, mas vou dar o melhor de mim, eu prometo.

— Eu sei — digo com segurança, porque eu realmente acredito nele.

(Abre parênteses...

Estamos no shopping comprando enfeites de Natal. Esse é nosso primeiro Natal juntos e, apesar de ainda não estarmos oficialmente morando na mesma casa, decidimos montar uma árvore de natal juntos. Jay quer comprar a loja inteira e estamos discutindo porque nossa árvore não é tão grande, então não teria espaço para colocar tudo o que ele quer comprar.

Nossas brigas são sempre por bobagens e sempre acaba com a gente rindo do quanto somos ‘infantis’. Ele está fazendo bico pedindo para levarmos “só mais essa caixa com seis bolas douradas” e eu estou vencida depois de ver aqueles olhos travessos e pidões.

Fico olhando para meu ‘namorado’ e quase não sou capaz de acreditar no que estamos prestes a fazer.

Vamos nos casar.

Ele me pediu em casamento na festa de 5 anos de casamento da Mel com o Pedro, em julho. Meu Deus, como ele estava lindo! Mesmo tendo me contrariado ao recusar usar um sapato social com o terno.

— Princesa, não me obrigue, por favor! — Ele pediu com o nariz colado no meu pescoço, logo abaixo da orelha, seu lugar favorito. — Usar esse terno já é uma grande prova de amor e eu prometo te recompensar intensa e fortemente por sua compreensão quanto ao conforto dos meus pés — sussurrou ele ao meu ouvido fazendo meu corpo inteiro arrepiar com a promessa que eu sabia que ele iria cumprir.

Então, bem no meio da festa, lá estava ele de terno e All Stars, se declarando para mim e me pedindo em casamento. Mesmo com o pouco tempo em que nos conhecemos, e alguns dos nossos amigos achando que ainda era cedo, fiquei mais do que feliz em dizer sim ao pedido de casamento; e no Réveillon deste ano, iremos celebrar o sim ao meu ‘Felizes para sempre’.

Ainda estou sentindo as emoções daquele dia me preenchendo completamente quando saímos da loja. Então eu a vejo. Ela está caminhando com uma garota loira ao lado, as duas próximas o suficiente para demonstrar estarem juntas, mas sem contato algum que sugerisse que elas eram um casal, apesar de eu saber que eram apenas de olhar para elas.

Quando meus olhos encontram os da Clarissa, eu me preparo para sentir alguma coisa, mas não sinto nada.

Não tem raiva, mágoa, tristeza... Ver ela não dói.

Quando eu estava sofrendo, quando estava em meio a dor, eu acreditava que aquilo nunca iria passar, mas passou. Sempre passa.

...Fecha parênteses)

Agradecimentos

Foi um longo curto caminho até aqui. Longo porque ser escritora sempre foi meu sonho e, curto porque desde que cedi à insistência de Dayana para que eu contasse sua história, tudo aconteceu bem rápido, eu acho.

Confesso que eu pensei que essa história não sairia do meu computador. Não por achar que ela era ruim, mas por não acreditar na minha capacidade de contá-la.

Acreditar em mim mesma sempre foi muito difícil, e algumas pessoas foram cruciais para que eu finalmente o fizesse. Eu sou imensamente grata a cada uma delas que não me permitiram desistir.

Mãe (D. Regina), obrigada por ser o melhor exemplo de ser humano que eu poderia ter. Um dia quero ser ao menos metade da mulher que você é.

Andreza (Êda), obrigada por acreditar em mim, muito mais do que eu jamais consegui.

Juliana (Juuh), obrigada pelas infinitas vezes em que deixou seus problemas de lado, para mostrar que minha insegurança era descabida. “Bicha, pare.”

Amanda, obrigada por ser meu ponto de equilíbrio e não me permitir enlouquecer quando meus pensamentos não faziam sentido algum.

Bruna, a irmã que eu escolhi, muito obrigada por me apresentar o Travis! Eu jamais teria descoberto o quão delicioso é o universo da literatura se não fosse por você. Obrigada por ser minha Elisa da vida real.

Pryscyla, ainda vou escrever um livro sobre duas amigas avoadas e azaradas, e ninguém precisará saber que é baseada em fatos reais... oops!

Thalita, obrigada por nunca desistir de mim. Eu jamais teria conseguido sem você.

Débora (Diabolyn) e Denise (Izy), minhas metades da laranja! Obrigada pelo incentivo, pelos áudios de três minutos, pelas risadas e broncas, e principalmente, pela insistência dos “próximos capítulos”.

Georgea (Diva), obrigada pelas observações incríveis que enriqueceram ainda mais a história.

Foram tantos os envolvidos! Queria poder escrever mil páginas mais para contar de que maneira cada um foi essencial para a construção desse livro. No entanto, não há como, então, Elayne, Michelle (Shell), Vitória (Viuh), Victória (Vicky), Aninha, Luana (Lupita), Rafaela, minhas eternas

parceiras literárias dos tempos de Trinca Livre, vocês são incríveis! João Vitor, Wanessa (Assessora Melo), Sirlene (Siz), Laine (Pages and Seasons), Sarah (programadora que se garante), Lorena, obrigada pela força, pelas divulgações e pelo carinho. Sabrina, a melhor modelo para os quotes do livro. Dayana esteve muito bem representada.

E, por fim e não menos importante, Dayana. Muito obrigada por me contar sua história e por tudo que me ensinou com ela.

Sonhos podem sim se tornarem reais. Hoje realizo o meu. Ainda hoje, pode ser o seu.